



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
(PROFLETRAS)



SANDRO DE LIMA BASILIO

**O JORNAL DIGITAL E OUTRAS PRÁTICAS LETRADAS: UMA PROPOSTA DE
MULTILETRAMENTO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MACEIÓ
2019

SANDRO DE LIMA BASILIO

**O JORNAL DIGITAL E OUTRAS PRÁTICAS LETRADAS: UMA PROPOSTA DE
MULTILETRAMENTO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Banca de Mestrado Profissional – PROFLETRAS/FALE/UFAL, sob a orientação da Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Letras.

MACEIÓ
2019

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca
Central**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

B312j Basilio, Sandro de Lima.
O jornal digital e outras práticas letradas : uma proposta de multiletramento no
6º. ano do ensino fundamental / Sandro de Lima Basilio. – 2019.
130 f. : il. color.

Orientadora: Andréa da Silva Pereira.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 122-127..
Anexos: f. 128-130.

1. Etnologia. 2. Jornal eletrônico. 3. Letramento digital. 4. Letramento - Ensino
fundamental. I. Título.

CDU: 372.41

TERMO DE APROVAÇÃO

SANDRO DE LIMA BASILIO

Título do trabalho: “O JORNAL DIGITAL E OUTRAS PRÁTICAS LETRADAS: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”

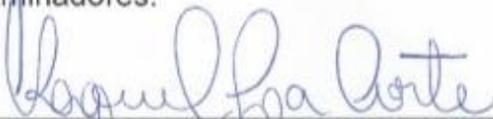
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração linguagens e letramentos, em 28 de março de 2019, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:



Profa. Dra. Andrea da Silva Pereira (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Raquel La Corte dos Santos (UFS)



Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 28 de março de 2019

AGRADECIMENTOS

A Deus pela condição de vida que me tem permitido seguir, à minha mãe pelo incentivo incondicional em toda a minha formação como docente, à minha família que é minha fortaleza: minha esposa Márcia Silva de Carvalho e meu filho Davi Alessandro de Carvalho Basílio; aos professores do programa Profletras UFAL que contribuíram significativamente para ampliar meus horizontes no mestrado profissional: Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes, Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira, Profa. Dra. Fabiana Pincho de Oliveira, Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, Profa. Dra. Lígia Ferreira, Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho e essencialmente à Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira pelas sábias palavras e orientação; a todos os amigos de turma, meus auxiliares e colaboradores que construíram juntamente comigo os alicerces para a conclusão desta pesquisa: João Paulo Holanda de Assis, Wanessa de Oliveira Silva, Melbiane Barros Saraiva, Gildilane Zacarias dos Santos, José Hébio Albuquerque Ramalho, Josefa Maria dos Santos, Maria Quitéria da Silva e em especial Karinne Michelle Florêncio da Silva pela amizade e pela valorosa ajuda. Dedico este trabalho a luta da companheira Rita de Cássia da Silva Ambrósio Paixão (*in memoriam*), que almejou nossas mesmas conquistas, porém teve seu sonho interrompido; aos amigos de profissão, amigos docentes que potencializaram as ideias desta pesquisa; aos alunos envolvidos, principal razão para a existência deste trabalho.

O processo de letramento nunca termina

Luís Carlos Travaglia

RESUMO

Esta pesquisa discute práticas pedagógicas que vinculem os conteúdos de Língua Portuguesa ao contexto social dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada em Maceió. Voltada para aspectos multimodais, esta proposta de letramento apresenta como problemas de pesquisa a metodologia docente tradicional e a necessidade de práticas letradas que possam, tendo por base a concepção social do letramento, aproximar os alunos da língua, escolhendo conteúdos para trabalho com leitura e escrita em sala de aula mais próximos de sua realidade. Levando em consideração esses problemas, a proposta pretende responder às seguintes perguntas: uma mudança de concepção de letramento como suporte para revisão da prática pedagógica pode contribuir para um contato mais significativo com a escrita? Quais as contribuições que a introdução do trabalho com a multimodalidade e com a tecnologia digital podem trazer para a produção escrita dos alunos? Como estimular uma discussão na escola envolvendo o contexto social do bairro? O objetivo principal da proposta pedagógica aplicada é trabalhar a cultura digital e outras atividades letradas na sala de aula para ampliar as práticas de letramento e promover interação social dos estudantes. Este trabalho tem como abordagem teórico-metodológica a etnografia no contexto escolar e os estudos do letramento em sua dimensão social e política, tal como propõe Street (2014). Os estudos da imagem conforme Barthes (1977), Kress e Van Leeuwen (2006), Gomes (2015), e multiletramentos Rojo (2012). Com os resultados, foi possível observar que os diversos tipos de textos escritos, os vídeos, fotos e áudios captados pelos alunos através dos celulares e publicados em um blog colaboram com uma percepção dos problemas sociais do bairro, além de contribuir com uma mudança de prática pedagógica docente. Os resultados também apontam para um excelente domínio dos estudantes aos recursos pedagógicos multimodais.

PALAVRAS-CHAVE: Mutimodalidade; Etnografia; Jornal digital.

ABSTRACT

This research discusses pedagogical practices that link the contents of Portuguese Language to the social context of students of the 6th grade of Elementary School in a public school located in Maceió. Aimed at multimodal aspects, this proposal of literacy presents as research problems the traditional teaching methodology and the need for literate practices that, based on the social conception of literacy, can bring the students closer to the language, choosing contents for work with reading and writing in the classroom closer to their reality. Taking into account these problems, the proposal intends to answer the following questions: Should a change in the conception of literacy as a support for the revision of pedagogical practice contribute to a more meaningful contact with writing? What contributions can the introduction of work with multimodality and digital technology bring to the students' written output? How to stimulate a discussion in the school involving the social context of the neighborhood? The main objective of the applied pedagogical proposal is to work the digital culture and other literate activities in the classroom to amplify the practices of literacy and to promote social interaction of the students. This work has as theoretical-methodological approach ethnography in the school context and studies of literacy in its social and political dimension, as proposed by Street (2014). The image studies according to Barthes (1977), Kress and Van Leeuwen (2006), Gomes (2015), and multiliteracies Rojo (2012). With the results, it was possible to observe that the different types of written texts, the videos, photos and audios captured by the students through cell phones and published in a blog collaborate with a perception of the social problems of the neighborhood, besides contributing with a change of practice pedagogical teaching. The results also point to an excellent mastery of students to multimodal pedagogical resources.

KEY WORDS: Mutimodality; Ethnography; Digital newspaper.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Redação de aluna	49
Figura 2 - Foto de calçada de escola	51
Figura 3 - Lixo em rua paralela à escola	57
Figura 4 – Alunas lendo textos	74
Figura 5 – Textos produzidos por alunos	76
Figura 6 – Texto produzido por aluno	78
Figura 7 – Alunos visualizando jornais.....	81
Figura 8 – Estudante na praça da Paz Celestial	82
Figura 9 – Blog Jornaurelina	84
Figura 10 – Alunos visitando laboratório de informática.....	85
Figura 11 – Fotos de rua paralela à escola	87
Figura 12 – Estudantes na exposição	90
Figura 13 – Meninas visualizando jornal	91
Figura 14 – Jornal impresso	91
Figura 15 – Alunos acessando computador	93
Figura 16 – Local com entulho	94
Figura 17– Apresentação de robótica.....	95
Figura 18 – Alunos em grupo produzindo entrevista.....	98
Figura 19 – Alunas entrevistando moradores	99
Figura 20 – Aluno entrevistando carregador de metralha	100
Figura 21 – Memes retirados da internet.....	102
Figura 22 – Alunos em grupo produzindo meme	103
Figura 23 - Meme produzido por alunos.....	104
Figura 24 – Meme produzido por alunos.....	104
Figura 25 - Meme produzido por alunos	105
Figura 26 - Meme produzido por alunos	105
Figura 27 – Socialização com os pais.....	106
Figura 28 – Aula interdisciplinar.....	115
Figura 29 - Meme produzido por alunos.....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Retrospecto da produção textual	23
Quadro 2 – Continuidade do quadro	23
Quadro 3 – Aspectos tipológicos dos gêneros textuais.....	28
Quadro 4 – Definições de letramento	32
Quadro 5 - Comparação das fases da proposta didática.....	60
Quadro 6 – Respostas dos professores ao questionário	112
Quadro 7 – Conteúdos previstos e não previstos.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GDV	Gramática de Design Visual
GNL	Grupo Nova Londres
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LA	Linguística Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SD	Sequência Didática
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 O ensino de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC.....	20
1.1.2 Os gêneros.....	26
1.1.3 Oralidade.....	30
1.2 Letramentos sociais.....	31
1.2.1 A pedagogia dos novos letramentos	37
1.3. Os estudos da imagem, da fotografia e do meme	40
1.3.1 Letramento visual.....	46
Capítulo 2 – METODOLOGIA.....	52
2.1 Concepções de educação.....	52
2.2 A abordagem etnográfica para o trabalho do cotidiano escolar.....	54
2.3 O contexto da pesquisa.....	56
2.4 Os procedimentos de geração de registro.....	57
2.5 A proposta didática	59
Capítulo 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	70
3.1 Análise do processo da metodologia de exploração	70
3.1.2 A primeira proposta didática.....	71
3.1.3 A segunda proposta didática.....	96
3.1.4 A terceira proposta didática.....	106
3.2 Análise do produto da metodologia de exploração	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS	129

INTRODUÇÃO

Leciono em escola pública há 12 anos. Observo meus alunos e me imagino num passado não tão distante, em que estudei em uma das escolas do governo mais conhecidas do bairro do Vergel do Lago em Maceió. Nessa escola, vivia brincando nos seus arredores devido à proximidade que ela tinha da minha casa, também outro fator para que eu de lá me tornasse aluno. Quando eu era adolescente, reunia-me com os amigos tentando liderar e organizar as brincadeiras. Nas minhas recordações, já surgia ali um gosto, quase mesmo uma paixão, por ajudar meus colegas. Mais tarde, ingressei numa escola municipal que oferecia o curso de Magistério na conclusão do ensino médio e foi nesse período que desenvolvi a simpatia pela docência.

Recebi nesse curso de formação docente as primeiras noções de pedagogia em sala de aula, ainda não sabendo bem se era definitivamente aquilo que me aguardava, se teria como profissão o ofício de ser professor, no entanto participei daqueles momentos e comecei a me identificar principalmente com o ensino de língua portuguesa. Lembrei-me dos muitos momentos que fiz diversas indagações sobre a metodologia de alguns professores no ensino básico, poucos profissionais que considerei tendo posturas inadequadas, procedimentos inapropriados, contudo decidi me inspirar naqueles profissionais que eram considerados exemplos. Mais tarde, com o ingresso na faculdade de Letras na UFAL, eu não tinha mais dúvidas, escolhi meu futuro desde o momento do primeiro convite para ensinar no ensino privado.

Minhas primeiras preocupações eram tentar manter uma postura coerente com o ofício, ser alguém que, além de inspirar, trabalharia voltado para atender as demandas pedagógicas. Não sei exatamente até que ponto isso foi verdadeiro, pois a imaturidade nos faz pensar que estamos trabalhando de forma satisfatória e ideal. Descobri que precisaria de muita experiência para poder entender as mudanças nas práticas pedagógicas.

Procurando estabilidade, ingressei no serviço público estadual e acabei me tornando professor da escola que fez parte da minha infância: a escola estadual analisada neste trabalho. Dessa vez voltava com olhar diferente, modificado pela pouca experiência que tinha com o ensino. Minha curiosidade era também encontrar histórias dos estudantes que também passaram pelo mesmo lugar, para assim lembrar que a escola nos ajudou.

Como profissional, tenho procurado sempre me despertar para o que há de novo e considerar que meu trabalho é um contínuo aprendizado. Dessa forma, percebi que há uma série de fatores que interferem na realidade do ensino, como falta de estrutura nas escolas públicas e necessidade de capacitação por parte do professor. O docente precisa desenvolver um trabalho de conhecimento dos diversos tipos de alunos, cada um com uma história de vida, a maioria marcada pelas questões sociais mais sérias de um bairro de periferia: desestrutura familiar, envolvimento com drogas e violência.

Atualmente, sou professor de uma turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual em Maceió. Ela apresenta 14 salas de aulas, em média cada uma com 50 alunos, uma pequena biblioteca que mal funciona para os estudantes, um laboratório de informática recém-aberto e um laboratório de ciências desativado. O quadro de professores da referida escola é composto, em sua maioria, por professores temporários. De certa forma, há uma inquietação pelas diferenças trabalhistas entre docentes efetivos e temporários que acabam interferindo no desempenho coletivo de algumas ações promovidas pela escola, como a não participação em projetos.

O perfil dos alunos que ingressam na escola é o de que dominam de forma precária a escrita e apresentam objeções de leitura. Essas observações estão ligadas não apenas as questões pedagógicas, mas, e sobretudo, ao entorno que envolve a realidade sociocultural e política dos alunos. Estou, aos poucos agora no mestrado, aprendendo a enxergar que a língua é mais uma entidade política e social do que propriamente linguística no que diz respeito ao uso (FARACO, 2008, p. 34).

Durante anos, venho percebendo que os problemas identificados como dificuldades de leitura e escrita são transferidos para a série seguinte, tornando-se uma preocupação coletiva.

A atividade docente que desenvolvo caiu nas mesmas entranhas que a maioria dos professores relatavam: problemas estruturais das escolas, falta de estímulo dos alunos, falta de material didático e um público cada vez mais desinteressado. O que considerava ser fruto de mudanças positivas da didática ao longo dos anos de minha experiência como professor, era a repetição de uma prática docente que, além de não autoavaliativa, colocava o aluno como um simples receptor daquilo que eu acreditava ser verdade.

Desenvolvo, por exemplo, uma prática docente com uso demasiado do quadro negro e a metodologia nem sempre estimula discussões por parte dos alunos sobre os assuntos abordados em sala de aula, “o letramento ficou associado às noções educacionais de Ensino e Aprendizagem e àquilo que professores e alunos fazem nas escolas, em detrimento dos vários outros usos” (STREET, 2014 p. 122). Vejo-me envolvido priorizando o que a escola entende ser o mais importante, não raras vezes aspectos burocráticos. É bem verdade que a escola tem sido contemplada com alguns projetos, porém em alguns não há relação com o contexto sociocultural dos alunos.

De modo geral, nossos alunos estão presentes na escola, mas a maioria é indiferente ao que é proposto por nós, professores. Nas ações sugeridas pela instituição, por exemplo, a) os chamados “aulões” para a Prova Brasil e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); b) os encontros combinados aos sábados de reforço para esse exame, c) o preparo para participação para as Olimpíadas de Matemática, entre outros, não despertam interesse nos alunos. Por mais importante que possam ser, as provas externas não parecem fazer sentido para eles.

É importante ressaltar que o cotidiano escolar é também marcado pelos visíveis problemas familiares dos alunos, pela falta de interesse nas aulas, pela dificuldade dos professores em trabalhar com turmas superlotadas. Por outro lado, há uma preocupação pessoal em tentar minimizar os problemas elencados, porém se tornam difíceis quando outras questões estão atreladas como a falta de ações pedagógicas que tragam a família para dialogar com a escola, aulas que não satisfazem por completo os anseios dos alunos e a falta de atenção especial dada a cada aluno em particular.

Por isso, acredito que tais aspectos estão relacionados não só ao público presente na escola, como também à metodologia utilizada pelo professor e também às ações pedagógicas da escola que não contemplam minimizar os problemas. Não há espaço para a voz dos alunos; espera-se que esta pesquisa promova tal participação dos estudantes.

A partir desse relato, flagro-me diante da necessidade de uma mudança das práticas pedagógicas para repensar essa realidade envolvendo a inter-relação professor/aluno/conhecimento.

Com tantos questionamentos e uma vida voltada para o ensino, não posso apenas assistir a tantos problemas e desencontros pedagógicos nos quais estou inserido

como professor sem me atualizar, sem contribuir com um olhar mais autocrítico. Aceitando o desafio de revisar a minha prática docente, ingresso no Profletras com essa postura de repensar minha sala de aula. Uma ideia fascinante que coloca o professor, tão atarefado e preocupado em ganhar a vida, numa perspectiva atual de discussão do que é mais urgente e significativo na sua profissão.

Iniciei minha pesquisa de campo no PROFLETRAS a partir de três bases teórico-metodológicas. A primeira delas veio pelos estudos de Street (2014) que, propondo uma abordagem social de Letramento, desafiou-me a começar a repensar minha prática docente de leitura e escrita com meus alunos considerando a natureza ideológica da linguagem. Preparei uma proposta didática para a fase metodológica inicial de exploração que pudesse, tendo por base a concepção social do letramento, aproximar os alunos da língua, escolhendo conteúdos para trabalho com leitura e escrita em sala de aula mais próximos de sua realidade.

Contribuindo com essa ideia de aproximação, lancei mão da Pedagogia dos Multiletramentos. Nesse primeiro momento exploratório, entrei em contato com essa concepção por meio de contribuição de Rojo (2012), que, por meio de traduções dos trabalhos do Grupo de Nova Londres, tem sido a estudiosa responsável por divulgar os trabalhos do Grupo.

Não menos importante e compondo a base teórica-metodológica de minha pesquisa é a escolha da abordagem etnográfica para os estudos do cotidiano escolar. Esse enfoque vem ao encontro das concepções anteriormente citadas, uma vez que colocam o “outro” do nosso aluno, isto é, o contexto no qual está inserido, como foco para, a partir dele, propormos projetos de mudança.

Além desses três suportes norteadores, uma percepção pessoal também constituiu o cerne dessa minha proposta didática exploratória: minha percepção sobre algumas questões que envolvem o bairro, especialmente relacionadas ao depósito de lixo e à Lagoa Mundaú, e a importância de os alunos adotarem uma postura crítica em relação a essa questão.

A postura apresentada pelos estudantes é também um reflexo da realidade social em que o bairro se encontra: problemas relacionados à violência, questões relativas à habitação envolvendo os moradores da beira da lagoa, a não importância à natureza do bairro, tudo isso tem relação para que o contexto do local seja

corresponsável pela desvalorização da escola. No entanto, ainda mais agravante é o fato de a escola não se planejar para atender os anseios desse público, apresentando um modelo de ensino que não oferece infraestrutura física em seus prédios e ainda oferece um trabalho pedagógico aquém do deveria ser necessário.

Com isso, a ausência desse posicionamento crítico dos moradores pode estar pautada na pouca orientação passada pelas escolas e a ausência de ações enérgicas do poder público. A instituição escolar, que apresenta um modelo tradicional de educação, não traz motivação nem uma perspectiva de um trabalho voltado para a realidade social dos educandos, a integração que faltava para mudar o quadro de desmotivação estava visivelmente prejudicada pela falta de elo entre a comunidade e a escola porque esta não soube planejar-se o diálogo com a sociedade, vinculando o currículo a conteúdos que não proporcionam ao cidadão participação nem criticidade.

Dessa forma, o que é importante para a postura, enquanto professor desta pesquisa, é oferecer uma prática que investigue esses aspectos e que oriente não só os alunos, mas também a comunidade escolar no sentido de fazê-los perceber o que realmente poderia ser considerado, que reflexões a respeito da realidade social a escola traria para discussão.

A partir de então, comecei a pensar na hipótese de investigar como os alunos e a comunidade veem o lugar em que moram, há um terreno fértil que a escola não trabalha, além disso, percebi que era de fundamental importância práticas de escrita, no que concerne letramento e multiletramentos e assim ver a socialização com um caminho importante para entender o contexto social.

Na tentativa de estudar como os aprendizes, que são moradores deste bairro, desenvolveriam a capacidade leitora e as habilidades de escrita, pensei em envolvê-los ainda mais nas práticas de multiletramentos. Levei em conta que atualmente há uma variedade de modos de comunicação existente e nossos alunos usam demasiadamente recursos tecnológicos que apresentam a multimodalidade textual. As postagens na internet, como fotos e vídeos, apesar de serem comuns hoje na vida dos alunos, são novas quando se percebe que é a escola quem as trabalha, quem as ensina.

No que se refere à natureza da pesquisa, a etnografia, segundo André (2012, p. 27), é a descrição cultural, desenvolvida por antropólogos para analisar a cultura e a sociedade. A educação é o foco desse processo e o comportamento dos alunos, dos

professores, da escola devem servir de apontamento nesses estudos. A coleta de dados e a interpretação servem de subsídio para o pesquisador definir a pesquisa como qualitativa do tipo participante e de cunho etnográfico.

A interação do pesquisador no contexto da pesquisa e a elaboração de uma proposta didática, permitirá, a partir dos questionamentos, um trabalho voltado para a transformação da realidade. A observação social feita nessa pesquisa tenta inserir os alunos numa prática pedagógica que contextualize os conteúdos de Língua Portuguesa com o bairro e que moram e com suas principais observações.

Diante desse contexto, apresento as seguintes questões de pesquisa:

- Uma mudança de concepção de letramento como suporte para revisão da prática pedagógica pode contribuir para um contato mais significativo com a escrita?
- Quais as contribuições que a introdução do trabalho com a multimodalidade e com a tecnologia digital podem trazer para a produção escrita dos alunos?
- Como estimular uma discussão na escola envolvendo o contexto social do bairro?

O objetivo geral da presente proposta didática é:

Trabalhar a cultura digital e outras atividades letradas na sala de aula para ampliar as práticas de letramento de alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Os objetivos específicos:

Estimular a utilização dos recursos digitais para discutir alguns problemas relacionados ao bairro.

Desenvolver um jornal digital, em um blog coletivo visando um trabalho de produção textual voltado para aspectos multimodais e multiculturais.

Para que a produção de alguns gêneros textuais pelos alunos seja mostrada e disponibilizada para leitura, a criação de um suporte amplo como o blog servirá de veículo de discussão dos problemas elencados pelos participantes da pesquisa, a escolha deste suporte foi motivada por duas razões: a primeira, para trabalhar a cultura digital, envolvendo os aspectos do letramento digital em sala de aula; a segunda, para servir de repositório de todo material produzido pelos estudantes.

Esta pesquisa está organizada em três capítulos: o primeiro aborda o ensino contemporâneo de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC, os gêneros, a oralidade, o

conceito de letramentos sociais, a pedagogia dos novos letramentos, o estudo da imagem, da fotografia e do meme, o letramento visual; o segundo, a concepção de educação, a abordagem etnografia para o trabalho do cotidiano escolar, o contexto e a natureza da pesquisa, os procedimentos de geração dos registros e a proposta didática; o terceiro, a análise e discussão dos dados.

Capítulo 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente seção, serão apresentadas as perspectivas teóricas que sustentam a presente pesquisa. Em 1.1 o ensino de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC, início com uma reflexão sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a fim de contextualizar a orientação nacional para o ensino de Língua Portuguesa proposta ao final dos anos 90. Em seguida, apresento detalhes sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Focalizo como a escola estadual se posiciona em relação a tal proposta e descrevo o que normalmente é feito na Disciplina de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental. Apresento também estudos sobre os gêneros textuais e oralidade.

Na sequência, apresento as duas bases teóricas que dão sustento à minha proposta didática. Em, 1.2. trago a abordagem social de letramento tal como proposta por Street (2014). Para tanto, discorro sobre as noções de abordagens do letramento colonial, dominante e autônomo, tal como propõe Street, que são fundamentais para a compreensão do conceito de letramento ideológico, que dará base para meu estudo.

Em seguida, 1.2.1, discuto os teóricos que trabalham com os multiletramentos: Rojo (2012); e em 1.3 os estudos da imagem: Barthes (1977), Joly (2007), Gomes (2015) e o letramento visual em 1.3.1 com Kress e Van Leeuwen (2006).

1.1 – O ensino de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC

As capacitações para professores de Língua Portuguesa sempre enfatizam que uma das principais preocupações deveria ser desenvolver a competência leitora dos alunos. Os baixos níveis de proficiência leitora dos estudantes do ensino fundamental estão relacionados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Com o objetivo de minimizar esse problema, os documentos oficiais, a saber PCN e, mais recentemente, a BNCC, propõem que os alunos tenham acesso à diversidade de textos que circulam no meio social, cabendo à escola ser corresponsável pela melhoria da qualidade do ensino, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa.

Na metade da década de 1990, formulou-se então a primeira versão dos PCN em nível nacional a partir dos estudos de professores, técnicos, especialistas e educadores, a reelaboração foi proposta com diversos encontros regionais e apontaram a

necessidade de uma política de implementação da proposta educacional inicialmente explicitada.

Em 1998, os PCN foram instituídos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como diretrizes para o ensino básico, procurando respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas do Brasil, concomitantemente tentando criar um referencial comum à nação.

A função dos PCN é orientar e garantir contextos e discussões pedagógicas recentes à época, como também é buscar garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações para servir de apoio à prática pedagógica.

Duas décadas depois da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é possível notar uma grande mudança no direcionamento dados aos estudos de Língua Portuguesa no ensino básico, no entanto ainda é perceptível falhas na compreensão dos mais variados textos, no que se refere à leitura e principalmente no que concerne à escrita.

Conforme Rojo (2000, p. 30), em pesquisas sobre os PCN realizadas no fim da década de 90, as propostas teórico-pedagógicas dos PCN e a implementação da prática das mesmas apresentam problemas

Ora, esta proposta de organização curricular exige dos órgãos educacionais estatais providências no sentido de uma efetiva reorganização da formação inicial e contínua dos professores, que inclua revisões curriculares dos Cursos de Letras e das disciplinas de Prática de Ensino, e projetos que viabilizem uma formação em serviço dos atuais professores de LP realmente contínua.

Um dos problemas citados por Rojo (2000, p.33) corresponde à formação do professor para a elaboração de projetos de ensino-aprendizagem. Essa metodologia tem sido substituída, segundo a autora, pela adoção de um livro didático “que passa a ditar os objetivos de ensino e a configurar o projeto de ensino-aprendizagem”.

Muitas discrepâncias são percebidas no cenário educacional alagoano, por exemplo, no que se refere às recomendações dos documentos oficiais. Só para lembrar uma delas é a formação continuada de professores que não é proporcionada aos docentes. A metodologia apoiada somente no livro didático é muito comum na sala de aula porque se torna mais cômodo para alguns professores. Unir a prática pedagógica mencionada nos documentos oficiais à realidade em sala de aula tem sido desafiador.

No próprio documento oficial, é mencionada a necessidade de mudança “o ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país” (BRASIL, 1998, p.17), como imposição da necessidade de políticas de avanço aos países de terceiro mundo. Isso nos mostra uma preocupação do governo, uma resposta às necessidades de mudança tão apontadas pela sociedade.

Muitos foram os avanços proporcionados aos estudantes com a chegada dos PCN, reflexões sobre o uso da língua, suas variações e uso oral, tendo maior significância para os alunos, além da inserção das TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) no contexto escolar. Porém ainda são corriqueiros relatos de professores que trabalham sem nenhuma infraestrutura, o que nos faz constatar que a realidade de alguns locais ainda apresenta um quadro que necessita de mudanças.

Outrossim, o ensino de Língua Portuguesa nas escolas ignora o uso da língua falada pelos alunos, o que contraria as orientações propostas pelos documentos oficiais. De qualquer forma, as contribuições advindas dos estudos dos PCN são importantes porque orientam os docentes e atualizam o ensino ligando as instituições de ensino às práticas sociais.

Outra abordagem importante trazida pelos PCN diz respeito aos temas transversais, que por sua vez abordam questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea, expressam basicamente conceitos e valores à democracia. A expressividade de temas sociais na escola proporciona aos estudantes a compreensão da oralidade e da escrita em situações de participação social, desenvolvendo técnica transformadora e construtiva.

Por tratarem de questões sociais contemporâneas, que tocam profundamente o exercício de cidadania, os temas transversais oferecem inúmeras possibilidades para o uso vivo da palavra, permitindo muitas articulações com a área de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 40).

A interdisciplinaridade é outro aspecto importante nessa abordagem, a possibilidade de trabalhar com a união de outras disciplinas é essencial, a utilização da interdisciplinaridade como forma de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento é uma das propostas apresentadas pelos PCN.

Todos esses aspectos como temas transversais, interdisciplinaridade e uso das novas tecnologias serão abordados nesta pesquisa e seriam importantes se de fato estivessem sendo trabalhados nas escolas, os avanços não estão em uma perspectiva inclusiva, não engloba todas as localidades. As práticas pedagógicas de décadas anteriores ainda continuam por acontecer, por exemplo, a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto, muito comum na escola pública que será aqui apresentada.

Comparando a utilização da escrita na produção textual, por exemplo, a linguista (MARCUSCHI, 2010, p. 65) oferece um quadro expondo as mudanças significativas no ensino escolar da produção de textos no decorrer do século XX. Apresento-as no quadro a seguir e agrego outro quadro dando continuidade à noção de produção textual até a chegada da BNCC:

Quadro 1 – Retrospecto da Produção textual

Início do século XX	Saber utilizar a escrita correta
Até os anos 50	Enfatiza-se a apreciação de modelos clássicos
Anos 60 e 70	Técnica de redação e os tipos de textos
Anos 80	Privilégio da expressão e aspectos formais do texto

Quadro 2 – Continuidade do Retrospecto da Produção textual

Anos 90	Produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Análise e reflexão sobre a língua. Produzir textos, em situação de participação social. (PCNs, 1998:46)
Anos 2000	Necessidade de reflexão sobre a linguagem no trabalho com textos sociais, o texto passa a ser visto como a unidade básica do ensino, em detrimento do trabalho com frases soltas e descontextualizadas.
Com a BNCC(2018)	Engajamento nas produções textuais em situações

	reais em textos verbo-visuais, multimodais em constante reflexão sobre a variação linguística nas práticas sociais da linguagem.
--	--

Conforme mostram os quadros, percebe-se que, a partir da década de 90, os PCN representam um salto em que tenta colocar o estudo da língua de forma dinâmica em relação às décadas anteriores, tendo vista o contexto social da época.

[...] espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 32)

Outro documento oficial formulado com o propósito de contribuir para a construção de ensino voltado para diferentes linguagens e diferentes letramentos e em consonância com práticas de linguagem modernas foi a BNCC.

Para orientar a educação no Brasil, a BNCC foi criada a partir da elaboração de um conjunto de aprendizagens essenciais, encaminhadas logo após citação no Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014. O PNE, documento que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos, orientava para a criação de diretrizes pedagógicas para a educação básica a que todos os cidadãos têm direito e seu objetivo é garantir o acesso aos mesmos conteúdos nas escolas de todo o país.

Com o advento da BNCC, espera-se a construção de propostas curriculares que garantam aos alunos acesso ao mesmo conteúdo nas escolas de todo o país. Organizada por competências e habilidades, este documento oficial visa à transformação social e não exclui os documentos oficiais citados anteriormente.

Como competência geral, a cultura digital é contemplada, ampliando os letramentos: a leitura, produção textual e oralidade.

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p. 71)

A ênfase na cultura digital é percebida em toda a leitura do documento. No eixo produção textual, um dos objetivos às práticas de uso e reflexão instrui:

Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e *hiperlinks*, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital). (BRASIL, 2017, p. 75)

Elaborada à luz do que propõem os PCN, a BNCC determina com mais clareza e especificidade os objetivos de aprendizagem. Ao contrário dos PCN que eram orientadores, a BNCC passa a ser obrigatória.

Com pouco destaque à norma culta e mais ênfase na escrita, a BNCC orienta a utilização de vários gêneros textuais na sala de aula, apresentando condições de produção de textos vinculados às práticas sociais e destacando a postura crítica dos estudantes. Ademais, as leituras não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, os conteúdos são associados às práticas de linguagem, proporcionando reflexão, criticidade a respeito do funcionamento da língua.

O documento é importante, mas não deve ser visto como transformador da realidade brasileira. É de fundamental importância refletir sobre o que deve ser feito nas escolas que não desenvolvem um trabalho com a cultura digital, devido às más condições de trabalho oferecido aos docentes e também à resistência de alguns professores quanto ao uso da tecnologia. Proporcionar recursos necessários aos docentes para atendimento às exigências da BNCC é fundamental, como capacitação e melhoria nas escolas.

Todavia ainda há muito reflexo de uma metodologia que contempla antigas concepções de trabalho com o texto, não raras vezes, ainda a visão do começo do século XX. Utilizar a produção textual conforme a BNCC tem sido apresentada de maneira lenta na sala de aula, porque esse é o processo, mas é importante observar que muitos profissionais de sala de aula ainda trabalham por conta própria, levando em consideração aquilo que eles aprenderam em décadas anteriores e que acreditam que ainda sirvam para o público de hoje.

Esse por exemplo é o perfil da escola em que trabalho e lá o ensino de Língua Portuguesa tem passado pela mesma metodologia de outrora: uso demasiado do quadro branco como se fosse o único recurso disponível, professores que apresentam resistência ao uso das novas tecnologias, docentes como únicos detentores do conhecimento, proibição do uso de multimídias pelos alunos, passividade sem direito a questionamentos por parte dos estudantes.

Para que seja possível pensar em ajustes do ensino de uma disciplina na escola pública, devemos contemplar o referencial apresentado como um guia se o mesmo estiver de acordo com a realidade local, pois o ensino passa por transformações importantes, como sugestões apontadas pela BNCC, e o professor, como uma das peças principais nesse processo, deve garantir uma prática na sala de aula que considere a realidade e a diversidade tão comum observada atualmente.

Também é necessário apresentar condições necessárias à mudança das práticas pedagógicas, pois a necessidade de modificação dos índices inaceitáveis de fracasso escolar é fruto de uma imposição que não levou em conta a realidade frustrante das escolas públicas do Brasil a fora.

1.1.2 Os Gêneros

Gênero textual ou gênero discursivo são expressões muitas vezes tomadas numa relação de sinonímia, no entanto é importante aqui lembrarmos que os gêneros ligados a um contexto mais amplo e a certa atividade são trabalhados de duas formas: há teóricos que usam a nomenclatura gêneros textuais, correspondendo ao texto nas suas atividades múltiplas como Marcuschi (2002) e outra abordagem que leva à relação do texto com questões políticas, históricas, chamada gênero do discurso conforme Bakhtin (1997).

Na vida diária, encontramos diversas situações comunicativas, chamadas de gêneros textuais, que conforme Marcuschi (2002) possuem características sociocomunicativas. Os PCN proporcionaram uma boa repercussão no campo educacional quando inseriram essa noção nos livros didáticos, divulgando a importância dos gêneros textuais para desenvolver a competência comunicativa. A definição de gênero está relacionada a situações vinculadas à vida social e cultural, fenômenos históricos materializados em forma de texto.

pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fizemos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. (MARCUSCHI, 2002, p. 15)

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é entendida com o sujeito no papel de destaque em qualquer situação de interação. Nessa abordagem, Bakhtin traz a noção de

língua como discurso, ou seja, como diálogo, desenvolvendo o conceito de dialogismo ou relação dialógica entre os textos. Também traz a enunciação, entendida como produto da interação que ocorre em um contexto socioideológico, em que a orientação social norteia a atividade mental. Marcuschi (2002, p. 3) comenta que “esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva”.

Relaciono os estudos acima para mostrar a importância dessas teorias, todavia delimitarei a minha preocupação com os gêneros numa perspectiva relacionada aos PCN, contextualizando com as demandas advindas dos alunos. Os gêneros me interessam como objeto de ensino na perspectiva de um trabalho voltado para a realidade e com propósito de descoberta. A escola tem a finalidade de trabalhar as atividades comunicativas do dia-a-dia e a abordagem dos gêneros textuais está muito presente.

A noção de texto durante muito tempo orientou o ensino da língua, o que era apenas linguístico tornou-se objeto de comunicação e sua abrangência foi além do código verbal, comportando várias linguagens. Segundo Bakhtin (1997, p. 279), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.” Assim, as diversas práticas de linguagem: leitura, escuta, produção de textos oral e escrita entre outros, são definidas de acordo com a finalidade específica no contexto social.

Bakhtin (1997) diz que a quantidade de gêneros é quase infinita. Segundo Marcuschi (2002, p. 1) “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.”

Nas diretrizes dos PCN, o enfoque aos gêneros textuais é dado conforme sua relevância social

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. (BRASIL, 1998, p. 21)

Neste sentido, quando o assunto é comunicação os gêneros textuais cumprem uma função social importante em meio as suas peculiaridades. A infinidade de situações

comunicativas exige de nós um comportamento linguístico específico, permitindo interação com as pessoas de acordo com o momento e o contexto.

Conforme Marcuschi (2002, p. 3), “a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade.” Sendo assim, os gêneros textuais promovem uma interação de acordo com o contexto, função e finalidade. Ainda consoante Marcuschi (2002), os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Com os PCN em 1998, os gêneros textuais ganharam notoriedade nos livros didáticos e na escola. A seleção e escolha dos gêneros textuais passaram a ser em função da circulação social e que estão no cotidiano dos estudantes. Já nos estudos de Schneuwly (2004, p. 60) os gêneros são agrupados em função das capacidades de linguagem que constituem as práticas de usos da língua, conforme tabela abaixo:

Quadro 3 – Aspectos Tipológicos dos Gêneros Textuais

Domínios sociais de comunicação	Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso, Fábula, Lenda Narrativa de aventura, Narrativa de ficção científica, Narrativa de enigma, Novela fantástica, Conto parodiado...
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	Relato de experiência vivida, Relato de viagem, Testemunho, Curriculum vitae, Notícia, Reportagem, Crônica esportiva, Ensaio biográfico...
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.	Texto de opinião, Diálogo argumentativo, Carta do leitor, Carta de reclamação, Deliberação informal, Debate regrado,

		Discurso de defesa, (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário, Conferência, Artigo ou verbete de enciclopédia, Entrevista de especialista, Tomada de notas, Resumo de textos “expositivos” ou explicativos, Relatório científico, Relato de experiência científica...
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem, Receita, Regulamento, Regras de jogo, Instruções de uso, Instruções...

Com os avanços tecnológicos, os meios de comunicação acabaram modificando e criando algumas formas de linguagem. Há uma instabilidade nos formatos textuais, variações que fazem a dinâmica da produção textual. Na escola, os estudos dos gêneros textuais também são marcados por uma mudança no contexto comunicativo. SCHNEUWLY (2004, p. 179) comenta que “quando um gênero textual entra na escola, produz um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem”. Trazendo a noção de que os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referência quando ensináveis. Já na sociedade, a grande demanda de textos deriva de incontáveis situações de comunicação.

os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. MARCUSCHI (2002, p. 2)

Os gêneros textuais se caracterizam pelos seus aspectos sociocomunicativos e funcionais e sempre estiveram presentes nas produções textuais da escola. O desafio nesse estudo sempre foi proporcionar aos estudantes o acesso a vários gêneros, entendendo sua finalidade e sua composição. Possibilitar o reconhecimento dos gêneros

textuais ou fazer com que os alunos desenvolvam sua competência metagenérica é uma tarefa importante do professor de Língua Portuguesa.

1.1.3 A oralidade

Já foi o tempo em que a oralidade era considerada como prática menor. Hoje, é constituída como parte fundamental para formar os alunos. Num mundo pautado por diversas modalidades de comunicação isso é importante.

Muitos estudos a respeito da oralidade foram desenvolvidos por linguistas ao longo do tempo, concomitante a isso, sempre entrou em discussão a dicotomia oralidade e escrita. Nesta pesquisa, quero trazer a noção de oralidade como objeto de ensino no desenvolvimento das práticas comunicativas dos alunos em sala de aula. Para tanto, resumidamente quero apresentar algumas observações sobre esses estudos e considerar a importância da oralidade neste trabalho.

Quando comparamos oralidade e escrita é bem provável que tenhamos mais destaque das atividades de escrita, pois ao longo da história ela tem se tornado uma prática social muito valorizada principalmente na escola.

Dentro desse contexto, é importante observar o que afirma Marcuschi (1995, p. 120)

Mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e escrita, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e escrita como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e oral) de um modo geral.

Marcuschi (1995) ainda faz uma reflexão a respeito da dessa dicotomia entre oralidade e escrita. Utilizada em contextos do dia a dia, a fala é adquirida naturalmente; a escrita foi institucionalizada na escola e sendo adquirida em contextos formais, sendo assim possível observar a escrita em quase todas as práticas sociais da sociedade.

Se indagarmos muitos professores sobre o trabalho com os gêneros da oralidade é bem provável que eles digam que não os utilizam em sala de aula. É por essa razão que considero importante o uso de entrevistas, debates, exposições e outros gêneros que pertencem à oralidade.

Cabe a escola promover atividades que desenvolvam a linguagem oral que está presente, por exemplo, em vários campos da vida social do estudante. Os livros didáticos e os documentos oficiais já discutem o assunto. A BNCC aborda e um dos seus objetivos relatar, com coerência, experiências vividas, usando diferentes elementos que marquem a passagem do tempo. Em muitas dessas situações promover a interação é o que se cogita como mais importante.

1.2. Letramentos sociais

A educação brasileira está passando por mudanças nos últimos tempos. Além de propagar a universalização do ensino, a criação dos documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os PCN e posteriormente a BNCC promoveu mudanças significativas, segundo o Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos

O modelo de financiamento da educação no Brasil é um dos destaques do Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2013-2014, lançado mundialmente nesta quarta-feira, 29, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). De acordo com o documento, reformas ao longo das últimas décadas e a forma como os recursos são distribuídos entre as unidades da federação são fatores que contribuem para a redução das diferenças regionais do ensino no país. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2014).

No entanto, os grandes avanços ainda estão sendo confrontados cotidianamente com os graves problemas históricos da educação brasileira como o analfabetismo, a evasão escolar, infraestrutura, capacitação de professores entre outros.

Ainda assim, os novos desafios são garantir uma educação de qualidade para todos, acompanhar as mudanças e diminuir os índices que preocupam a educação, entre eles a evasão escolar e a repetência. As novas tecnologias, por exemplo, se tornaram parte do cotidiano das pessoas e a escola tenta avançar no caminho de oferecer uma educação voltada para os anseios da sociedade.

A sociedade mudou, os alunos se transformaram e os motivos revelam uma sociedade mais tecnológica, com acesso a conteúdos que eram exclusivos de domínio do professor. Este, como um agente ativo nesse processo, deveria vivenciar e acompanhar essas mudanças no cotidiano. É assim que muitos se perguntam: como as práticas de letramento vão acompanhar essas transformações?

O que se designa como letramento¹ surgiu numa perspectiva para denominar fenômenos distintos ao que era considerado alfabetização, em que a forma mecânica de assimilação da escrita deveria ser a habilidade dominada pelos aprendizes. Alfabetização e letramento não são processos independentes, é possível afirmar que a criança se alfabetiza no contexto do letramento.

Segundo Soares (2010, p. 19), não há uma expressão que indique o contrário de analfabeto, “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”.

Sendo assim, “Etimologicamente, a palavra literacy vem do latim litera (letra), com o sufixo cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. (...) Ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. (SOARES, 2010, p. 17)

Muitas definições de letramento apresentam a língua escrita em práticas sociais e é esse caráter social que o distingue da alfabetização, fazendo da escrita um recurso de conhecimento de mundo. Sendo uma atividade social, um letramento pode ser considerado imposto socialmente e se origina das demandas e instituições dominantes, porém há também formas originadas de situações cotidianas quando têm propósitos para as pessoas.

Para ilustrar algumas considerações sobre letramento apresento o quadro a seguir divulgado por (LUZ, 2005):

Quadro4 – Definições de Letramento

AUTOR	DEFINIÇÕES DE LETRAMENTO
Cavalcanti in: Cox e Assis-Peterson (2003, p. 107)	Letramento é “um conjunto plural de práticas sociais que envolvem modos de falar, interagir, pensar, avaliar e acreditar”.
Kleiman (2003, p. 19)	Trata-se de “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.
Signorini (2001, p. 8/9)	Letramento é visto “enquanto conjunto de

¹Conforme Soares (2010, p.15), “uma das primeiras ocorrências está no livro de Mary Kato de 1986 (no mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística).”

	práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e linguístico-discursiva, como também social e político-ideológica”.
Signorini (2001, p. 124)	Letramento é o “conjunto de ações e atividades orientadas para a interação social, que envolvem o uso da leitura e da escrita e que integram a dinâmica da vida cotidiana dos indivíduos e dos grupos de uma dada comunidade, ou de diferentes comunidades”.
Soares (1999, p. 47)	“Estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.
Tfouni (1995, p. 09)	Letramento “focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita...”.
Tfouni (2001, p. 78)	Letramento está relacionado a um “conhecimento sobre a escrita que as pessoas dominam mesmo sem saber ler e escrever, que é adquirido desde que estas estejam inseridas em uma sociedade letrada”.
Matêncio (2002, p. 44)	Letramento são todas “as interações que se constituem por meio da palavra escrita”.
Sérgio R. Costa (2000,p. 15)	Letramento ligado à “concepção paulofreiriana ampla de alfabetização (Freire, 1966/1980): desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva de sujeito, para que ele possa ter acesso à cultura e se liberte como cidadão. Portanto um processo (ou uma prática) social/coletivo de democratização do saber”.

Barton (1994, p. 19)	Letramento visto como “visões mais abrangentes de leitura e de escrita, e que, como tal, é aplicado em diversas disciplinas e em frases como: letramento emergente, usadas em educação”.
----------------------	--

Para contribuir com as pesquisas sobre letramento, faço menção às aulas do Profletras, onde pude conhecer melhor os estudos sobre letramento através das obras de Terzi (2007) e Street (2014). Dentre as definições, destaco: letramento, pois, é, no contexto social vivido pelas pessoas, a habilidade de uso da leitura e escrita e são práticas sócias que contribuem para a transformação social. Street (2014, p. 19) aborda as práticas letradas com a noção de “língua real”, onde eventos de letramento são concretos e não idealizados: “a leitura e a escrita são inseridas aqui em práticas sociais e linguísticas reais que lhes confere significado”.

As concepções de letramento discutidas por Street (2014) orientaram diversas pesquisas devido ao enfoque social. Os impactos sociais da língua escrita chamaram a atenção de Kleiman (1995). Para a pesquisadora, o letramento se constitui como um conjunto de atividades que se origina no interesse real na vida dos alunos, porém coloca em evidência que práticas de letramento dentro e fora da escola apresentam distanciamento.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de Letramento, preocupa-se não como letramento prática social, mas com apenas o tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20.)

Kleiman (1995, p. 11) define também letramento como “um conjunto de práticas sociais cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder”.

Na leitura da obra de Terzi (2007), deparei-me com a leitura de que algumas populações não tinham adquirido o conhecimento apenas por terem recebido o letramento, pois “o letramento propiciado através de projetos não é simplesmente

assimilado, mas sim esse letramento é transformado pelos participantes a fim de adequá-lo às características culturais, aos valores, às necessidades locais”. (TERZI, 2007, p. 163). A autora ainda destaca que algumas culturas passaram a dominar a leitura e a escrita conforme suas condições e interesses.

Um dos pontos principais na leitura da linha teórica de Street (2014) são as concepções de letramento. Segundo o autor, são quatro as concepções que embasam abordagens de letramento, ou seja, pedagogias de ensino de leitura e escrita, ou, ainda, conforme prefere Street, modelos de letramento. São estes os modelos: letramento colonial, letramento dominante, letramento autônomo e letramento ideológico.

O letramento colonial é aquele trazido como parte do processo de colonização e conquista, o caráter social do letramento na chegada dos portugueses ao Brasil, por exemplo, que trouxe consequências sociais e históricas para a sociedade.

O letramento dominante pode ser flagrado como abordagem pedagógica em situações envolvendo membros da mesma comunidade na manutenção das relações de poder que reforçam o *status quo*. A escola, por exemplo, embora apresenta um ambiente constitutivamente de diversidade social, escolhe a norma culta como fonte de chegada (o que é natural e, nesse aspecto, concordamos), porém, não raras vezes, ela, a escola, assim o faz, desvalorizando os usos de linguagem (que mobilizam diversificadas variações linguísticas), o que acaba corroborando com uma tradição de prática docente a que Street denomina de letramento dominante. Não é nossa intenção trabalhar nessa perspectiva.

Na mesma perspectiva hierárquica de poder dos modelos colonial e dominante, mas trazendo outras características, Street aponta ainda para a existência do modelo autônomo de letramento, que consiste no desenvolvimento individual dos falantes, com vistas à sua ascensão socioeconômica, por meio “da ênfase à conquista da consciência metalinguística” e das habilidades de um letramento único. (STREET, 2014, p.131) O modelo mais autônomo de letramento tem propósitos políticos definidos como os letrados e não letrados, segundo o autor.

Street (2014) propõe, como contraponto, o modelo ideológico de letramento, que traz as práticas de escrita e de leitura relacionadas aos significados culturais e em posições ideológicas.

Os processos de exclusão que ocorrem na sociedade atual não são levados em conta quando a associamos ao modelo autônomo de letramento, a escrita proporciona o desenvolvimento cognitivo e as diferenças culturais acabam gerando posicionamentos

adversos. Os modelos autônomo e ideológico têm suas relevâncias, mesmo não sendo excludentes, como dizia Street, porém quando a aprendizagem ocorre mecanicamente, desconsideramos toda a experiência de vida do indivíduo e toda essa noção sugere que o letramento proporciona a ele um estado ou condição de inserção no mundo letrado que vai além das simples práticas de leitura e escrita e para além da alfabetização, seu modelo ideológico se relaciona às experiências de vida.

Street (2014, p.148) mostra-nos a noção de letramentos dominantes em oposição a letramentos marginalizados, numa tentativa de evitar convenções culturais, práticas letradas e identidades frequentemente impostas pelo letramento que todos pensam que deveriam adquirir. Além disso, apresenta uma crítica à questão de um modelo autônomo de letramento que está centrado no sujeito e nas capacidades de usar apenas o texto escrito; o autor enfatiza que o letramento no modelo ideológico é concebido no âmbito de aspectos transculturais e de acontecimentos históricos.

A natureza social do letramento enfatizada por Street (2014) se distancia do modelo autônomo, orientado pelas habilidades adquiridas pelo sujeito e caracterizado pelo sucesso individual. As avaliações internacionais estão caminhando para uma perspectiva da habilidade do letramento único, desta forma, o modelo de escola que ainda encontramos hoje traz a concepção de letramento autônomo, quando avalia os estudantes em provas e vestibulares.

O que acontece com os alunos da instituição em que trabalho é o que provavelmente acontece em outras escolas. A competência individual é uma responsabilidade do indivíduo, determinado por ações pedagógicas que visam ao mérito. Assim como em outros setores, o sucesso individual forma um consenso de que devemos nos superar, dessa forma, as histórias de superação se tornam o espelho do desenvolvimento. Este modelo de letramento, caracterizado por requerer habilidade de forma individual de uso da leitura e escrita no contexto social em que as pessoas vivem, desfaz fronteiras epistemológicas e constrói sujeitos autônomos.

Outro ponto que merece menção é o fato de que a escrita sempre ganhou prestígio em relação ao uso da oralidade. Essas constatações são percebidas até hoje, quando nos deparamos, por exemplo, com a sala de aula das escolas em geral, no entanto, há um grande esforço para equiparar essa dicotomia quando observamos até mesmo os livros didáticos fornecidos para os alunos. Há sequências didáticas variadas que culminam com práticas orais. Oralidade e letramento são práticas sociais que todo

indivíduo adquire e desenvolve ao longo de sua vida, adaptando-as aos diversos contextos sociais.

Conforme Street (2014, p. 31), “os usos de convenções orais para a memorização são capazes de atingir os objetivos que os colonizadores e educadores têm alegado só poderem ser alcançados pela palavra escrita”, dessa forma a ideia de que as sociedades desenvolvem certo grau de letramento através do domínio da escrita é dominante.

A oralidade terá grande importância nessa pesquisa, pois as atividades inerentes à tentativa de percepção dos reais motivos do problema identificado no bairro serão analisadas com base no que escutaremos dos moradores em entrevistas. O letramento escolar, abordado através de atividades de Língua Portuguesa, será contemplado com atividades multimodais e terá como fim entender o que a comunidade pensa a respeito dos problemas elencados pelos moradores. As práticas de letramento entendidas aqui também nos mostram relações com o letramento digital, tendo em vista a utilização dos recursos através dos celulares dos discentes.

Acredito que esta pesquisa se volta para a perspectiva ideológica de letramento, utilizada em várias práticas letradas. O professor atual deve entender que os novos rumos para o letramento abrem enormes possibilidades de uma educação mais humana e voltada para as reais necessidades de seus aprendizes. Deve também reconhecer que a escola é uma das principais responsáveis pela difusão do letramento, porém não é a única. Ademais as situações de comunicação são múltiplas, estamos envolvidos em várias práticas de letramento.

1.2.1 A Pedagogia dos Novos Letramentos

A necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi apresentada pela primeira vez, segundo Rojo (2012), pelos pesquisadores Courtney Cazden, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan e Carmen Luke e Martin Nakata do Grupo de Nova Londres (GNL) em 1996. Havia interesse nas pesquisas sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) porque, segundo os estudos, a pedagogia dos novos letramentos aliada à grande variedade de culturas no currículo escolar poderia contribuir com mudanças. Nesse manifesto o GNL reiterava a necessidade de a escola desenvolver um trabalho que não ignorasse assuntos como a violência. (CF. ROJO, 2012, p. 11-12)

Este grupo de pesquisadores, oriundos dos Estados Unidos, repensou a pedagogia de letramento, percebida com as alterações promovidas pela globalização, a diversidade social e a tecnologia. O centro das discussões era o que é ser letrado e que pedagogias eram necessárias ao letramento. As práticas sociais exigem o multiletramento, assim qualquer pessoa precisaria ser multiletrada.

Com a leitura das informações de Rojo (2009; 2012) é possível perceber que a partir desses estudos sobre práticas sociais, a autora aborda a diferença entre multiletramento que tem em vista a variedade de práticas culturais e a definição de letramentos múltiplos, que se refere à diversidade de práticas letradas.

Diante dessas observações, nota-se a importância de reconhecer o ambiente frequentado pelos estudantes como multicultural e isso precisa ser ensinado nas escolas. O cidadão contemporâneo está diante da multimodalidade textual que em um passado recente (antes do advento da internet), não era uma tão comum produzi-la e estudá-la na escola. Essa realidade, mostrando-nos, pois, uma diversidade que abrange vários contextos sociais, faz-nos reconhecer o caráter multissemiótico de nossa comunicação. As mudanças sociais, principalmente na internet, despertam nas pessoas o desejo de conhecer essas práticas letradas que utilizam a palavra e também outras linguagens, como as imagens e os sons.

Diferentemente diferente do conceito de letramentos (múltiplos), que não fazem apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar –aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Ainda na mesma discussão, Rojo cita a hibridização dos textos que provém de vários letramentos, atribuindo às produções uma característica marcante, não há pares antitéticos de culturas.

Quando o professor pretende diversificar sua prática pedagógica, ele deve reconhecer a variedade cultural presente na escola, seus procedimentos devem contemplar atividades multimodais. Mesmo com alunos de classe menos favorecidas, há o uso constante dos recursos tecnológicos. No meu caso, vejo a tecnologia e os novos multimeios como importantes para o trabalho em sala de aula na atualidade. Esse

procedimento trará uma contribuição para o acompanhamento pedagógico com a diversidade e com a multimodalidade.

Tais modalidades passaram a exigir do leitor – no caso escolar, do aluno e do(a) professor(a) – a aquisição e o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita, dependendo das modalidades utilizadas, ampliando a noção de letramento para múltiplos letramentos. A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de semioses que co-ocorrem nos textos encontrados hoje nas mídias: visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons), verbal (uso das línguas), para citar os mais recorrentes. (ROJO, 2012, p. 76)

Ainda segundo Rojo (2012, p.96), “os multiletramentos preparam os alunos para as situações de interação em que sejam necessárias posturas mais contemporâneas de leitura e escrita”. Na medida em que os estudantes tiram fotos do bairro em que moram, gravam vídeos com moradores, utilizam o celular, compartilham suas inquietudes com a família, falam dos problemas do bairro com o uso da tecnologia, inserem nos multiletramentos não só o próprio indivíduo como também as pessoas envolvidas, por isso as atividades da proposta didática desta pesquisa envolvem a participação dos estudantes com as pessoas da localidade estudada, com a família.

O letramento digital, tão presente nas práticas sociais nos dias hoje, pode fazer parte do planejamento das aulas do ensino básico e se unir a tantas outras práticas pedagógicas. Segundo Ribeiro (2009), a escola e o professor podem ser entendidos como os mais prováveis multiplicadores do letramento digital, apesar desses usos muitas vezes não ser escolar, serem utilizado nas relações sociais e no trabalho.

O que muitos questionam é o fato de pessoas não terem competência para assumir o letramento digital, culpam a falta de apoio, de estrutura e de capacitação. Esse fato é percebido na escola, quando professores pouco dão valor as novas tecnologias, entendendo que talvez sejam difíceis de trabalhar na escola.

Comungo da mesma ideia defendida por Ribeiro (2009), quando a inserção nessas atividades não significa a troca pela outra

As pessoas, em sociedade, devem ampliar seus gestos de ler e escrever e isso não quer dizer que devam trocar uns pelos outros, embora isso possa ocorrer diante de certas técnicas facilitadoras. O ideal é que alarguemos nossos horizontes, nos apropriemos das possibilidades que existem e sejamos competentes na maior parte delas. Se há quem pense que é preciso ler e escrever primeiro no papel para depois chegar às telas, também há quem pense que nada disso tem regras rígidas. Se o mundo oferece as possibilidades de papel e de cristal líquido, então é bom que o leitor saiba que pode ter o domínio de todas. (RIBEIRO, 2009, p. 30)

Além de não promover a troca de uma prática pedagógica pela outra, acho importante o docente desenvolver um trabalho que atenda as necessidades dos educandos. No contexto das pesquisas do Profletras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), muitas dissertações apontaram para um trabalho contextualizado com as práticas sociais dos alunos.

Compreendo, pois, que ao trabalharmos com os Novos Letramentos não devemos dissociá-los das questões identitárias, nem das questões ideológicas, nem das relações de poder, nem dos contextos socioculturais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem e nem de suas práticas sociais de linguagem. (SILVA, 2015, p. 32)

Também é possível observar que os trabalhos com multiletramentos se apresentam como uma boa proposta pedagógica nas diversas escolas pesquisadas. “Dessa forma, a presente pesquisa com os alunos participantes defende um letramento plural que concilia o letramento imagético (signo visual) e o letramento de escrita (signo verbal).” (SILVA, 2017, p. 37)

Silva (2017) investigou através do trabalho com os multiletramentos inseridos nas aulas de Língua Portuguesa a promoção de mudanças no que diz respeito a práticas leitoras e escrita dos alunos. O letramento plural citado por Silva (2017) faz menção também às questões linguísticas ensinadas na escola. Isso porque é possível observar as falhas quando se trata de competências de escrita e de leitura. Portanto, uma mescla na sala de aula de Língua Portuguesa, um tratamento linguístico adequado e a utilização dos multiletramentos “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita” (ROJO, 2009, p. 107).

1.3 Os estudos da imagem, da fotografia e do meme

Trago nesta seção uma discussão sucinta a respeito da semiótica visual com o intuito de fazer uma menção aos estudos sobre imagem em diferentes perspectivas e também proporcionar aos alunos na pesquisa o entendimento das imagens como texto. Para isso, trago aqui algumas relevâncias sobre o tema para melhor compreender o trabalho com a fotografia, aqui entendida como texto icônico com a finalidade de registro das práticas desenvolvidas pelos alunos, e com os memes.

A palavra imagem, tão utilizada comumente para representar algo da linguagem icônica, está presente nos dicionários em várias acepções: “representação ou

reprodução visual, representação mental, aquilo que reproduz imita ou evoca algo” (LAROUSSE, 2001, p. 526).

Barthes (1977, p. 29) diz que a palavra imagem deriva de imitar “According to an ancient etymology, the word image should be linked to the root *imitari*².”. Mesmo sabendo que a origem da palavra imagem remete a imitação, seus sentidos podem ser inesperados.

Segundo Gomes (2015), alguns tipos de imagens, em certos contextos, podem ser mais esclarecedores que o texto escrito. É nesse sentido que acredito que as imagens podem representar melhor as percepções dos alunos e ainda trazer uma noção de polissemia da imagem.

As imagens são polissêmicas, ou seja, podem representar muitas coisas distintas. No domínio das artes plásticas, isso não chega a ser um problema e pode ser uma estratégia discursiva para jogar com o dito e o não dito, na propaganda também, mas talvez, em menor proporção. As imagens, além disso, não podem negar nada e também não conseguem representar perguntas, interpelações, promessas. (Gomes, 2015, p. 2)

Barthes (1977) ainda apresenta questionamentos sobre a semiologia das imagens quando a palavra poderia significar etimologicamente analogia, cópia. A relação entre texto e imagem estaria marcada por entendimentos que não são simples, mesmo assim o autor acredita que há aqueles que percebem a imagem como um sistema extremamente rudimentar em comparação com a linguagem e aqueles que pensam que a significação não pode esgotar a inefável riqueza da imagem.

Barthes (1977, p. 13) afirma que a fotografia não tem análise isolada. Na imprensa, por exemplo, possui uma estrutura como título ou legenda. Ainda em seus estudos, Barthes (1977) relaciona os textos e imagens através de três classificações, que conforme explica Gomes (2007, p. 3), há uma inter-relação entre texto e imagem marcada por: a) ancoragem – texto explicando a imagem; b) ilustração – imagem esclarecendo a informação verbal; c) *relay* – integração das duas linguagens.

Se levarmos em consideração a fotografia, notaremos que ela apresenta a evidência, o literal e a analogia, contudo uma das principais preocupações é a direção que é dada a leitura da imagem. O renomado linguista francês Floch (1990) propõe que uma imagem tem uma relação biplanar em que se convida a olhar duas dimensões no percurso, ou seja, nas imagens o eixo sintagmático se constitui em signos que são

² Tradução: De acordo com uma etimologia antiga, a palavra imagem deve estar ligada à raiz *imitari*.

definidos em uma rede de escolhas e de possibilidades: esquerda, direita, alto, baixo, formado por valores contrapostos que não são combinadas simultaneamente.

Assim, numa análise de uma fotografia, por exemplo, escolhe-se uma direção para se poder interpretar a imagem, o que seria uma série de elementos escolhidos pelo observador, produzindo assim um significado. Já Eco (1997) diz que o criador não propõe um percurso interpretativo para análise da imagem, a disposição de elementos e a interpretação são definidos pelo observador.

O autor ainda define fotografia, configurando-se como imagem, como um conjunto organizado de estímulos visuais apreendidos pelos observadores.

Joly (2007) explora alguns aspectos de utilização da palavra (imagem) para estudar a sua compreensão. Dentre eles: imagem mediática

O uso contemporâneo da palavra imagem remete a maior parte das vezes para a imagem mediática. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que criticamos e que faz ao mesmo tempo parte da vida quotidiana de cada um, (JOLY, 2007, p.14)

Imagem e psiquismo “imagem para falar de certas atividades psíquicas tais como as representações mentais, o sonho, a linguagem pela imagem” (JOLY, 2007, p.20). Uma outra é a imagem científica permite uma observação mais ou menos direta e mais ou menos sofisticada da realidade.

As imagens e o seu potencial desenvolvem-se em todos os domínios científicos: da astronomia à medicina, das matemáticas à meteorologia, da geodinâmica à física e à astrofísica, da informática à biologia, da mecânica ao nuclear, etc. Nestes diferentes domínios, as imagens são simplesmente visualizações de fenômenos. (JOLY, 2007, p.24).

Por fim as novas imagens que poderão ser transformadas com recursos sofisticados, desde a manipulação à falsificação.

As novas imagens: é assim que se designam as imagens de síntese, produzidas em computador e que passaram, nos últimos anos, da representação em três dimensões para um modelo de cinema, (JOLY, 2007, p. 27).

A teoria mais geral da imagem é a semiótica, ciência que consiste em estudar a interpretação dos signos, saber suas especificidades e processos de significação. “Podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações”. (JOLY, 2007, p. 31)

Joly (2007, p. 47) afirma que a representação da imagem é uma aprendizagem que acontece de maneira natural na nossa cultura e tem um papel importante:

“Frequentemente, as imagens servem mesmo de suporte à aprendizagem na linguagem”. Diante dessas afirmações, entendo ser o uso da imagem um aliado na construção de sentido e que pode trazer uma importante contribuição para as primeiras noções para os alunos. As imagens retratarão o contexto social na perspectiva dos estudantes.

No meu contexto em sala de aula sempre trabalhei as imagens dispostas nos livros didáticos, às vezes levando datashow e analisando com os alunos algumas delas. Decidi inovar quando percebi que o celular poderia ser um grande aliado dentro da sala de aula. Numa das tentativas, conseguir fazer com que algumas turmas do 3º ano do ensino médio produzissem filmes com o celular em um projeto denominado Cine Escola³. No entanto, estava lançado desafio quando me vi diante de pré-adolescentes em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, os celulares nas mãos dos alunos me inquietavam. Estava ali a razão de eu aproximar minha prática pedagógica do que os alunos gostavam.

Durante esta pesquisa, refleti bastante a respeito das possibilidades de trabalhar os recursos que estavam mais acessíveis aos alunos. Um deles é a fotografia. Quero considerá-la nesta pesquisa como um elemento de extrema importância para a apresentação dos dados, porém é necessário estudá-la. Ela é a forma de mais fácil acesso e mais reveladora que encontrei para poder envolver os alunos na discussão abordada sobre os problemas do bairro do Vergel do Lago. Fácil porque percebi que os alunos sabem tirar fotos em seus celulares e poderiam representar seus cotidianos através delas; reveladora no sentido de apresentar elementos para serem apreendidos nos métodos de pesquisa. Não que queiramos nos tornar do dia pra noite fotógrafos, porém o instrumento utilizado tem grande valia e será necessário para este trabalho.

Como era muito comum observar alunos manuseando os eletrônicos portáteis, indaguei-me se ali estaria uma boa oportunidade para os estudantes usarem essa tecnologia com o intuito de aprender no uso das fotos a Língua Portuguesa. Observei também que já havia trabalhos voltados para a inserção destes estudos e a utilização dos celulares na sala de aula.

Após algumas leituras, comecei a refletir sobre outras pesquisas do Proletras/UFAL que apresentaram algumas dissertações que exploraram o celular na sala de aula. Trabalhos bem interessantes que analisaram de que forma a realidade de cada escola utilizaria esses recursos.

³Um projeto de cinema em que estudantes produziram filmes com roteiros originais com o uso de celular. Disponível em: <http://escolaapm.blogspot.com/search?q=cine+escola>

Santos (2017) investigou como os aparelhos celulares poderiam ser utilizados como instrumentos de aprendizagem de Língua Portuguesa, uma pesquisa-ação que permitiu refletir sobre a importância da utilização dos aparelhos eletrônicos levando os alunos a refletirem sobre questões sociais que os envolvem.

Os conteúdos referentes ao 7º ano do Ensino Fundamental podem ser adaptados ao uso do aparelho celular, pois como veremos posteriormente, trata-se de um dispositivo que permite utilizar as diversas modalidades da língua, a saber: a escrita, a oralidade, a linguagem verbal e não verbal, e recursos de produção como show de slides, (que é um texto sequencial com uso de imagens com ou sem áudio), além das possibilidades de elaboração de narrativas multimodais e hipertextos. (SANTOS, 2017, p. 17)

O objetivo de trabalhar a fotografia era aproximar os alunos do letramento visual. A fotografia é uma linguagem que pode se tornar um meio de demonstrar expressividade e é um instrumento que pretende mostrar a realidade, ajudando-nos a entender o mundo. Entendo também que ela pode provocar reações diversificadas e por se apresentar com uma tecnologia, as fotografias digitais além de demonstrar uma forma real do cotidiano, pode também se tornar uma possível mostra artística transformando a visão que os discentes têm do dia a dia, como também a relevância que se dá entre a linguagem verbal e visual.

Nos dias de hoje, principalmente devido às facilidades oferecidas pelos meios eletrônicos, tanto para a obtenção de imagens digitais quanto para sua inserção e edição em documentos, em computadores ou na *web*, os limites entre texto e imagem estão cada vez mais tênues. (GOMES, 2007, p. 02).

Para levar meus alunos a uma concepção mais crítica das imagens, tentei usar as percepções que eles retratavam nas fotografias como observação da realidade, tão representativa quanto a oralidade ou um texto escrito.

Por muito tempo, a imagem serviu como propósito de ilustração, inclusive com desconfiança por filósofos e antropólogos que questionavam nos estudos a imagem como referencial. Nasceu então outro conceito: a antropologia visual. Baseada na relação entre as imagens e o momento em que o homem pensou em representar a si mesmo, quando os nossos ancestrais faziam representações das imagens nas cavernas.

O que entendemos por imagem, aqui é representada por tudo que compõe o universo visual, auxiliando o comportamento e construindo a realidade. Conforme RIBEIRO (2005, p. 613) o estudo da imagem começou a ganhar força com advento do cinema, e que estes estudos começaram a ser utilizados e questionados pela ciência em geral e, mais especificamente, pelas ciências sociais e pela antropologia.

A imagem ganhou força com as tecnologias digitais que facilitou as práticas tradicionais de pesquisa antropológicas.

As novas tecnologias digitais e sobretudo a hipermídia constituem uma forma, porventura mais eficaz, de integração da antropologia visual com a antropologia (escrita) e da antropologia com a antropologia visual; de imagens, sons e audiovisuais com a escrita; dos filmes com a reflexão teórica – todo o aparelho crítico do filme (produção, utilização, reflexão teórica); (RIBEIRO, 2015, p. 620)

A presente pesquisa utiliza as imagens captadas pelos telefones celulares dos estudantes com um pouco dessa linha de análise do que está representado nas fotografias digitais e também nos vídeos, um pouco do contexto social dos moradores do bairro, evidenciados através dos olhares de pré-adolescentes e que retratam uma realidade que é sim percebida pelos alunos.

Meme

A expressão meme é utilizada na internet para representar os textos que trazem imagem com recursos de imitação e humor, “os ‘memes’ são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação” (BLACKMORE, 2000, p. 65).

O biólogo inglês Richard Dawkins criou o termo “meme” em 1976 quando escreveu o livro "The Selfish Gene"

precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à "memória", ou à palavra francesa mème (DAWKINS, 2007, p.112).

Sua característica multimodal faz com que se torne um texto muito atrativo nas aulas de Língua Portuguesa, considerando que o mesmo faz parte do cotidiano de muitos jovens. É possível ainda levar em consideração sua criticidade a qual este gênero textual pode estar inserido, partindo do pressuposto que o meme pode estabelecer uma relação entre a realidade e a criatividade. A comunicação na internet promoveu a mudança de textos e a criação de outros.

1.3.1 Letramento visual

Com a popularização dos recursos midiáticos e com o advento das novas tecnologias, é inevitável que não tenhamos mudanças nas práticas de letramento, as práticas sociais e a linguagem nessa perspectiva conferem à escola uma visão pedagógica plural.

A tecnologia tem agregado ao processo de leitura e escrita a multimodalidade, a imagem, os sons também fazem parte da construção do texto, o que pode ser antigo, mas tem feito parte da transformação da prática pedagógica moderna. Lenke apud Rojo (2012, p.214) considera que essas transformações requerem outras práticas de uso da linguagem. “A configuração dessas novas práticas vai exigir, por parte da escola, não apenas desenvolver eventos de letramento digital, como também permitir que os alunos possam usar ‘sabidamente os letramentos’”.

Com isso, reafirmo que o conceito de letramento, apresentado no subcapítulo 1.2, necessita ser ampliado, e entre tantas pesquisas como a cibercultura, hipertextos, EAD, destacaremos aqui algumas considerações a respeito do letramento digital, especificamente na forma de letramento visual, fazendo o indivíduo não somente ser habilidoso no ato da leitura e da escrita, mas também no trato da informação visual.

As novas práticas de linguagem tornam a sala de aula produtiva, a partir do momento em que diversos recursos comunicativos estão sendo integrados ao aprendizado. O conceito de letramento visual está diretamente ligado ao conceito de multiletramento pela multiplicidade semiótica, cultural (CF ROJO, 2012, p.13)

O letramento visual é o resultado da leitura não verbal que pode representar política e socialmente os fatos mostrados.

o termo ‘leitura’ agora é definido de forma mais ampla para englobar textos escritos e visuais. Ler textos escritos e imagens visuais tem semelhanças. Ambos são processos dinâmicos, que envolvem não apenas o texto (escrito ou visual), mas a pessoa que lê/vê, os autores, e o contexto cultural mais amplo dos três. Ambos envolvem trazer experiência de vida e conhecimento prévio sobre o que é lido e visto. Ao contrário dos textos escritos, alguns dos padrões e estruturas de imagens visuais permanecem implícitos e inexplorados por muitos leitores experientes, jovens e velhos. (CALLOW, 1999, p. 2)

A partir da função desempenhada pelas suas constituições, a imagem também simboliza a interpretação social. “Assim como o código semiótico da linguagem, o código das imagens também representa o mundo (de maneira concreta ou abstrata), constrói relações sociointeracionais e constitui relações de significados” (ALMEIDA, 2009, p. 178).

Kress e Van Leeuwen (2006), em “The Grammar of Visual Design⁴”, A Gramática do Design Visual (GDV) afirmam que os estudos da língua e os estudos da imagem precisam derrubar as fronteiras, mostrando que tais estudos têm evoluído com o seu uso social. Esta obra mostra a necessidade de um letramento voltado à imagem “Letramento visual começará a ser uma questão de sobrevivência, especialmente no ambiente de trabalho”.

A linguagem verbal mantém relação com outros recursos semióticos e dessa forma também a imagem interage com seus leitores porque sua composição expressa interpretações.

aquilo que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas oracionais, pode, na comunicação visual, ser expresso através da escolha entre os diferentes usos de cor ou diferentes estruturas composicionais. E isso afetará o significado. Expressar algo verbalmente ou visualmente faz diferença. (KRESS; VAN LEEWEN, 2006, p.2)

A imagem possui recursos que podem ser explorados, porém a prática de não trabalhar a imagem advinda das preocupações sociais do contexto do aluno é constante na escola. Como a escola trabalha essas novas práticas de ensino? O currículo escolar na educação básica por vezes apresenta sua construção baseada principalmente na utilização do livro didático. A língua escrita é o destaque do professor de Língua Portuguesa e o quadro branco ainda é a tecnologia mais utilizada.

Quando os docentes se preocupam em atender outras modalidades e a escola insere projetos no currículo ainda é possível utilizar outra forma de produção de conhecimento. Diante disso, penso quais os impactos que o uso da multimodalidade, do letramento digital, do letramento visual vai provocar no processo de aprendizagem dos discentes.

O simples fato de os alunos interagirem num ambiente virtual, apresentando imagens que foram captadas por eles, permite perceber que a escola pode dar um grande passo nos eventos comunicativos que ela não trabalha, promovendo assim eventos de letramento digital.

as mudanças nos modos de interagir com e através da linguagem trazidas pela escrita cibernética implicam uma mudança no tipo de conhecimento que possibilita ao leitor/escritor cibernético a prática social da leitura e da escrita mediadas eletronicamente, ou seja, um novo tipo de letramento. (BUZATO, 2007, p. 83).

⁴A Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006, 1996) diferencia a linguística textual, que trata do componente verbal, da Linguística Sistêmico-Funcional que trabalha os vários sistemas semióticos presentes nos textos.

Escolho a multimodalidade como uma forma de tentar entender como a utilização de recursos como a imagem, por exemplo, cria condições para que o professor amplie os conhecimentos dos alunos. Com a educação é um processo permanente de aprendizagem, acredito que a compreensão dos multiletramentos por parte dos estudantes permite-nos inserir uma nova forma de educar, pois a tecnologia está presente na nossa realidade e acaba exigindo uma nova postura do professor em sala de aula.

Perceber a importância da imagem nesse novo contexto é de suma importância, no entanto saber explorar o repertório que atualmente os estudantes estão trazendo para as escolas é essencial na prática pedagógica do professor, pois os estudos da imagem não serão ofuscados com o tratamento da imagem apenas como acessório do texto verbal. Conforme Gomes (2015, p. 13), “dadas as facilidades dos ambientes digitais, os textos vêm acompanhados de imagens ilustrativas, ou as imagens é que vêm com textos explicativos.” Ainda segundo o autor entrando no campo do design e da programação visual.

Quando se trata da imagem, suas menções podem se tornar um grande reforço à interpretação que se quer destacar. “Não se escreve apenas com palavras. As imagens também podem ser instrumentos poderosos na elaboração de textos antropológicos, com grande capacidade de difusão de ideias”. (FERRAZ, 2014, p. 11)

Esta reflexão está no prefácio do livro *Antropologia Visual: perspectiva de ensino e pesquisa*, onde os autores discorrem sobre a importância da imagem. No mundo contemporâneo, há cada vez mais uso dessas imagens em filmes e fotos, por isso incorporo nesse trabalho menções a esse estudo, a interpretação do contexto social se dará também através das imagens.

No campo da Antropologia, tem se tornado como uma linha de pesquisa com vasto campo de exploração, é o que aborda FERRAZ (2014, p. 52)

Nessas novas experiências geracionais, a antropologia visual e da imagem tem se colocado como uma linha de pesquisa consistente nas instituições de ensino e de pesquisa, em especial no Brasil, ousando com os desafios das novas formas epistêmicas e das criações imaginativas.

FERRAZ aborda em sua obra a importância de duas disciplinas de curso superior: Fotoetnografia e Antropologia visual e da imagem, o uso desses recursos audiovisuais explorados por todos no cotidiano, ganha espaço para ser analisado, logo, é de suma importância que também seja inserido no aprendizado em sala de aula, por que não na sala de aula do ensino fundamental? O letramento visual pode ajudar a explorar

um campo vasto, de interesse dos alunos e deve ganhar também menção na escola básica

trata-se de consolidar um contrato didático em novas bases para a aprendizagem da escrita etnográfica, projetando ir além do espaço livresco, num esforço de sensibilização dos alunos para outras formas de se construir uma narrativa etnográfica com e através das imagens, por meio de uma imersão na descoberta das formas expressivas e sensíveis da cultura. (FERRAZ, 2014, p. 54)

Trato a imagem captada pelos alunos através das fotografias como um esforço para se entender o contexto do bairro em que eles moram. São alunos com pouca experiência devido à idade, entre 10 e 12 anos, mas que assimilam muito bem a utilização dos novos recursos tecnológicos. A utilização da câmera fotográfica do celular para promover esse entendimento, proporciona para os alunos não só a denúncia que os mesmos querem mostrar, mas também a inserção no letramento digital e a utilização desses recursos em sala de aula.

No entanto, o método audiovisual não é somente a captação de imagem, após a leitura desse livro, precisei orientar os meus alunos nesse sentido. Ao entrar na sala de aula, reforcei a ideia da imagem que está na foto retirada por eles e fiz uma pergunta que estava no livro citado: o que essas imagens expressam melhor que as palavras?

No que concerne a natureza da fotografia, o ato de fotografar implica necessariamente na escolha de um enquadramento no tempo e no espaço, ou seja, numa síntese entre o evento que se apresenta e as interpretações construídas sobre ele. (FERRAZ, 2014, p. 338)

A atribuição do sentido à realidade é realizada não só pela linguagem verbal, mas também pela linguagem nos seus diferentes modos

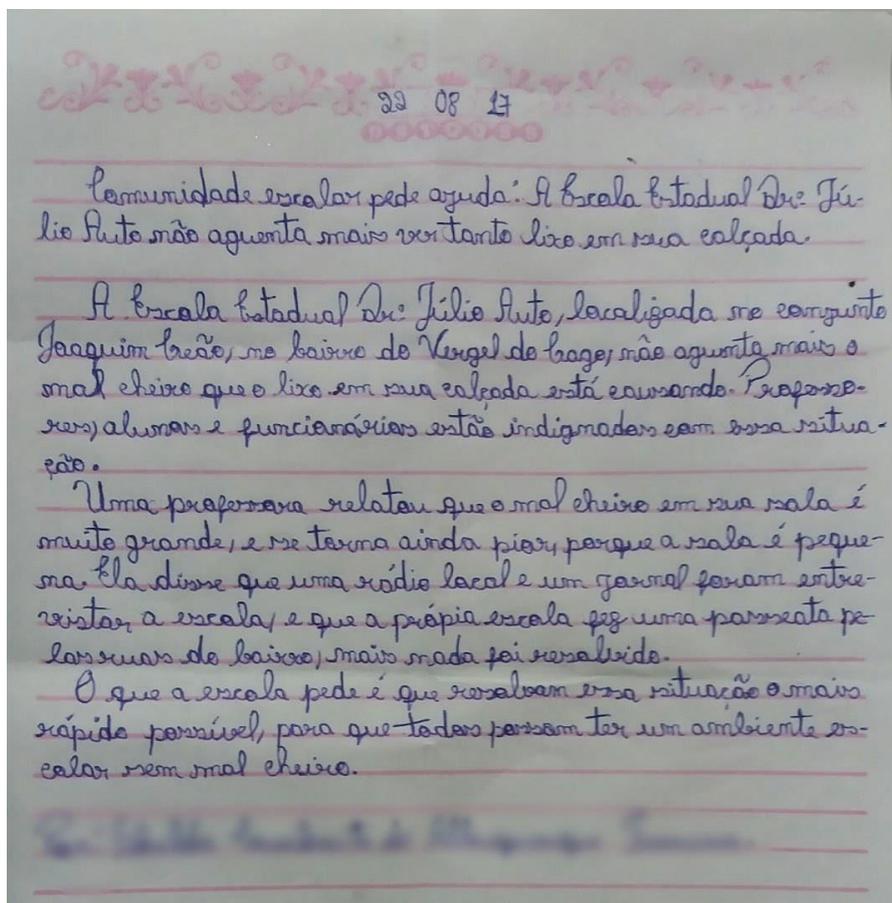
A linguagem verbal (no seu modo oral ou escrito), em particular, é um sistema de significação que interage com outros sistemas de significação como, por exemplo, a linguagem corporal, o espaço (como sistema de significação) e a linguagem visual. Nessa relação, a linguagem verbal constrói significados em contextos de situação e de cultura específicos. Em suma: multimodalidade é a designação para definir a combinação desses diferentes modos semióticos na construção do artefato ou evento comunicativo. (VIEIRA, 2015, p. 9)

É preciso lembrar que o que veremos nas fotos apresentadas nesta pesquisa revelam essa percepção dos alunos, algo os motivou para além das palavras como mencionado. Antecipo-me para mostrar que durante uma parte da proposta didática, uma estudante lembrou muito bem esse propósito da imagem. É o que aconteceu com uma aluna ⁵, a mesma fotografou a sua ex-escola e produziu um pequeno texto onde

⁵ Usarei essa denominação para me referir aos alunos envolvidos nesta pesquisa.

informa que o problema é recorrente, desde a época em que a estudante frequentava o local.

Figura 1 – redação de aluna



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Transcrição do texto:

1	“Comunidade escolar pede ajuda: a escola estadual Dr. Jú-
2	lio Auto não aguenta mais tanto lixo em sua calçada.
3	A escola estadual Dr. Júlio Auto localizada no conjunto
4	Joaquim Leão, no bairro do Vergel do Lago, não aguenta mais o
5	mal cheiro que o lixo em sua calçada está causando. Professo-
6	res, alunos e funcionários estão indignados com essa situa-
7	ção.
8	uma professora relatou que o mal cheiro em sua sala é
9	muito grande, e se torna ainda pior, porque a sala é peque-
10	na. Ela disse que uma rádio local e um jornal foram entre-
11	vistar a escola, e que a própria escola fez uma passeata pe-

12	las ruas do bairro, mas nada foi resolvido.
13	O que a escola pede é que resolvam essa situação o mais
14	rápido possível, para que todos possam ter um ambiente es-
15	colar, sem mal cheiro.

Figura 2 –foto de calçada de escola



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Nesta imagem vemos uma calçada de uma escola do bairro cheia de lixo. Em ambos os textos, o campo de referência produz unidade de sentido e uma intenção. O conhecimento de mundo da referida aluna a permite prever certas consequências. O uso da imagem aguça a interpretação. Conforme CAVALCANTE (2014, p. 24)

Além de confirmara importância do conhecimento prévio para a produção dos sentidos, percebe-se que a imagem, assim como outros recursos multimodais, por exemplo, o som e os links dos processos on-line, dentre outros, é fundamental para que o enunciador efetive sua intenção argumentativa. Isso mostra que o texto não deve ser mais ser definido apenas em termos de aparato verbal. A produção e a interpretação só são levadas a efeito se se mobilizarem diferentes recursos expressivos. Essa forma de considerar o estatuto do texto abre novas perspectivas tanto para o universo teórico quanto para o universo pedagógico, que, cada vez mais, deve promover condições que estimulem os aprendizes a desenvolver a competência comunicativa em diferentes linguagens (verbal e não verbal, isto é, multimodal).

O uso dos recursos visuais na pesquisa etnográfica se situa também na linha de pesquisa da Antropologia visual e da imagem, pois redimensiona suas aprendizagens no uso de instrumentos audiovisuais do conhecimento antropológico. Além disso, a

utilização dessas fotos retiradas pelos alunos explora um gênero textual que pode ser trabalhado nas disciplinas do currículo escolar.

Capítulo 2 – METODOLOGIA

O presente capítulo está dedicado à metodologia de nossa dissertação. Ele está organizado em subseções, que abordam: a concepção de educação, os fundamentos da abordagem etnográfica para o trabalho do cotidiano escolar, o contexto social da escola analisada, os procedimentos de geração de registros escolhidos e a descrição da proposta didática aplicada aos alunos.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa têm o papel fundamental de, juntamente com o suporte teórico escolhido, guiar nosso olhar e ações em nosso trabalho de campo que se constitui do cotidiano escolar. Tais indicações teórico-metodológicas funcionam assim como farol para lidarmos com as reais dificuldades da escola e ainda promover um debate sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa em questão discute um trabalho com os multiletramentos em uma sala de aula do 6º ano do ensino fundamental e visa promover a interação nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, considero importante retomar aqui minhas questões de pesquisa e meu objetivo geral: uma mudança de concepção de letramento como suporte para revisão da prática pedagógica pode contribuir para um contato mais significativo com a escrita? Quais as contribuições que a introdução do trabalho com a multimodalidade e com a tecnologia digital podem trazer para a produção escrita dos alunos? Como estimular uma discussão na escola envolvendo o contexto social do bairro?

Como objetivo geral, pretendo trabalhar a cultura digital e outras atividades letradas na sala de aula para ampliar as práticas de letramento de alunos do 6º ano do ensino fundamental.

2.1 Concepções de educação

A escola é uma das instituições que fazem com que o indivíduo ingresse no convívio social, e a educação ofertada por ela é quem promove o desenvolvimento social de muitos estudantes. Se considerarmos que os sujeitos constroem sentidos e

interpretam o mundo ao seu redor, logo devemos entender a concepção de língua como meio que estabelece as relações sociais.

Ler e escrever são práticas sociais necessárias para professores e alunos à inclusão na sociedade contemporânea, mesmo diante da modernidade, a construção do sujeito crítico deve ser uma das prioridades da escola. Para isso, ela deve promover o desenvolvimento linguístico e ampliar sua capacidade comunicativa.

Esse papel relevante desempenhado pela linguagem tem sido estudado pela linguística Aplicada (LA) que tem como objeto de estudo a linguagem como prática social.

Após a fase inicial de consolidação da Linguística como ciência, em meados do século XX, começaram a surgir estudos que partiam da abstração do conhecimento linguístico para a aplicação desse conhecimento em situações reais de uso de linguagem. Desse movimento emergiu a Linguística Aplicada como recorte dos estudos linguísticos. Entendemos, hoje, a Linguística Aplicada como campo e não mais como disciplina. (RODRIGUES, 2011, p. 13)

Destaco a importância da LA na formação dos professores de Língua Portuguesa, pois o entendimento do papel da língua como objeto social é necessário. É desse aspecto que a concepção de educação e de ensino de língua deve ser analisada, compreendendo a necessária priorização das práticas de uso da linguagem como conteúdos de ensino.

Nessa perspectiva, trabalhar a Língua Portuguesa implica desafios para o professor, tendo em vista que é a partir do ensino desse componente curricular que o profissional se depara com fundamentos que nos ajudam a ter consciência de nossas escolhas, estas ampliam o uso da língua para interação social que a escola prepara para ser usada fora dela.

Muito importante para a construção do saber, a profissão de professor requer constantes mudanças baseadas em atualizações e reformas. Somos formados a partir de reflexões e teorias que explicam a prática e somos imersos em mundo de constantes evoluções em sala de aula.

Concomitante a essas observações, considero importante o artigo 2º da LDB que diz: “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB, 2017, p. 10). Para Piaget (2006, p. 154) educar é adaptar o indivíduo ao meio

social, mobilizando o indivíduo para a ação. (CF PERRENOUD, 1995, p. 32) a escola deve oferecer situações que sejam levadas para a vida, após a escolaridade.

Na visão de Freire (1996, p. 32), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Segundo o pesquisador, a escola é um ambiente favorável à aprendizagem significativa, marcada pelo diálogo e o estímulo à descoberta.

Acredito que alguns desses conceitos são parte integrante da minha jornada pedagógica e defendo que os espaços de educação também estão voltados para a comunidade (entendendo como parte da comunidade diversos segmentos, como, por exemplo, desde todo o corpo docente, técnico-administrativo e gestor da escola, passando pelas famílias/familiares/responsáveis dos alunos/as e chegando, inclusive aos integrantes do poder público). Quando a escola passa a promover espaços de integração com a comunidade como um todo, a relação ensino-aprendizagem começa a fazer mais sentido porque todos esses elementos estão inter-relacionados.

Hoje a educação prioriza a formação do cidadão que assume uma postura crítica, com sua diversidade de saberes, sua autonomia, isso está dito até mesmo na BNCC em suas competências gerais:

Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas. (BRASIL, 2017, p.9)

Nossa relação com os outros nos possibilita diversas formas de aprendizado, no entanto o professor deve reconhecer o seu papel de mediador que começa na própria concepção de educação escolar. Estamos diante de uma nova sociedade, com isso, educar se torna um desafio que implica desde a apropriação das novas tecnologias na sala de aula às maneiras de conduzir o processo educacional nos dias de hoje. Tenho acompanhado algumas reformas educacionais, o que mostra que a educação no Brasil está em constante mudança.

Como professor, procuro embasar-me no que tenta atender as necessidades dos alunos, apesar das dificuldades e da realidade da profissão em escola pública sempre procurei o que há de novo, numa mescla com aquilo que sempre funcionou bem na maneira tradicional de conduzir a pedagogia. É com essa visão de educação que me preparo para encarar a realidade e tentar enxergar o cotidiano escolar e por essa razão entendo que um trabalho com os multiletramentos é mais uma ajuda nesse difícil caminho.

2.2 A abordagem etnográfica para o trabalho do cotidiano escolar

A etnografia é um método de pesquisa que propõe a descrição densa e a geração de dados para a compreensão do contexto da cultura pesquisada. O etnógrafo, através da interação social, é convocado a enxergar, o máximo que conseguir, a realidade de uma dada comunidade, a partir de seu ponto de vista, o que implica uma aproximação cuidadosa.

No final do século XIX, a etnografia passou a ter como propósito a caracterização do modo de vida dos povos através de narrativas. Segundo FRITZEN (2012, p.57), “o papel do etnógrafo passa a ser fundamental na busca de compreensão das interpretações dos sujeitos do grupo pesquisado”, além do posicionamento reflexivo, adaptação, foco no ponto de vista do participante e o grande desafio do estranhamento.

A etnografia é uma linha de pesquisa da antropologia que utiliza métodos descritivos para análise, implicando a observação participante, a imersão do pesquisador no contexto pesquisado. A investigação não apenas como observador, mas promovendo uma interação, faz com que o pesquisador se aproxime da compreensão da realidade.

Como esta pesquisa será realizada em uma escola, FRITZEN (2012) nos lembra muito bem como realizar os métodos quando se trata de pesquisa em educação, com uma abordagem que requer cuidados e que por se tratar de uma instituição de ensino, esta opção

permite uma observação ampla e cuidadosa das ações e interações dos sujeitos envolvidos nesse contexto social, além da transposição dos muros da escola, em busca da compreensão do contexto mais amplo onde ela se insere e das relações com esse contexto.(FRITZEN, 2012, p.57)

Como bem lembra FRITZEN (2012, p. 57) os autores que abordam sobre a etnografia “apontam como uma regra fundamental na geração de dados: descreva apenas o que acontece e não o que não acontece”.

Com esse fundamento, a descrição dos eventos que acontecem na comunidade do Vergel do Lago será mostrada nesta pesquisa através das práticas letradas desenvolvidas pelos estudantes, assim através da observação participante, tentarei, juntamente com os alunos, interpretar os que as pessoas dizem e pensam sobre o bairro.

Pela etnografia, apresento o contexto social do Vergel do Lago e suas características socioculturais. Deste modo, entenderemos o processo que leva ao foco apresentado pelos alunos neste trabalho.

2.3 O contexto da pesquisa

A escola estadual em que trabalho⁶ fica situada na região sul de Maceió, pertence a primeira Gerência de Ensino da rede estadual e em 2017 possui o número de 1770 alunos matriculados em três turnos.

A instituição apresenta superlotação em suas turmas, algumas inclusive com o número de 50 alunos por sala no diurno, e recebe pessoas oriundas dos bairros da zona sul do município.

Os motivos de a escola em que trabalho possuir turmas lotadas de alunos em relação a outras escolas do bairro é o fato de ela estar inserida no que é convencional a chamar de “zona neutra”, local que aparenta ser um pouco menos afetado pelos problemas de violência. Outra causa é o fato de alguns gestores manterem a tipificação da escola com o número de alunos matriculados e outra razão está também em muitos estudantes não quererem o sistema de ensino integral, disponíveis atualmente em algumas escolas da região.

O bairro em que a escola está localizada se chama Vergel do Lago, um dos primeiros da capital alagoana, ao lado da lagoa Mundaú, que margeava a escola, quando esta era chamada por outro nome. A lagoa foi se afastando devido à construção de residências para as famílias que viviam na beira da lagoa. Os problemas de ordem social no local são constantes e as intervenções da polícia geram sempre confrontos e mortes. Os alunos frequentadores da escola são, em sua maioria, alunos dos conjuntos habitacionais dos arredores: Conjunto Joaquim Leão, Conjunto Virgem dos Pobres 1, 2 e 3 e da orla lagunar. Em alguns pontos dessas regiões, dentro do Vergel do Lago, impera a ausência do poder público. O lugar apresenta acúmulo de lixo, não só nas águas de sua belíssima lagoa, como também em diversas ruas e praças, inclusive em dois pontos no entorno da escola.

⁶No ano desta pesquisa, a escola apresentava IDEB de 3.2 e meta para 4.0. No ano de 2018 o resultado apresentado pelo MEC foi 4.1, um salto que foi garantido seguindo uma proposta da escola de preparação para a Prova Brasil, através de simulados e aulas direcionadas e aprovação no ano letivo promovida através de uma aprovação automática. A rotatividade de professores temporários é uma preocupação da atual gestão, que muitas vezes não consegue criar uma identidade na escola devido às mudanças e ausência de professores.

Figura 3 – Lixo em rua paralela à escola



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A fotografia acima tirada por um aluno participante da pesquisa mostra a rua Marquês de Pombal, que fica ao lado da escola, repleta de lixo depositado pelos próprios moradores do entorno.

2.4 Os procedimentos de geração de registros

Métodos e técnicas de coleta de dados e informações são importantíssimos numa pesquisa. Cabe aqui, explicarmos a utilização do termo “geração de registro” em vez “coleta de dados”. Segundo Fritzen (2012, p. 59), a presença do pesquisador não é neutra e deveria ocorrer de tal forma que não influenciasse o curso natural dos eventos.

Segundo os pressupostos teórico-metodológicos de Mason (1996), Erickson (1996) e Cavalcanti (2001), que entendem que o pesquisador não vai a campo para meramente colher dados, como se eles estivessem prontos, à sua espera. Ele gera registros, uma vez que sua presença em campo não é neutra e suas escolhas refletem sua posição epistemológica.

Optei como procedimentos para geração de registros a utilização de produções textuais dos alunos, fotografias, diário de bordo do professor, registro em áudio e produções de vídeos, realizando entrevistas com moradores, inserindo os estudantes no processo de letramento digital aliado a outras práticas letradas.

O primeiro procedimento, as produções textuais, visou mostrar quais os aspectos que os alunos percebem no bairro onde moram, para assim podermos

promover algumas discussões sobre tais observações. Muito comum nas aulas de Língua Portuguesa, a escrita de texto é uma prática de linguagem que, apesar de tradicional, pode também receber a inserção de outras semioses que são necessárias a demanda de textos que circulam socialmente na vida dos alunos. Como é sabido por todos, os documentos oficiais como os PCN e a BNCC visa à promoção de práticas que não se restringem somente à palavra escrita.

O segundo procedimento, fotografia, mencionou aquilo que os alunos registraram da realidade local e o que consideraram importante. Além disso, a intenção era ampliar a noção de letramento dos alunos, o que se esperava era que

[...] o significado de letramento, pois, deva incorporar não somente habilidades e competências referentes a aspectos linguísticos, mas também a considerações socioculturais e significações multimodais aliadas às novas tecnologias da informação e comunicação. (HEBERLE, 2012, p. 83)

Esta prática de letramento deve promover, além da competência verbal, outros modos semióticos e ajudar os estudantes a trabalhar de forma crítica aquilo que eles cotidianamente produzem nos seus celulares: a fotografia. Em uma combinação de material visual e escrita, Kress e van Leeuwen (2006) na GDV já apontavam para a constituição da unidade significativa de um texto articulando signos verbais e visuais, criando assim o texto multimodal.

O terceiro procedimento, diário de bordo do professor, esteve presente nos momentos importantes em que o professor contemplou questionamentos e observações a respeito do cotidiano dos alunos. A função deste diário foi registrar informações relevantes percebidas pelo professor.

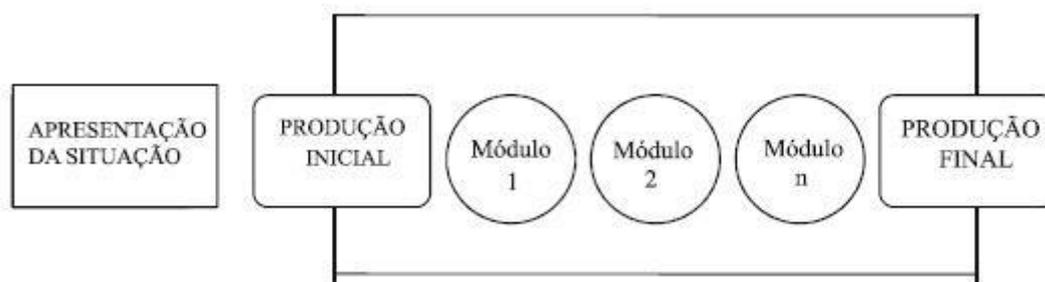
Para os dois últimos procedimentos, destaco a semiose verbal em áudio e os vídeos, imagens em movimento. Esses novos textos além de mostrar o uso de novas práticas na sala de aula, caracterizam também os multiletramentos.

O quarto procedimento, registro em áudio, serviu para os alunos gravarem as opiniões de algumas pessoas da comunidade; o quinto procedimento, produções de vídeos, teve o intuito assim como os outros de relacionar o contato com a comunidade e a inserção das atividades no processo de letramento digital. Em ambos são requeridas novas ferramentas e um trabalho de posicionamento crítico dos alunos.

2.5 A proposta didática

As propostas didáticas são conjuntos de atividades utilizadas de forma gradual para tornar mais eficiente o processo de aprendizagem e de modo a explorar diversos gêneros textuais. Os PCN citam a organização didática como “módulos” e Sequência Didática (SD), que facilitam o trabalho do professor: “são as sequências de atividades e exercícios, organizadas de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos” (BRASIL, 1998, p.88).

Alguns pesquisadores do Grupo de Genebra⁷ definem sequência didática como: “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004, p.97). Além disso, os autores afirmam que a função essencial da SD é auxiliar o aluno no domínio da escrita de determinado gênero textual, sendo proposta na pág. 98 em três etapas: produção inicial, módulos e produção final conforme mostra o quadro abaixo.



Segundo os autores, as atividades elaboradas desta maneira podem contemplar os mais variados gêneros textuais, mostrando a riqueza do trabalho desenvolvido pelo professor.

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno, a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 105)

⁷A “Escola de Genebra” originou o Grupo de Genebra, formado por pesquisadores como: Jean Paul Bronckart, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, A. Pasquier e Sylvie Haller. Dentre os estudos realizados na Universidade de Genebra, destaca-se: Interacionismo Sócio-Discursivo, que levou à elaboração e aplicação de SD, cujo objetivo era diminuir os problemas de produção escritas dos alunos.

Segundo Rojo (2012, p. 83), “o mundo contemporâneo impõe aos sujeitos uma variedade infindável de exigências” e diante das novas demandas de ensino, “é necessário pensar no desenvolvimento de uma sequência didática voltada para o trabalho com multimodalidade”.

Rojo (2001, p. 314) cita a SD como “modelização didática”, onde o plano de ensino de língua e de gêneros textuais está relacionado às experiências de ensino/aprendizagem de professores e alunos.

princípios, orienta a intervenção didática e, enfim, torna possível uma progressão entre os diferentes graus de aprendizagem. [...] O modelo define, com efeito, os princípios (por exemplo, o que é um debate?), os mecanismos (reformulação, retomada, refutação) e as formulações (modalizações, conectivos) que devem constituir objetos de aprendizagem para os alunos. (CF Dolz, Schneuwly e De Pietro, 1998, APUD Rojo, 2001, p. 319)

A organização de uma SD pressupõe planejamento e organização. É importante lembrar que essas atividades podem ser desenvolvidas sucessivamente ou de maneira simultânea. Quando trabalhadas no sentido de ensinar a língua aproximando de situações reais de comunicação, enaltecem o trabalho do professor em sala de aula.

esse dispositivo didático contribui para uma conscientização à necessidade de repensar o ensino e a aprendizagem da escrita em uma perspectiva que ultrapassa a decodificação de fonemas, grafemas, sintagmas, frases, indo em direção ao letramento (que implica a aquisição da leitura e escrita). (NASCIMENTO, 2009: 68).

A proposta didática desta pesquisa, quando adaptada e comparada com a SD proposta pelo grupo de Genebra, fica assim:

Quadro 5–Comparação das fases da proposta didática

Grupo de Genebra	SD adaptada para esta pesquisa
1-Apresentação da situação	1 - Finalidade e importância das atividades
2- Produção inicial	2- Desenvolvimentos de atividades multimodais pelos alunos

3 – Módulos	3– Desenvolvimento das capacidades de linguagem através dos gêneros textuais envolvidos na pesquisa.
4 – Produção final	4– Produção final (discussão dos problemas elencados com os pais)

A coleta de dados também será realizada por meio das atividades elencadas nesse planejamento didático. As atividades sistematizadas e destinadas ao 6º ano A, diurno, da escola estadual serão apresentadas nos quadros a seguir em três etapas, 7 atividades e 25 aulas:

1ª PROPOSTA DIDÁTICA	
PÚBLICO-ALVO: 6º ANO “A”	TEMPO ESTIMADO: 3 SEMANAS
OBJETIVO GERAL: Preparar um conjunto de atividades a partir das quais fosse possível observar em que medida os alunos e os pais conseguem perceber o cotidiano do bairro.	
ATIVIDADE 1	
Aulas	3 aulas intercaladas entre dias Junho / 2017
Objetivos específicos	Verificar como os alunos abordam a realidade local; Perceber a visão dos alunos e pais sobre o bairro através de pequenos textos produzidos em parceria como atividade para casa. Socializar os textos produzidos com estudantes;
Conteúdos	Texto descritivo (leitura e reconhecimento de textos)
Metodologia	Levar a letra do poema Cidadezinha Qualquer de Mario Quintana para leitura e discussão em sala de aula; Analisar detalhes da descrição e características do formato de

	<p>texto descritivo;</p> <p>Propor a escrita de texto descritivo semelhante ao apresentado, descrevendo a realidade local, mostrando como o lugar em que os alunos vivem é percebido;</p> <p>Propor aos alunos conversar com os familiares a respeito do bairro;</p> <p>Promover uma leitura coletiva dos textos em sala de aula;</p> <p>Promover discussões sobre a visão dos alunos a respeito do bairro e como os pais os ajudaram na tarefa;</p> <p>Formar uma roda de conversa com os alunos.</p>
Avaliação	Observações e análises do desempenho e dos registros escritos feitos / recolhimento dos textos e posterior devolutiva.
Procedimentos de geração de registros	<p>Escrita de textos descritivos sobre o bairro;</p> <p>Diário de bordo do professor.</p>

Considereei esta atividade como pontapé inicial da discussão sobre a realidade local. O objetivo era observar como os alunos descreviam o bairro, suas impressões e inquietações. Na primeira aula, foi feita leitura de textos canônicos de Camões e Fernando Pessoa que falavam sobre os lugares em que os autores moravam. Na segunda aula, fizemos uma discussão sobre o que os alunos e os pais mais gostavam no bairro onde residiam e sobre a estrutura do texto descritivo. Na terceira aula, foi realizada leitura dos textos produzidos pelos estudantes em sala de aula.

ATIVIDADE 2	
Aulas	<p>3 aulas</p> <p>Junho / 2017</p>
Objetivos Específicos	Apresentar aos alunos as semelhanças e diferenças entre jornais impressos e virtuais;

	<p>Fazer uso dos computadores da escola para reconhecer atividades multimodais;</p> <p>Reconhecer layout do jornal impresso e virtual, além de características de sites de notícias;</p>
Conteúdos	Produção textual: alguns gêneros textuais presentes nos jornais como reportagem, entrevista etc.
Metodologia	<p>Levar para leitura em sala de aula jornais impressos de grande circulação na cidade;</p> <p>Expor alguns textos e imagens em datashow para discutir as características do texto jornalístico;</p> <p>Discutir as estruturas dos cadernos e textos presentes nos jornais impressos;</p> <p>Acessar sites de notícias nos computadores do laboratório de informática para reconhecer características do jornal virtual;</p> <p>Fazer com que os alunos reescrevam um pequeno jornalzinho em seus cadernos, apresentando notícias criadas pelos estudantes com características dos textos observados no jornal real;</p>
Avaliação	Os alunos farão leituras e discussões sobre algumas matérias jornalísticas, além de reconhecimento e reescrita dos diversos gêneros textuais em destaque no jornal. Correção das atividades no caderno.
Procedimentos de geração de registros	<p>Diário do professor;</p> <p>Registro fotográfico dos alunos realizando atividades.</p>

Na atividade 2, o intuito foi o de contribuir a fim de que os estudantes pudessem perceber as semelhanças e diferenças entre jornal impresso e o jornal digital, analisando gêneros textuais e ressignificando alguns conteúdos com a reescrita. Dessa forma, os alunos teriam o primeiro contato com os textos multimodais na internet.

ATIVIDADE 3	
Aulas	5 aulas Julho / 2017
Objetivos	Escolher o nome para o jornal através de votação dos alunos; Criar um blog para servir de repositório para os alunos; Entender conceitos básicos sobre imagens; Identificar, através de fotografias, como os alunos veem o bairro em que moram; Entender conceitos básicos sobre entrevistas; Produzir pequenas entrevistas com habitantes do bairro; Criar um jornal impresso com o conteúdo coletado para panfletagem e divulgação.
Conteúdos	Multimodalidade: Entrevista, fotografia e áudios.
Metodologia	Utilização do celular; Propor que fotografem locais do bairro; Produção de entrevistas escritas e gravações de áudios com os moradores; Escrever pequenas matérias jornalísticas para os textos comporem o jornal impresso; Observar os textos no ambiente digital.
Avaliação	Serão solicitadas e analisadas fotografias com base nas teorias estudadas e ou registros de áudios sobre os problemas que afligem o bairro.
Procedimentos de geração de registros	Diário do professor; Registro fotográfico;

	Gravação de áudio.
--	--------------------

Na terceira atividade, ficou programada a construção de um blog coletivo para se tornar um repositório. Em sequência, após uma aula sobre como usar o celular para tirar fotos e gravar áudios, solicitei que os alunos registrassem as inquietações deles e dos moradores sobre os problemas mais comuns no bairro e o mapeamento dos locais que apresentam problemas com o descarte irregular do lixo apareceu bastante. Foi solicitado também construção de entrevistas escritas e gravação de áudio para uma única versão de um jornal impresso, que serviu apenas para divulgarmos o ambiente digital. Com as fotografias e os áudios no ambiente digital, os alunos tentaram entender melhor os textos multissemióticos, implicando em uma nova maneira de compartilhar tais textos multimodais.

ATIVIDADE 4	
Aulas	4 aulas Julho /2017
Objetivos	Divulgar em um blog e em um jornal impresso os primeiros dados coletados apresentando-os à comunidade; Relacionar a escola à comunidade; Estimular o espírito crítico dos estudantes e trabalhar a oralidade através dos relatos com a comunidade.
Conteúdos	Relatos orais / produção de textos multimodais
Metodologia	Formar grupos de alunos; Leitura e discussão do poema “O bicho” de Manuel Bandeira; Apresentação oral e visual em uma atividade de exposição de todo material coletado; Reconhecer os problemas e as riquezas do bairro através de imagens;

	<p>Debate dos problemas citados no jornal e no blog;</p> <p>Panfletagem do jornalzinho impresso.</p>
Avaliação	Será realizada através dos mecanismos de participação, interação e análise de procedimentos críticos de leitura e produção da exposição.
Procedimentos de geração de registros	<p>Diário do professor;</p> <p>Registro dos procedimentos de divulgação em fotos.</p> <p>Registros de observações e relatos</p>

Na atividade 4, decidimos expor todo o material obtido pelos alunos e expostos no blog numa atividade na escola, a intenção era criar uma discussão com os visitantes e outros alunos para saber como as pessoas lhe davam com o assunto. Esta atividade foi importante para compartilhar as observações dos alunos com a comunidade e fomentar os questionamentos.

2ª PROPOSTA DIDÁTICA	
PÚBLICO-ALVO: 6º ANO “A”	TEMPO ESTIMADO: 2SEMANAS
<p>OBJETIVO GERAL: Mostrar como o assunto que mais se destacou nas discussões poderia ser trabalhado pela instituição de ensino e como ele afeta a vida cotidiana dos moradores. Descobrir o que os moradores pensam a respeito dos assuntos elencados por eles e relativos ao bairro. Averiguar como essa sucessão de atividades colabora com as mudanças das práticas pedagógicas tradicionais nas aulas de Língua Portuguesa.</p>	

ATIVIDADE 5	
Aulas	<p>3 aulas</p> <p>Setembro / 2017</p>
Objetivos	<p>Entrevistar moradores do bairro;</p> <p>Gravar entrevistas em áudio e vídeo.</p>

	Desenvolver a prática de escuta
Conteúdos	Entrevistas em áudio e vídeo.
Metodologia	Utilização de celulares; Ensinar os procedimentos mais comuns na realização de uma entrevista; Pedir que os alunos comentem as opiniões registradas nas entrevistas.
Avaliação	Observações e análises do desempenho e dos registros feitos
Procedimentos de geração de registros	Registros em áudio; Registros em vídeo; Transcrições de relatos.

Na atividade 5, foi solicitado aos alunos que as entrevistas em vídeos fizessem parte do material coletado, a inserção da multimodalidade em sala de aula já estava bem aceita. Os estudantes aprenderam como gravar áudio e vídeo nos celulares e foram em busca das opiniões dos moradores.

ATIVIDADE 6	
Aulas	4 aulas Outubro / 2017
Objetivos	Produzir memes em relação aos problemas reconhecidos pelos alunos; Reconhecer as modalidades textuais além dos limites do código verbal; Reconhecer efeitos de humor e ironia.
Conteúdos	Fotografia / memes.
Metodologia	Exibição em datashow de vários memes encontrados na internet; Expor fotografias de momentos dos estudantes no bairro;

	Utilização de celulares; Montagem dos memes em aula prática; Apresentação dos memes em sala de aula; Promover discussões sobre a produção dos alunos.
Avaliação	Observações e análises do desempenho e dos registros feitos.
Procedimentos de geração de registros	Registros fotográficos; Diário do professor.

Na atividade 6, fizemos o uso das imagens com recursos humorísticos. Foi a hora de os alunos descontraírem e mostrarem que entenderam a proposta. Após alguns momentos analisando memes, foi a hora de eles produzirem um recurso tão utilizado atualmente nas redes sociais.

3ª PROPOSTA DIDÁTICA	
PÚBLICO-ALVO: 6º ANO "A"	TEMPO ESTIMADO: 1 DIA
OBJETIVO GERAL: Verificar como os pais e a comunidade escolar reagem aos questionamentos e aos problemas mencionados pelas atividades dos alunos.	

ATIVIDADE 7	
Aulas	3 aulas Outubro / 2017
Objetivos	Divulgar o material coletado e produzido pelos alunos; Socializar com os moradores e a comunidade escolar os problemas elencados pelos estudantes; Investigar o que a comunidade pensa a respeito dos problemas supracitados.
Conteúdos	Exposição oral

Metodologia	Distribuição do jornal impresso para comunidade escolar; Leitura dos memes produzidos pelos alunos; Divulgação do endereço do blog; Exposições sobre o conteúdo do blog no pátio da escola; Realizar encontro com os pais para socialização do projeto; Promover discussões sobre o tema com as pessoas convidadas.
Avaliação	Observações e análises do desempenho e dos registros feitos
Procedimentos de geração de registros	Registros fotográficos; Registros em vídeo; Transcrições de relatos.

Na atividade 7, fizemos a culminância e a divulgação do material produzido pelos alunos, socializando e discutindo o mesmo em um encontro muito produtivo com a escola e a comunidade. Foi o momento de reunirmos todo o material produzido e expormos aos pais. Esse foi um momento que promoveu a interação entre escola, professor, alunos e pais.

Capítulo 3 –ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente capítulo, apresento os resultados da metodologia exploratória. Organizo-o em duas partes. Na primeira, descrevo e analiso o processo de desenvolvimento da proposta didática. Na segunda parte, proponho uma análise do produto final dessa fase inicial.

Para tanto, explico mais uma vez as questões de pesquisa bem como os objetivos:

As questões são;

- Uma mudança de concepção de letramento como suporte para revisão da prática pedagógica pode contribuir para um contato mais significativo com a escrita?
- Quais as contribuições que a introdução do trabalho com a multimodalidade e com a tecnologia digital podem trazer para a produção escrita dos alunos?
- Como estimular uma discussão na escola envolvendo o contexto social do bairro?

O objetivo geral da presente proposta didática é:

Trabalhar a cultura digital e outras atividades letradas na sala de aula para ampliar as práticas de letramento de alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Os objetivos específicos:

Estimular a utilização dos recursos digitais para discutir alguns problemas relacionados ao bairro.

Desenvolver um jornal digital, em um blog coletivo visando um trabalho de produção textual voltado para aspectos multimodais e multiculturais.

3.1 Análise do processo da metodologia de exploração

O desenvolvimento do presente trabalho referente à fase exploratória, organiza-se em três propostas didáticas de 3 aulas cada, em média. Organizo esta análise na ordem das aulas mostradas nos quadros anteriores.

3.1.2 A primeira proposta didática

Assim que comecei a pensar no início desta pesquisa exploratória, decidi começar com as atividades da minha prática tradicional e aos poucos introduzir os aspectos multimodais. Buscando respaldo nas orientações dos próprios documentos oficiais, nos aspectos complementares ao suporte teórico de nossa pesquisa, a leitura da BNCC nos ajuda com a seguinte afirmação no que tange às competências gerais

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 9)

Ademais, refleti sobre a distância das práticas sociais de linguagem detectadas em turmas como os 6º anos na escola. Tal distância reside no fato de não termos nenhum conteúdo relacionado à realidade dos alunos, pouca voz era dada a eles, no que diz respeito a nós, professores e gestores, queremos saber sobre seus anseios e opiniões. Entendia que o contato permanente com o cotidiano dos alunos era importante.

Assim, solicitei aos alunos que conversassem sobre o lugar em que vivem, o objetivo era escrever um pequeno texto com o tema “O lugar onde vivo”. Informei aos estudantes que iriam redigir um pequeno texto sobre o bairro revelando suas percepções, sobre como eles viam o lugar. Essas atividades foram divididas em três momentos.

Aula 1: para introduzir a elaboração textual, apresentei o poema Cidadezinha, de Mario Quintana. Apesar de o foco não ser no gênero textual poema, o objetivo era proporcionar um aquecimento e perceber como o eu-lírico resgata sentimentos sobre o local observado por ele.

Cidadezinha cheia de graça...
 Tão pequenina que até causa dó!
 Com seus burricos a pastar na praça...
 Sua igreja de uma torre só...
 Nuvens que venham, nuvens e asas,
 Não param nunca nem um segundo...
 E fica a torre, sobre as velhas casas,
 Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe só num olhar...

Os comentários dos alunos sobre o poema eram: essa cidade é muito pequena! Parece a cidade do interior de Alagoas! Atentei-os para a simplicidade do poema e a relevância da percepção do poeta. Para a escrita do texto, informei aos alunos que mudaríamos o gênero textual, escreveríamos um texto descritivo, observamos a estrutura textual, noções de composição, uso de maiúsculas, organização de parágrafos no texto em prosa.

A produção de texto entra nesta pesquisa com objetivo de proporcionar proficiência e autonomia, principais metas a serem alcançadas nas aulas de Língua Portuguesa. Esses objetivos requerem condições de tornar os alunos conscientes do papel da escrita, uma vez que função do professor possibilitar o acesso a produções de texto.

Com isso, bastante característico para as produções do nível fundamental são os textos narrativos e descritivos. Os livros didáticos agrupam textos desta natureza em suas propostas de produção textual. Seguindo os modelos tradicionais em suas dimensões ensináveis, como dizia Schneuwly (2004), a descrição é um modelo escolhido para este trabalho.

A definição de texto descritivo aqui adotada é tipo de texto em que se relatam as características de uma pessoa, de um objeto ou de uma situação qualquer. É essa definição encontrada em várias gramáticas e de entendimento na linguagem dos alunos de ensino básico. “Descrever é um modo de compor textos em que são expostas características de pessoas, objetos, situações etc.” (CAMPEDELLI, 1998, p. 136)

A importância de se trabalhar o texto descritivo está no fato de ele apresentar aspectos importantes na análise de uma imagem e caracterização detalhada de um ambiente. Ele não se limita por noções temporais ou espaciais, além de ser objetivo, focalizando alguns aspectos, ou subjetivo podendo fazer uso da conotação.

A partir desse ponto era preciso perceber os domínios discursivos dos alunos, para poder utilizar o gênero textual em questão. Os estudantes dispunham de informações advindas da pouca formação escolar, então foi preciso lembrar que

Um gênero é um pré-construto histórico, resultante de uma prática e de uma formação social. A aprendizagem da língua oral e escrita se faz pela confrontação com um universo de textos que já nos são dados de antemão. É uma apropriação de experiências acumuladas pela sociedade. (DOLZ, 2010, p. 40)

À medida que os alunos me apresentavam o texto, fazia pequenas correções e pedia para que alguns escritos fossem refeitos. Uma observação que fiz constantemente em aulas anteriores é a facilidade que os alunos têm de desenvolver melhor uma atividade quando estudam alguns modelos textuais do gênero. Dolz (2010) atribui esse procedimento ao modelo didático do gênero textual, que consiste na construção das seguintes dimensões: “1) os saberes de referência a serem mobilizados para se trabalhar os gêneros; 2) a descrição dos diferentes componentes textuais específicos; 3) as capacidades de linguagem do aluno.” (DOLZ, 2010, p. 48)

Dessa forma, as características do texto tiveram um caráter operacional e os alunos puderam redigir o texto conforme organização textual. Consequentemente, foi possível observar textos direcionados quanto à estrutura, ou seja, formas semelhantes. A priori essa não era a intenção, no entanto foi preciso conduzir de maneira tradicional a produção textual, voltadas a paragrafação, uso de maiúsculas entre outras abordagens, tendo em vista a dificuldade de escrita dos alunos.

Aula 2: após o primeiro momento, as produções textuais foram lidas pelos alunos. Pedi também que falassem o que pensavam sobre o bairro onde moram.

Figura 4 – Alunas lendo textos

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



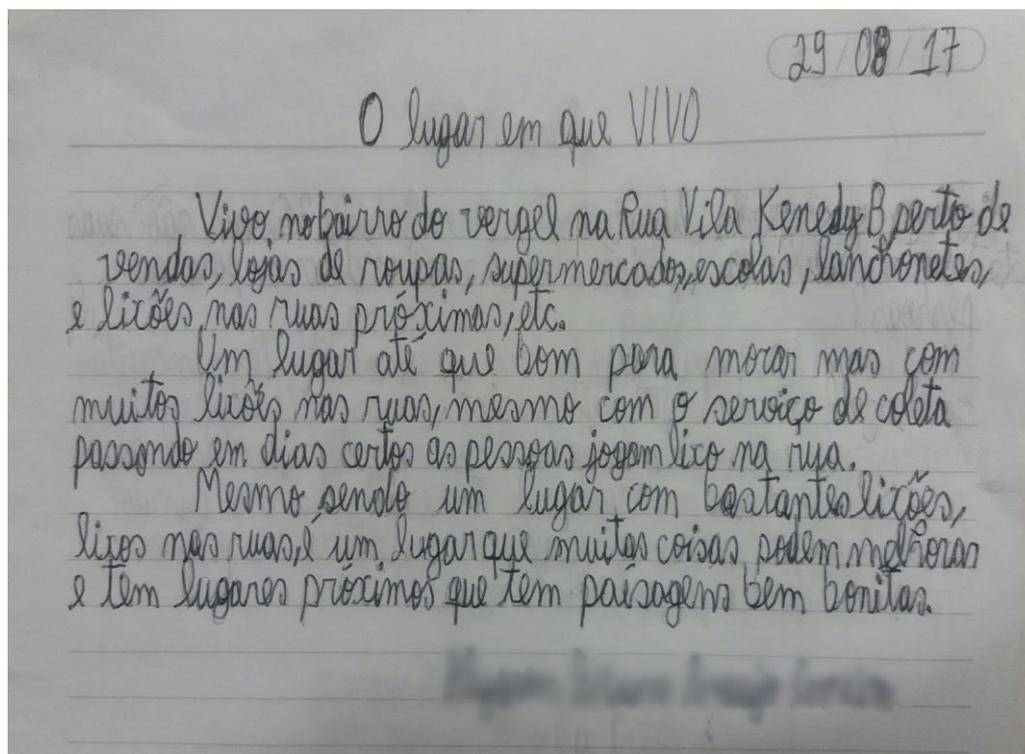
Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As imagens acima mostram algumas meninas lendo a escrita que produziram. Vários alunos leram o texto, entre os escritos eram comuns menções a assalto, ruas não asfaltadas, lixos jogados a céu aberto e barulhos de som alto. Entretanto também foi possível observar relatos sobre ruas tranquilas, pessoas boas, família entre outros assuntos. De uma maneira geral, os textos mostram exposição, relatam problemas, e não apresentam ponto de vista, o que é facilmente justificável pelo fato de os alunos serem apenas do 6º ano do ensino fundamental.

Figura 5 – Textos produzidos por alunos⁸

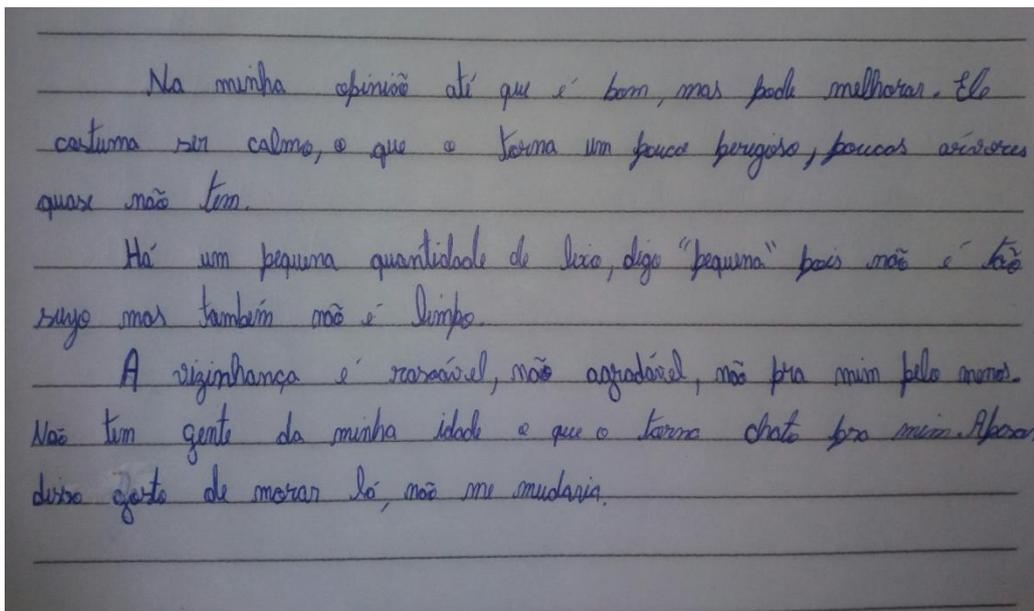


Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Transcrição do texto:

1	O lugar em que vivo
2	
3	Vivo no bairro do vergel na Rua Vila Kennedy B perto de
4	vendas, lojas de roupas, supermercados, escolas, lanchonetes,
5	e lixões nas ruas próximas, etc.
6	Um lugar até que bom para morar mas com
7	muitos lixões nas ruas, mesmo com a serviço de coleta
8	passando em dias certos as pessoas jogam lixo na rua.
9	Mesmo sendo um lugar com bastantes lixões,
10	lixos nas ruas, é um lugar que muitas coisas podem melhorar
11	e tem lugares próximos que tem paisagens bem bonitas.

⁸Conforme descrito na atividade 3 da proposta didática, essas redações posteriormente foram armazenadas no blog do projeto. Mais adiante informo como essa plataforma foi produzida. O endereço é www.jornaurelina.blogspot.com

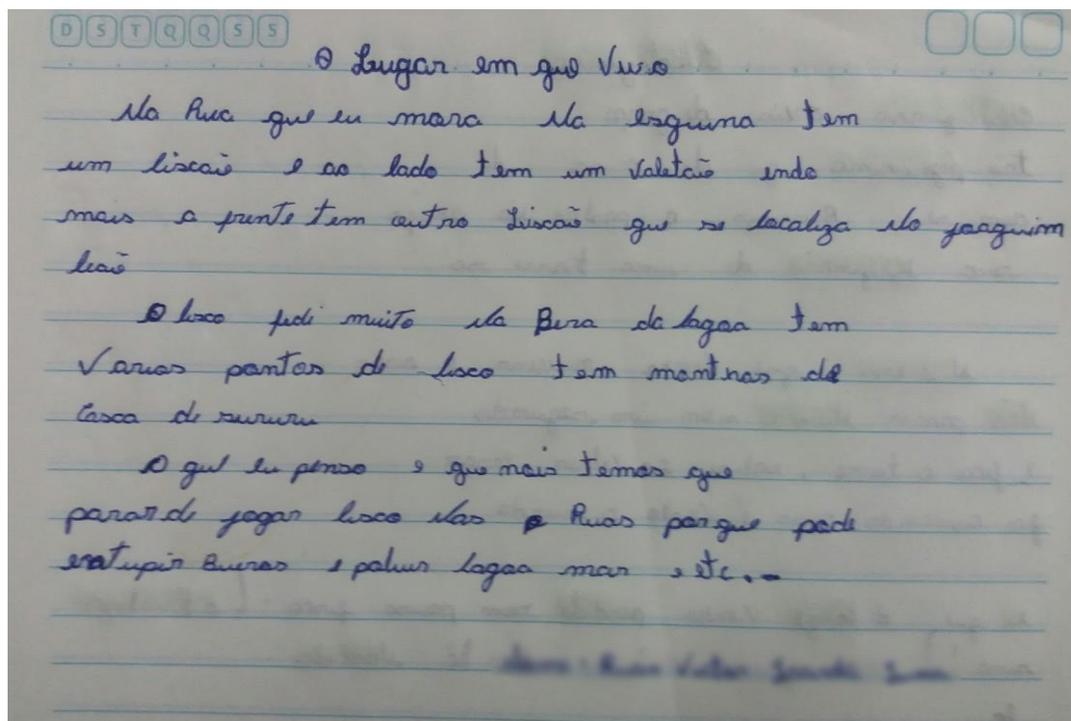


Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Transcrição do texto:

1	Na minha opinião até que é bom, mas pode melhorar. Ele
2	costuma ser calmo, o que o torna um pouco perigoso, poucas árvores
3	quase não tem.
4	Há uma pequena quantidade de lixo, digo "pequena" pois não é tão
5	sujo mas também não é limpo.
6	A vizinhança é razoável, não agradável, não pra mim pelo menos.
7	Não tem gente da minha idade o que o torna chato pra mim. Apesar
8	disso gosto de morar lá, não me mudaria.

Figura 6 – Texto produzido por aluno



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Transcrição do texto:

1	O lugar em que vivo
2	Na rua que eu moro na esquina tem
3	um lixão e ao lado tem um valetão indo
4	mais a frente tem outro lixão que se localiza no joaquim
5	leão
6	O lixo fede muito na Bera da lagoa tem
7	Varios pontos de lixo tem montras de
8	Casca de sururu
9	O que eu penso e que mais temos que
10	Parar de jogar lixo nas ruas porque pode
11	Entupir bueros e poluir lagoa mar etc.

Como é possível observar nos textos, há a percepção de vários elementos que fazem parte da paisagem do bairro, como lanchonetes, poucas árvores, ente outros, entretanto a menção ao lixo aparece em todos eles. A descrição estava fundamentada na exposição de características dos lugares, já que segundo CAMPEDELLI (1998, p. 137)

“a descrição mostra características de pessoas ou lugares”, construída por adjetivos como os citados no texto: limpo, calmo, bom, agradável etc.

Estimular a produção de texto com análise e reflexão sobre os aspectos mencionados pelos alunos foi fundamental nesta parte da pesquisa. As aulas de Língua Portuguesa corroboraram com o objetivo de tornar o aluno sujeito dos textos que vieram a produzir, conduzindo a mesma noção para a fala dos estudantes, pois os alunos puderam explicitar aquilo que mais chamou a atenção deles.

Em seguida, como atividade para casa, foi pedido aos alunos que levassem alguns questionamentos para serem respondidos pelos pais e registrados pelos estudantes:

Como você vê o lugar onde mora? Como você o descreve para as pessoas?

Aula 3: a leitura das respostas dadas pelos pais foi feita no terceiro momento, vários estudantes registraram no caderno as respostas. Entre as menções, havia relatos sobre a urgência de mudanças, devido à violência, falta de áreas de lazer, ruas não asfaltadas e lixões. Como atribuições positivas lembraram a amizade das pessoas, a família e apesar das dificuldades ainda não havia perspectiva de mudança de moradia. O momento serviu para compararmos as respostas.

Um dos fatos que me chamou a atenção foi a não menção da lagoa Mundaú em nenhum dos textos e em nenhum relato. Nessa aula, lembrei-os da importância da lagoa, com o sustento de famílias, a beleza, etc. Entretanto, o discurso recorrente era que a lagoa estava muito suja, poluída e ninguém podia apreciá-la, devido à existência de barracos no entorno da orla, reconheci que os estudantes falavam de coisas que eles mesmos vivenciaram, pois havia relatos muito pertinentes, ricos em informações detalhadas sobre o que acontecia ali.

Após esse momento, vi que era possível dar prosseguimento à proposta didática. Como a proibição ao uso do celular é constante na escola e é norma, conversei com os alunos sobre a possibilidade de o utilizarmos em nossas aulas. Minha primeira impressão foi perceber a alegria estampada nos rostos, alunos retirando o celular do bolso e alguns outros perguntando como iriam utilizá-lo. Ao perguntar quem possuía um aparelho celular, a maioria levantou a mão, com exceção de alguns que informaram não possuir.

A partir daí, percebi que era possível utilizar um recurso como o celular, inclusive pensando em apresentar exercícios produzidos pelos alunos, tendo em vista que os mesmos eram estudantes de uma turma de 6º ano do ensino fundamental. Talvez

a pouca relação que este recurso tenha com a escola os causaram estranhamento, a ansiedade dos mesmos era um dos trunfos que eu tinha para a adesão da maioria dos estudantes.

Resolvi desenvolver algumas experiências com os alunos. Minha intenção era aproveitar o momento e preparar uma exposição para divulgação das atividades com jornal impresso e blog, acreditei que seria um momento oportuno para que os estudantes pudessem mostrar a comunidade o que poderíamos desenvolver. A exposição, evento que durou dois dias, serviu para que estudantes da escola expusessem atividades relacionadas às áreas de conhecimento e ainda trabalhar a oralidade dentro da perspectiva dos multiletramentos. As vantagens estão relacionadas ao contato direto com a comunidade, aos questionamentos com seus interlocutores. As desvantagens foram o pouco tempo de preparação e os poucos materiais produzidos pelos alunos.

Em uma conversa com os alunos na sala de aula, expus o que poderíamos trabalhar e elaborei uma pequena proposta didática para que os estudantes pudessem acompanhar o passo a passo. Para isso, foi preciso introduzir noções básicas de suporte jornal.

No século XXI, a educação vem apontando a necessidade de promover o despertar do aluno, com a finalidade de construir uma visão crítica e de fazer com que o protagonismo esteja presente nas atividades promovidas pela escola.

É nesse sentido que o jornal na sala de aula vem com o intuito de ampliar a noção de leitura, análise textual e escrita. “Uma fonte primária de valores, tornando-se então instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional” (FARIA, 2003, p.11). A diversidade de temas e gêneros textuais trabalhados no jornal pode inserir o estudante num repertório textual muito produtivo, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem.

Bonini (2014, p. 37) afirma que “o texto jornalístico tem estado presente nas análises linguísticas.” Além disso o texto jornalístico está consolidado na sociedade, pois tem respaldo e uma grande fonte de leitura. Nas escolas, ganha força com a diversidade de gêneros textuais que carrega, ademais representa também um avanço significativo para a construção do saber, contribuindo com um mundo atualizado, crítico e comunicativo.

Como parte da proposta didática, apresentei jornais impressos em sala de aula, pedi para que os alunos lessem algumas notícias e prestassem atenção aos detalhes de

composição dos jornais, das diferentes seções, da linguagem, das imagens, legendas e tipos de letras.

Figura 7 – Alunos visualizando jornais



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Nestas imagens é possível observar todos os alunos folheando as páginas dos jornais. Após alguns questionamentos dirigidos aos estudantes, além de comentários sobre algumas matérias, detectamos os temas presentes nos textos.

Pedi para que os mesmos identificassem fotos e lancei-lhes uma pergunta: se só tivéssemos imagens será que as imagens fariam por si sós? As respostas foram as mais diversas, uns falaram em não conseguir entender, outros falaram em legendas, foi então que aproveitei o momento para conversar sobre linguagem verbal e linguagem não verbal.

Estava na hora de os alunos aprenderem alguns conceitos básicos sobre imagens. A finalidade era mostrar como as imagens comunicam. Procurei explicar de maneira bem simples para os alunos a noção discutida por Eco (1997), quando diz que a interpretação é definida pelo observador.

Para começar expus em sala de aula uma imagem que considero um símbolo quando o assunto é fotografia. A imagem de um estudante chinês em um protesto contra a ditadura.⁹ O fotógrafo Jeff Widener foi muito premiado na época. Percebi que os alunos ficaram muito curiosos e a priori fizeram muitas suposições sobre o ocorrido na foto.

Figura 8 – Estudante na praça da Paz Celestial



Fonte: Imagem: 5 jun.1989 - Jeff Widener/Reuters

Muito importante nesse momento, essa imagem serviu para mostrar que nem sempre as imagens são claras nos seus propósitos comunicativos. A fotografia mostra

⁹O evento ficou conhecido como o Massacre na Praça da Paz Celestial em Pequim (China) em 1989. Os estudantes desta pesquisa leram essas informações em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/06/04/protagonista-de-foto-iconica-homem-do-tanque-nunca-foi-identificado.htm>

um estudante em frente aos tanques de guerra numa demonstração de resistência. Curiosamente os alunos se interessaram pela notícia e queriam saber mais detalhes sobre o ocorrido. A discussão a respeito da imagem foi muito produtiva, foi possível perceber que a fotografia, apesar de mostrar alguns signos, não foi compreendida em sua totalidade pelos estudantes. Conforme Gomes (2015, p. 2), “a leitura e a interpretação de imagens requer conhecimentos sobre seu funcionamento enquanto signo semiótico e das relações de sentido entre os diferentes signos que as compõem.” A partir desse ponto foi preciso ler a matéria que trazia detalhes sobre esse fato.

Optei por essas atividades seguirem o planejamento didático, porém era necessário avançar, percebi a intermitência de algumas propostas devido aos conteúdos metalinguísticos que os alunos precisavam para a semana de provas na escola, o que pode ter sido uma falha nesta pesquisa, no entanto considero que a aprendizagem estava ganhando corpo.

Em seguida, entramos na discussão de qual poderia ser o nome do jornal que assim também nomearia o projeto. Enquanto isso, fizemos um pequeno aquecimento no caderno. A atividade que lancei no quadro pedia para que numa única folha de caderno o aluno apresentasse um layout de jornal com várias notícias escritas. Eles começaram a produzir textos de gêneros diversos e nomearam seus jornais pessoais no caderno. Lemos vários textos produzidos. A partir de então, dentre os vários nomes dados como sugestão para o jornal, entre eles, Jornal da Escola, Gazeta do Aurelina, chamou-me a atenção a possível mistura apresentada por um dos alunos: Jornalço. Mesmo sem nenhuma relação com o propósito, o nome era novo e assim, entre algumas sugestões, chegamos a um consenso que o nome Jornaurelina cairia bem. A junção do nome jornal com o nome próprio Aurelina se tornou pronunciável e assim decidimos mantê-lo como escolhido, pois lembrava jornal e o nome da escola.

Posteriormente foi marcada a ida ao laboratório de informática, perguntei quantos sabiam usar o computador e pelas respostas percebi que a maioria já teve contato com o equipamento. A possibilidade de ter acesso à leitura e fazer pesquisas na internet era uma ótima oportunidade para relacionar informações numa perspectiva do letramento digital, minha intenção era mostrar-lhes ambientes de notícias, solicitei que os alunos acessassem alguns endereços de sites locais e anotassem o que lhes chamaram a atenção.

Perguntei-lhes se gostariam de criar um ambiente para as postagens, eles ficaram curiosos, porém não apresentavam muito domínio para falar sobre a criação de um ambiente digital. Na oportunidade, não ousei em tentar fazê-los criar um blog pela dificuldade que eles apresentaram. Decidi então acelerar a produção apresentando-lhes o ambiente virtual.

Entre uma aula e outra mostrei aos alunos que era possível construir nosso lugar na web, apresentei-lhes um ambiente que tinha acabado de criar: um blog do Jornaurelina.¹⁰

Figura 9 – Blog Jornaurelina

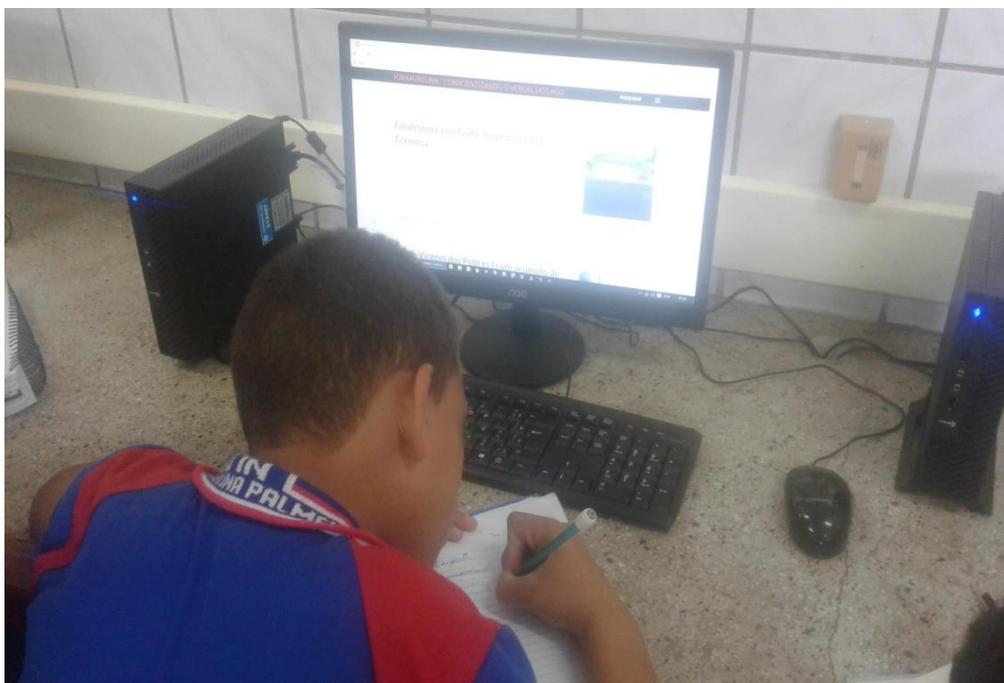


Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A imagem acima mostra a página do blog criado para os alunos, cada atividade produzida era armazenada neste ambiente virtual. O Blogger é um portal na web que facilita a criação de blogs gratuitos. A ferramenta é de fácil utilização, assim optei por criar um ambiente para os alunos com a finalidade de se tornar uma espécie de repositório, onde poderíamos compartilhar fotos, vídeos, textos com outras pessoas. A cada foto ou vídeo trazido pelos alunos, inseríamos no blog com informações da localização e do problema em discussão, foi assim que decidi criar páginas no blog para cada tipo de seção: jornal impresso, áudio, fotos, telefones, links relacionados, além da página principal que continha a maioria das postagens.

¹⁰ O endereço é www.jornaurelina.blogspot.com

Figura 10 – Alunos visitando laboratório de informática



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As imagens mostram alunos no laboratório de informática manuseando os computadores. A empolgação dos estudantes era visível, foi então que aproveitei o ensejo para lembrá-los da exposição que se aproximava. A ideia era produzir algo para

que os alunos tivessem material disponível para acesso ao blog e também produções para o jornal impresso, tendo em vista que essa atividade estava vinculada às tecnologias.

Diante do exposto, o uso da tecnologia estava inserindo os alunos no mundo digital ou continuando o processo de inserção, tendo em vista que muitos informaram que acessam também em casa. Desenvolver um trabalho com o letramento digital é também necessário que tenhamos “professores capacitados para o uso em sala de aula, das linguagens, dos meios eletrônicos e de práticas de escrita que façam dos alunos não apenas consumidores de informação, mas também produtores de conteúdo para a *web*, de forma crítica e consciente” (GOMES, 2011, p. 14-15).

O foco dos alunos nesse momento era apresentar problemas relacionados ao descarte do lixo no bairro, já que era um problema muito comum em várias localidades, nessa perspectiva a disciplina de Língua Portuguesa podia trabalhar diversas práticas discursivas, pois na internet circulam vários gêneros do discurso, entendia isso como um ponto forte nesse trabalho.

Considero o quarto momento uma produção muito valiosa, foi dado como sugestão nas aulas que os alunos utilizassem aparelhos celulares para fotografar pontos com acúmulo de lixo em todo o bairro. As primeiras noções de fotografias foram ensinadas de maneira bem simples aos alunos, inserindo-os no letramento visual. Primeiramente fazendo-os perceber a imagem através de interpretações do retrato social, conforme Kress e Van Leeuwen (2006), os estudos da imagem têm evoluído com o seu uso social e também como explica Ferraz (2014, p. 338) “síntese entre o evento que se apresenta e as interpretações construídas sobre ele”, referindo-se também a uma imagem que denuncia uma realidade.

Logo após essas observações, fiz algumas indagações aos estudantes no sentido de saber se eles acreditavam que as imagens poderiam ser mais esclarecedoras do que textos verbais. Gomes (2015, p.3) diz que as imagens costumam ter um impacto emocional mais direto, enquanto o texto escrito traz um apelo maior ao raciocínio lógico. A partir dessa perspectiva os alunos poderiam fazer uma demonstração. Estava lançado o desafio.

Antes que eu pudesse pensar em orientá-los a respeito da didática com o letramento digital, fui surpreendido nas aulas seguintes com uma gama de fotos dos lugares que apresentavam descarte irregular de lixo no bairro, além de poucos vídeos de

entrevistas com moradores sobre problema do lixo. Após ouvir as opiniões, as observações dos estudantes, resolvi então colocar todo material coletado no blog.

Figura 11 – Fotos de ruas paralelas à escola



Rua Marquês de Pombal, Vergel do Lago, Maceió - AL

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Praça Padre Cícero, Vergel do Lago, Maceió - AL

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As fotos demonstram a percepção dos alunos frente a um problema do bairro. Elas foram tiradas ao lado da escola. A vinculação entre as atividades desenvolvidas

pelos estudantes era um propósito da proposta didática, era importante manter uma relação entre as atividades, tendo em vista que os alunos deveriam entender sua gradação para desenvolver a produção de discurso.

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. (BRASIL, 1998, p. 21)

As relações estabelecidas entre as fotografias trazidas pelos alunos e os textos descritivos aparentam uma noção de ilustração, Conforme Barthes (1977), a relação ilustrativa é considerada quando a imagem apoia o texto. Neste caso, não temos especificamente essa relação, porém na intenção dos alunos, a fotografia fala por si só, remetendo a imagem explicando o sentido. O percurso interpretativo citado por ECO (1997) corresponde nesse caso aos observadores aguçando seus estímulos visuais apreendidos pela interpretação que se tem ao observar uma rua cheia de lixo.

De posse dessas fotos, foi que tivemos a dimensão do problema que aflige o bairro, diversos pontos de lixo foram identificados pelos alunos. As fotos acima mostram dois pontos ao lado da escola. Esses já eram suficientes para o alerta promovido pelo jornal, porém a cada dia apareciam novas fotos tiradas pelos alunos. Os locais pareciam que se multiplicavam. De fato, o bairro apresenta muitos pontos de descarte irregular de lixo. O entorno da escola serve de passagem para vários moradores que transitam para ir ao trabalho, à escola e esse é um movimento constante, um fluxo de pessoas que de uma maneira ou de outra veem o lixo todos os dias.

Da mesma forma que os componentes curriculares nas disciplinas, a alfabetização e o que entendemos por letramento são fundamentais para a inclusão das pessoas na sociedade, essas atividades com as tecnologias recentes podem ser consideradas como uma continuidade, dessa vez utilizando recursos tecnológicos.

Como o tema principal girava em torno do lixo, aproveitei a oportunidade e debati em sala de aula o poema “O bicho” de Manuel Bandeira, o qual lembrava um homem que sobrevivia do lixo, a reflexão serviu para encaixar temas como pobreza, miséria e o reaproveitamento de materiais. Fizemos uma pequena discussão em sala de aula.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

Com a compilação do material disponível no blog, resolvemos encaminhar também o jornal impresso, o evento escolar era iminente e já contávamos com poucos vídeos, um mapeamento dos locais que possuíam descarte de lixo no bairro, uma entrevista em áudio, vários textos produzidos pelos alunos.

Após todo esse processo inicial, veio a exposição, dois dias em que os estudantes apresentaram suas equipes para outros estudantes e pais convidados. Para a confecção do jornal impresso, contei com fotos tiradas pelos discentes, textos escritos pelos mesmos e algumas charges e tabelas escolhidas por mim e por alguns alunos na internet. Mapeamos alguns locais com lixo e divulgamos telefones de órgão públicos de limpeza. Os alunos foram incisivos com cada visitante, além disso, entregaram cópia dos jornais impressos, mostraram as fotos dos locais com dejetos em cartolinas e também mencionaram a lagoa Mundaú, lembrando suas águas poluídas através de fotos.

Figura 12 – Estudantes na exposição



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As fotos mostram um momento em que os alunos apresentaram para o público convidado o jornal impresso. Ademais houve apresentação de algumas fotos captadas por eles mesmos sobre o lixo no bairro. Uma pequena maquete foi construída e o público foi orientado sobre o destino correto dos resíduos sólidos.

Figura 13 – Meninas visualizando jornalzinho



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A imagem acima mostra alunos visualizando o jornal impresso que foi também distribuído para o público em geral.

Figura 14 – Jornal impresso produzido pelo projeto

<p>ENTREVISTAS Aluno Thiago da Silva Oliveira entrevista Tereza, moradora do bairro. Thiago — Qual a sua opinião sobre o lixo no bairro? Tereza — No lugar, deveria colocar um container, o conjunto precisa de uma total limpeza, a gente merece limpeza, somos pessoas de bem, precisamos de limpeza! (...)</p> <p>Repórter Elielson Freitas (Capital FM) entrevista Wandererson (coronário) Elielson — Como é pra você fazer um trabalho com a banda em frente ao lixo? Wandererson — É complicado, não conseguimos fazer um trabalho decente por causa do odor na praça. Elielson — Qual seria a melhor solução para esse local mudar? Wandererson — Uma fiscalização e punição com fiscais em três horários. (...) (confira as entrevistas completas em áudio no blog)</p>		<p> Jornaurelina PERIÓDICO INFORMATIVO DA ESCOLA ESTADUAL AURELINA PALMEIRA DE MELO PRAÇA PADRE CICERO S/N VERGELHO LAGO / MACEIO-AL CEP 57015-140 Expediente: Alunos dos 8º ano A / Outubro 2017 Redação: ALUNOS DO 8º ANO A / 2017 Revisão: Prof. Sandro Baggio Edição: 001 / Ano: 2017</p> <p>Acesse a versão on line: www.jornaurelina.blogspot.com Expediente: Alunos dos 8º ano A / Outubro 2017 Redação: ALUNOS DO 8º ANO A / 2017 Revisão: Prof. Sandro Baggio Edição: 001 / Ano: 2017</p>	
<p>DISTRIBUIÇÃO GRATUITA</p> <p>NOSSO MAIOR TESOURO: LAGOA MUNDAU  Acreditamos que a beleza desse lugar deve ser preservada. O lixo encontrado na lagoa é fruto da falta de educação das pessoas e da falta políticas públicas. Valorize esse lugar que sustenta várias famílias com o sururu e com o turismo!</p>	<p>CHARGES ÁGUA OSENTENTÃO </p>	<p>O lixo nas proximidades da escola O estudante Alysson Bruno do 6º ano A fotografou algo muito comum neste local: o acúmulo de lixo.  Agora reflita: de quem é a culpa por tamanha sujeira?</p>	<p>PONTO VIVO: SERÁ QUE DEU ERRADO? PÁG. 3</p> <p>QUANTOS LOCAIS COM LIXO EXISTEM NO VERGEL? VOCE SABE? PÁG. 2</p> <p>ENTREVISTAS VEJA NA PÁG. 4</p> <p>QUEM SOMOS? PÁG. 4</p>
<p>Disque Limpeza em Maceió 0800 082 2600.</p>		<p>LIXO ACUMULADO PRÓXIMO À IGREJA VIRGEM DOS POBRES ANALISE A IMAGEM ABAIXO E NOS AJUDE A ENTENDER A SEGUINTE QUESTÃO: POR QUE O BAIRRO DO VERGEL ESTÁ CHEIO DE PONTOS INADEQUADOS DE LIXO? FOTO: Aleilson dos Santos Silva 6º ano A / 2017 </p>	
<p>QUEM SOMOS? Jornaurelina é um projeto desenvolvido para que o corpo discente tenha contato com diversos gêneros textuais e que fomente o gosto pela leitura e escrita através de uma perspectiva colaborativa em parceria com moradores do bairro. O perfil do jornal impresso e virtual aborda questões do cotidiano principalmente do Vergel do Lago, região sul de Maceió através da multimodalidade textual. Acesse: jornaurelina.blogspot.com</p>		<p>www.jornaurelina.blogspot.com / www.escolagm.blogspot.com</p>	

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

ALGUNS PONTOS DE LIXO NO VERGEL DO LAGO REGISTRAMOS LIXO ACUMULADO NOS SEGUINTE LOCAIS:

- 1- RUA FORMOSA COM O DIQUE ESTRADA (EM FRENTE AO MOTEL)
- 2- PRAÇA PADRE CICERO
- 3- RUA MARQUÊS DE POIBAL (ESCOLA DOM ADELMO MACHADO)
- 4- BEIRA DA LAGOA (CANTEIRO PROXIMO A VENDA DE SURURU)
- 5- CONJUNTO VIRGEM DOS POBRES (TRÊS PONTOS)
- 6- ORLA LAGUNAR (DIVERSOS PONTOS)

Tempo de decomposição dos materiais na natureza

Materiais	Tempo de decomposição
Papel e papelão	3 a 6 meses
Plástico	Até 450 anos
Metal	Cerca de 450 anos
Vidro	Indeterminado
Isopor	Indeterminado
Madeira	6 meses
Pilhas	Até 500 anos
Óleos	Indeterminado
CD	Até 800 anos
Borracha	Indeterminado

Mais um ponto de acúmulo de lixo
O estudante José Eduardo Rodrigues de Moura do 6º ano A / 2017 registrou mais um ponto de lixo no nosso bairro. Desta vez na orla lagunar, próximo à igreja Virgem dos Pobres. Segundo Eduardo o problema é antigo, "tem vez que a prefeitura limpa, mas os moradores sujam novamente" diz o estudante. Se você tem um registro de acúmulo de lixo, envie para o nosso blog, postaremos para você!



Dicas:

Não jogue lixo em praças e /ou terrenos.
Chame o disque limpeza
0800 082 2600
Para lixo doméstico,
espere o caminhão de coleta.
Evite jogar embalagens e garrafas
no meio ambiente.

Todo mundo reclama, porém
muitos são flagrados
contribuindo com esse mal.

RESPEITE O PORCO! INSAÑO E VOCE!
ANTES DE COMPARAR QUEM JOGA LIXO AOS PORCOS,
LEMBRE-SE DE QUE O ANIMAL É IRRACIONAL
E NÃO PRODUZ LIXO!



Ponto vivo: será que deu errado?

Por Shelda Cavalcante e Jéssica Franciele / 6º ano A - 2017

Localizado na rua Cabo Reis, esquina com a rua Formosa, existe um acúmulo de lixo que incomoda os moradores, quer seja pelos mosquitos, quer seja pelo mau cheiro. Outro problema encontrado é que esses resíduos impedem a passagem das pessoas pela calçada, consequentemente aumentando os riscos de acidentes devido a caminhada pelo meio fio próximo do trânsito.

No entanto, tal fato é culpa exclusiva da vizinhança, pois por mais que reclamem, ela contribui para a junção do lixo e todos os transtornos causados por ele. Houve uma reportagem de uma emissora local registrando a reclamação dos moradores, após a reportagem a prefeitura fez um ponto vivo no local, cercando-o com grade, porém uma semana depois todo o lixo retornou e a cerca feita foi destruída. A pergunta fica aí: o que deu errado?

Por conta da falta de educação dos moradores, pela preguiça de colocar o lixo no local apropriado e pela falta de campanhas de conscientização, por esses e outros fatores, a ideia do ponto vivo deu errado.

É importante ressaltar que esse lixo é prejudicial para a saúde por conta que existe muito focos do mosquito *Aedes Aegypti* mosquito transmissor da dengue, zika e chikungunya e também por escorpões e pelos roedores que transmitem a leptospirose.

Para que essa situação acabe, a população deve ajudar, não colocando lixo, não deixando lugares com água parada e principalmente tendo educação e respeito. Portanto, se toda a comunidade colaborar, vamos acabar com essa situação.

A foto à direita mostra o resultado após os moradores perceberem que algo estava errado. Fizemos a nossa parte e o esperamos.

**As desculpas esfarrapadas que as pessoas dão não servem para justificar o erro!
É preciso agir! Além de fazer a sua parte, exija ações corretas das outras pessoas também!**



BASTA!

Por que todos apresentam soluções para o problema do descarte irregular de lixo e não vemos resultados convincentes?



Adicione nos seus sites favoritos:
www.escolaapm.blogspot.com
Acesse esse ambiente

www.escolaapm.blogspot.com

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Este é o jornal impresso que foi editado pelo professor-pesquisador em parceria com os estudantes envolvidos na pesquisa. As imagens foram selecionadas pelos alunos no Google. Foram distribuídas duzentas cópias entre os visitantes da exposição.

Nesta primeira parte das atividades, foi de grande importância minha participação na construção do blog, das postagens e do layout do jornal, tendo em vista não era primordial ensiná-los a criar um blog, dei celeridade nesse processo.

Fornecemos cópias do jornal para os visitantes do estande, além de apresentá-lhes os locais que tinham lixo acumulado. A intenção de utilizar o jornal impresso era fazer com que aquelas inquietações ultrapassassem os muros da escola, entendia que muitos pais e algumas pessoas da comunidade podiam não acessar o ambiente, não pelo fato de não possuírem computador, mas pela falta de tempo, hábito de acesso desses conteúdos etc. Os alunos, até aquele momento, tinham detectado sete pontos inadequados de lixo no bairro, número que aumentou posteriormente para dez. Esses pontos estão identificados no blog com postagens das fotos retiradas pelos estudantes. Foram também mostrados o blog, através de um computador disponível no local e dicas para combater o descarte irregular dos resíduos sólidos.

Figura 15 – Alunos acessando um computador

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A foto mostra o momento em que os alunos acessavam o blog para mostrar aos convidados. Entendo todo esse processo como um avanço, além das paredes da sala de aula, a aquisição do conhecimento estava atrelada à participação social, havia uma preocupação generalizada com o descarte irregular do lixo. Talvez apenas uma oportunidade de reflexão e discussão, porém um grande passo quando entendo que a escola se preocupa com o que está no entorno dela.

Os relatos orais, nesse momento da pesquisa exploratória, também serviram para aumentar a produtividade discursiva dos alunos, pois práticas de oralidade dentro da comunidade onde os alunos vivem não são consideradas pela escola. Além disso, foi possível promover o contato dos mesmos com a pluralidade de sensações, percepções e ações através da visibilidade das imagens captadas.

A análise que faço desses momentos com os alunos é que percebi uma mudança na maneira de olhar as atividades, fui provocado a repensar minha prática pedagógica, ouvir os alunos me trouxe algo de novo e que pode ser trabalhado em sala de aula, ao contrário da maneira tradicional que eu conduzia as aulas de Língua Portuguesa.

Três fatos me chamaram a atenção durante o desenvolvimento desta proposta didática com os alunos: o primeiro, uma apresentação da banda fanfarra na praça ao lado da escola, enquanto a banda ensaiava, um repórter da rádio Capital FM 103,1 tentou desenvolver uma entrevista com o líder da banda, porém o assunto que

predominou foi o lixo no entorno da escola. Essa entrevista em áudio está disponível no blog do jornal e foi também utilizada como texto no jornal impresso.

O segundo, foi a foto retirada pela aluna 2 de um ponto com lixo e metralha vizinho a sua porta. Com a menção da exposição no blog do jornal o morador ficou sabendo da publicação do jornalzinho, visualizou o blog e solicitou que a aluna fotografasse novamente o local, já que o mesmo pedira para limpar o lugar.

Figura 16–Local com entulho e local limpo



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

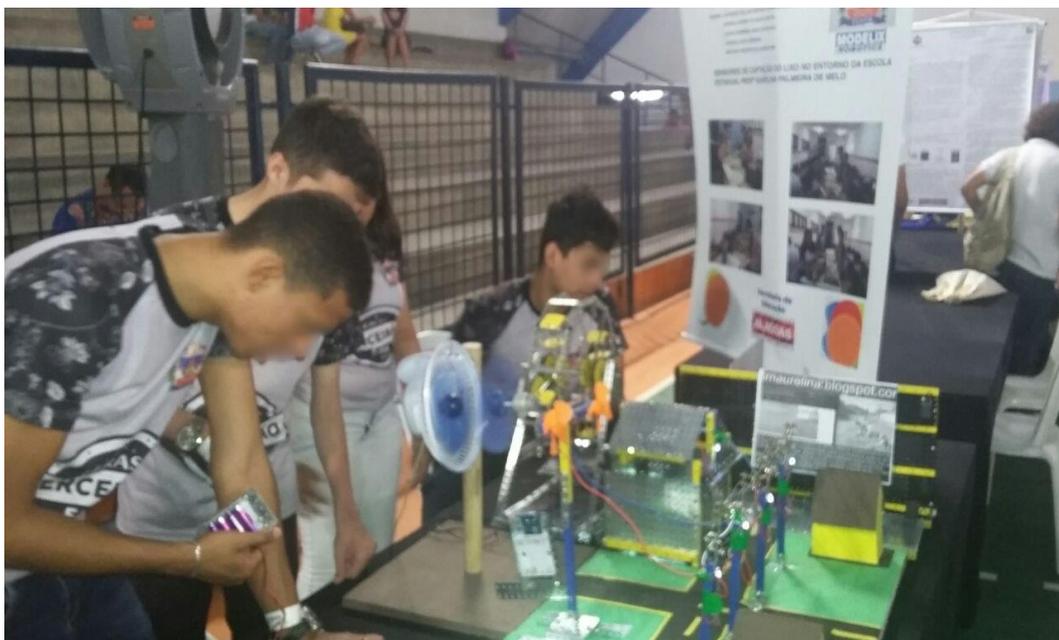


Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As imagens revelam o registro feito pela aluna da turma. Nas fotos é possível ver que o ambiente foi limpo. A estudante registrou o fato que aconteceu ao lado de sua residência.

O terceiro fato que merece destaque é a participação de uma equipe do projeto robótica da mesma escola, que tinha como integrantes alunos do terceiro ano do ensino médio e que participaram do 2º Encontro Estudantil promovido pela Secretaria de Educação Estadual. O projeto em questão tinha como título “Sensores de Capacitação de Lixo no Entorno da Escola”, tal projeto desenvolvido pelo professor de Física, Antônio Toledo, nasceu das inquietações mostradas pelos alunos do Jornaurelina, já que o professor se mostrou interessado pelo projeto e desenvolveu daí também sua pesquisa, inclusive pediu autorização para mencionar o blog Jornaurelina em suas apresentações.

Figura 17 – Apresentação de Robótica



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Nestas fotos vemos professores e alunos em uma apresentação do projeto de robótica que foi desenvolvido pela escola.

3.1.3 A segunda proposta didática

A segunda parte da proposta didática visou à prática dos estudantes com os aspectos multimodais. Introduzimos o celular como recurso necessário às gravações.

“Enquanto instrumento de coleta de informação, a entrevista é uma conversa com o intuito de obter e registrar declarações de fontes, ou conseguir informação necessária à produção de texto sobre determinado assunto.” (BONINI, 2014, p. 98).

Para realizar a análise da coleta de dados, optei também pelas entrevistas. Elas representam a ligação entre o pesquisador e o pesquisado. A entrevista segundo Caputo (2010, p. 21)

é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos.

Há o contato direto entre o investigador e seus interlocutores e sua completeza revela seus objetivos em sua análise. Muito importante para a pesquisa, a construção da entrevista depende muito do entrevistador, a maneira como conduzirá e abordará temas importantes.

Ainda segundo (CF Caputo, 2010, p. 46), entrevistar requer dominar um conjunto de ações, questões e comportamentos que um jornalista deve ter quando

realiza qualquer entrevista como: perguntar se pode, fazer um roteiro, não disputar com o entrevistado, reconhecer limites e não imitar ninguém.

Este trabalho com as entrevistas promove uma situação comunicativa que trabalha a oralidade, preconizada nos documentos oficiais como a BNCC, e ainda utiliza meios que estão inseridos no processo de multiletramento, como gravação em vídeo, a utilização de áudio nos aparelhos celulares.

Entender conceitos básicos sobre entrevistas era necessário àquela altura. Segundo Bonini (2014, p. 100), a entrevista “prioriza as formas linguísticas e metalinguísticas no sentido de orientação à coleta de dados através da interação repórter / fonte”. O que implica também a técnica procedimentos e dicas sobre o comportamento do repórter.

Ainda conforme Bonini (2014, p. 106), a organização da entrevista apresenta três movimentos: situar o leitor, estabelecer relação com o tema e expor trecho relevante da interação realizada. Em outras palavras, o leitor é situado quando possibilitam reconhecimento do gênero como título, nome do autor, fotografia; a especificidade da natureza da entrevista mostra a relevância do entrevistado; e por fim, a retextualização de uma interação oral (perguntas e respostas).

Essas primeiras noções foram apresentadas aos alunos de maneira muito didática, resumindo-se em: 1) título informando o gênero textual. 2) nome e relevância do entrevistado. 3) perguntas e respostas.

O trabalho com oralidade é de grande importância, tendo em vista que este é um aspecto importante no ensino de língua. As atividades desenvolvidas na proposta didática desta pesquisa procuraram contemplar tanto a oralidade quanto a escrita. “É preciso entender, antes de mais nada, que oralidade e escrita são “atividades comunicativas e práticas sociais situadas (...) em ambos os casos temos um uso real da língua” (MARCUSCHI, 2001, p. 21).

Em sala de aula, produzimos algumas entrevistas escritas a fim de elaborar as principais perguntas que iriam compor as entrevistas em vídeo e em áudio que foram pedidas aos alunos. Com as gravações, os estudantes poderiam desenvolver atividades relacionadas à oralidade.

Figura 18 – Alunos em grupo produzindo entrevistas



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As imagens mostram como os estudantes se reuniram para a produção de texto. A ideia era aperfeiçoar a técnica de escrita para os alunos saberem como introduzir uma entrevista, o que deveria ser perguntado e que postura adotar durante as gravações. Ensinar os procedimentos mais comuns na realização de uma entrevista foi importante nesse momento, tendo em vista que os alunos iriam gravar vídeos e mostrar todos os procedimentos elencados nas aulas: postura, identificação etc.

Após os alunos caírem em campo, obtivemos várias entrevistas gravadas com moradores, professores e pais. O material foi assistido em sala de aula e postado no blog.

Figura 19 – Alunas entrevistando moradora



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Transcrição da Entrevista 1 com moradora do bairro

Aluna 1: Boa tarde, meu nome é aluna 2!

Aluna 2: Boa tarde, meu nome é aluna 3!

Aluna 1: Nós somos alunas da escola estadual e estamos aqui para entrevistar uma moradora falando sobre acúmulo de lixo aqui perto da nossa escola.

Aluna 1: Boa tarde!

Entrevistada: Boa tarde!

Aluna 1: Então, o que a senhora acha do acúmulo de lixo perto da escola?

Entrevistada: Uma vergonha porque a rua fica tudo limpinha e o povo vai e coloca lixo e acúmulo de lixo só serve pra juntar ratos e baratas e insetos.

Aluna 2: Por que a senhora acha que essa situação existe?

Entrevistada: Muitas vezes são a própria comunidade, né?! Porque se a Cobel tem o dia que passa o lixo, eles recolhem o lixo, então tem muitos

moradores que em vez de jogar o lixo no lixo, jogam na rua e isso não pode acontecer.

Aluna 2: O que a senhora sente ao ver o lixo?

Entrevistada: Uma vergonha! Uma vergonha porque fica tudo tão bonitinho, né?! Quando a Cobel vai e deixa a rua limpa, então se cada um fizer a sua parte e jogar lixo no lixo, fica tudo organizado.

Aluna 1: Então, pra encerrar, o que a senhora acha que poderia ser feito pra essa situação acabar?

Entrevistada: a comunidade ajudar mais, né?! Se todo mundo fizer a sua parte fica tudo limpo e não é acumulado lixo na rua.

Aluna 1: Ok, muito obrigado pela participação da senhora.

Entrevistada: Por nada!

Figura 20 – Aluno entrevistando carregador de metralha



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Entrevista 2 com carregador de metralha

Aluno: Aqui é do Jornaurelina da escola Aurelina Palmeira de Melo, meu nome é aluno 4, aqui entrevistando um morador, qual é o seu nome, por favor?

Entrevistado: carregador de metralha.

Aluno: O que você acha sobre a metralha? O carregamento de metralha?

Entrevistado: o que eu acho? Rapaz, a gente ganha sobre isso, né?!

Aluno: mas, essa metralha aqui o senhor joga aonde ou pega?

Entrevistado: a gente pega na casa dos outros e joga aqui, pra o carro do lixo vim e recolher.

Aluno: esse descarregamento de metralha o senhor acha...e por que jogar assim a céu aberto aqui?

Entrevistado: porque não tem um canto adequado pra a gente jogar.

Aluno: Algum canto que jogue metralha que vira ponto de lixo que vocês jogam?

Entrevistado: Não tem não! Jogo aqui mesmo no canteiro, a prefeitura não resolve um canto pra a gente botar metralha.

Aluno: E o senhor acha que isso é culpa da prefeitura ou da prefeitura e do povo?

Entrevistado: Da prefeitura e do povo, né?!

Aluno 1: o que o senhor acha sobre o descarte de lixo? Antigamente aqui se jogava lixo não era?

Entrevistado: tinha.

Aluno: O senhor acha isso como?

Entrevistado: Errado, né?!

Aluno: Mas o senhor jogava lixo aí?

Entrevistado: Não, porque acabou, né?! O pessoal aterrou tudo e acabou.

Aluno: Obrigado!

Entrevistado: De nada, obrigado!

Aluno: Aqui do Jornaurelina da escola estadual. Obrigado!

Essas atividades não apenas trabalharam os gêneros orais, mas também fizeram com que os alunos reconhecessem as distinções entre o falar e o escrever e as especificidades de cada um deles. A interação promovida pelas entrevistas revelou posicionamento e transformação das mensagens que os alunos produziram. Assim essa atividade garante muito mais que uma aprendizagem de um conjunto de regras de perguntas e respostas; ela enriquece o repertório dos estudantes para que eles se tornem protagonistas e que percebam o sentido do que eles estão fazendo na escola.

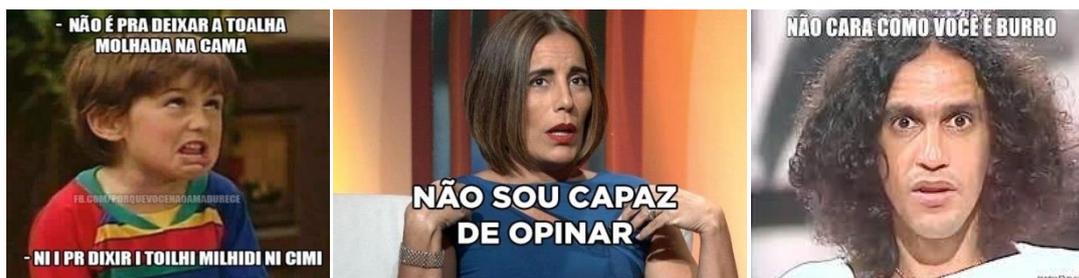
Memes

Para esta parte da proposta didática, conversamos durante as aulas sobre o que os estudantes gostavam. Em se tratando de fotografias, pensamos e discutimos a possibilidade de apresentar algo para os alunos rirem e para mostrar uma espécie de caricatura social do bairro.

Para Marcuschi (2010, p. 15), os gêneros digitais são “os gêneros textuais que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais”. O uso social da tecnologia como consciência crítica tinha sido apresentado em diversas atividades relativas ao problema encontrado na comunidade. Estava na hora de usarmos o letramento digital reconhecendo os efeitos de humor e ironia utilizando ideias ou conceitos dos problemas supracitados, numa tentativa de despertar a comicidade no ambiente.

Foram apresentados alguns memes para os alunos conhecerem um pouco o modelo textual e para que pudessem desenvolver algo relacionado á tecnologia digital.

Figura 21 – Memes retirados da internet



Fonte: www.google.com.br

As imagens mostram fotos retiradas de programas de televisão que ganharam texto escrito e viraram memes. Pelo fato de poder ressignificar, de acordo com outro contexto em que o meme pode ser inserido, essas imagens representam o que há demais comum hoje quando se quer fazer humor na internet. Após a apresentação de alguns exemplos de memes que foram socializados na rede mundial de computadores, solicitei que os grupos de alunos produzissem material semelhante, abordando temas de interesse deles.

Figura 22 – Alunos em grupo produzindo memes



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A foto acima mostra alunos manuseando o celular para a produção de memes. Houve uma grande motivação por parte dos alunos quando o assunto foi a montagem do humor nas fotos. Alguns memes produzidos pelos alunos retratavam diretamente os problemas com o lixo, outros lembravam situações cotidianas, inclusive relacionadas à escola. Na maioria deles, conforme Rojo (2012) a multiplicidade de linguagens é evidente.

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. (ROJO, 2012, p. 19)

Figura 23 – Meme produzido por alunos

não tem cesta



vai na lixeira

Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Figura 24 – Meme produzido por alunos



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Figura 25 – Meme produzido por alunos



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Figura 26 – Meme produzido por alunos



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

As imagens são fotografias dos estudantes envolvidos nesta pesquisa. É possível observar a produção e o efeito gerado a partir do propósito dos alunos. O comportamento comigo produzido pelos alunos nas imagens é citado em (GOMES apud LINS, 2015, p. 115)

A fotomontagem é uma estratégia de escrita que combina imagens de fontes, tamanhos e tipos diversos com recortes de palavras, frases, etc. para compor uma mensagem. Ela faz uso explícito da intertextualidade a que nos remete cada pedaço colado, trazendo assim para o texto uma gama de referências e discursos que se somam como argumento ao tema atual.

3.1.4 A terceira proposta didática

Era demasiadamente importante, em uma proposta como essa, a participação dos moradores daquela localidade. Além das entrevistas em áudio e vídeo, achei importante convidá-los para a escola. Uma discussão dos problemas elencados pelos alunos deveria também ganhar a opinião das pessoas mais velhas e que vivenciam os mesmos problemas.

Para finalizar a proposta didática, a comunidade escolar foi chamada à escola para uma discussão sobre os problemas mostrados pelos alunos. Todos os alunos da classe receberam um convite, nem todos os pais participaram, ao todo tivemos a presença de 19 pais de alunos, numa manhã de terça-feira, 17 de outubro de 2017.

Com o intuito de analisar como os pais reagiriam às observações dos estudantes, o momento final foi uma tentativa de mostrar que os adolescentes ampliaram seus conhecimentos com as práticas pedagógicas oferecidas pela pesquisa e também fazê-los perceber que a leitura, a escrita e a oralidade estão relacionadas às funções sociais, uma vez que a língua não está desvinculada do fator social.

Figura 27 – Socialização do projeto com os pais



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Nas fotos acima é possível observar pais e alunos participando das discussões a respeito dos problemas elencados neste trabalho. Primeiramente foram explicitadas as razões de surgimento do projeto, sua vinculação com as aulas de Língua Portuguesa, o contexto em que foi produzido. Em seguida, foram mostradas em datashow todas as atividades produzidas pelos alunos no projeto: leituras, produções textuais, blog, fotos retiradas pelos estudantes, vídeos e áudios de entrevistas. Após esse momento, alguns alunos foram chamados para falar sobre suas impressões, o que viram, o que aprenderam durante o projeto.

Conforme Schneuwly e Dolz (2004), no ensino fundamental os usos da palavra em público têm sido negligenciados, ademais é muito comum observarmos alunos com inibição ao falar em público, o que é compreensível e que talvez a escola tenha dado pouca importância a esta modalidade.

O desenvolvimento da língua falada não estava pautado em ensinar a falar, mas proporcionar esse momento de interação entre a escola e a comunidade. Era o ponto principal na finalização desta pesquisa e a informalidade com que os estudantes e pais se posicionaram no encontro deixou todos mais à vontade.

Como dizia Bechara (1985) “não cabe à escola ‘ensinar a falar’, mas mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, (...) procurando torná-los ‘políglotas’ dentro de sua própria língua”. Foi muito importante o uso da oralidade tanto pelos estudantes

quanto pelos pais nesse momento da pesquisa. “Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir os seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar os seus usuários” (MARCUSCHI, 1995, p.123)

Diante disso, acrescento a essas observações a noção de que os saberes adquiridos durante a vida também são importantes, o saber linguístico é essencial e os conhecimentos prévios são determinantes para a boa compreensão dos estudantes. Nesse intuito, as relações sociais também determinam o aprendizado dos alunos e isso precisava ficar claro para os pais. Era importante naquele momento unir o conhecimento prévio formado pelos adolescentes na família e no convívio social ao conhecimento adquirido na escola, e todo o trabalho com a oralidade deveria estar pautado nessa perspectiva para ajudá-los a concordar e discordar das situações apresentadas, ajudando-os assim a formar o pensamento crítico.

Dedicamos o último momento à fala dos pais convidados. Eles não se manifestaram conforme esperado, observaram tudo passivamente e não fizeram indagações. Após certa insistência consegui fazer com que alguns pais falassem. Minha frustração estava no fato de os alunos denunciarem tantas negligências e os pais apenas esperarem ou cobrarem da escola o ensino, pautado na ocupação do estudante.

Os responsáveis pelos alunos que participaram, deram relatos e opiniões sobre o lugar em que moram, informaram situações diversas. Chamou-me a atenção a fala de uma das mães presentes, a mesma informou que é frequente caminhões e carros passarem pela orla lagunar e despejar lixo em grandes quantidades. Segundo relato dessa moradora, o lixo encontrado ali, talvez nem seja dos moradores daquele local, por isso, na visão da moradora, nem sempre a culpa é de quem mora ali.

Outra discussão importante foi promovida pelo pai de um aluno, o mesmo indagou que o poder público resolve dar paliativos ao problema do que tentar realmente combatê-lo. Na visão do pai, desistir de implementar medidas enérgicas tem se tornado rotina quando em outros bairros é solução. O reconhecimento da culpa dos moradores estava presente no discurso de muitos convidados nessa culminância, além do reconhecimento da limpeza semanal feita pela prefeitura.

Observei também a ausência de menções à proteção da lagoa Mundaú, a falta de referências as coisas boas encontradas no bairro, como também a inobservância de que as escolas poderiam ser um elo entre os moradores e o poder público.

Ainda como minhas observações, considero que a escola não deu atenção ao projeto desenvolvido por mim e pelos alunos na socialização com os pais, pois não havia nenhum professor, nenhum coordenador pedagógico e nenhum diretor assistindo à culminância do projeto, tendo em vista que esse momento foi amplamente divulgado dentro da escola.

3.2 Análise do produto da metodologia de exploração

Nesta seção, analiso o produto final obtido a partir da proposta didática com as três perguntas de pesquisa. A primeira pergunta de pesquisa que trouxemos para ser respondida no presente estudo tinha como foco investigar se uma mudança de concepção de letramento como suporte para revisão da prática pedagógica pode contribuir para um contato mais significativo com a escrita?

A mudança de concepção de letramento contribuiu no aspecto de promover aos estudantes um olhar voltado para possibilitar ajustes às dificuldades de rejeição da escrita. A adaptação do letramento, nessas atividades, revela reafirmação da identidade segundo TERZI (2007, p. 171), a escrita de textos engajada com a realidade.

Tal mudança de concepção de letramento não contribuirá se os alunos não perceberem a mudança de sujeitos passivos para conscientes. A prática pedagógica revisitada pôde me proporcionar uma diversidade metodológica, indispensável para a construção de um trabalho voltado para a escrita. Com o consentimento de que a realidade não é algo externo ao sujeito, foi possível fazer com que os alunos trabalhassem a escrita a partir de vários enfoques que esta pesquisa deu ao trabalho com letramento.

Apesar de reconhecer a importância do letramento, observo que a escola, enquanto instituição que promove o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, não discute em sua prática pedagógica a dimensão social do letramento. Isso é possível observar pela forma individualista que os professores trabalham, a falta de discussão madura sobre os aspectos que evidenciam e legitimam a precariedade do ensino público em muitos lugares.

Nesse sentido, a importância de algumas ações pedagógicas da escola, pelo menos na instituição analisada, torna-se mais uma ação morosa e que acaba contemplando de maneira muito lenta a necessidade de mudança. Respondo então a pergunta 1, de maneira muito cautelosa: um contato mais significativo com a escrita é possível, desde que haja reflexões acerca dos encaminhamentos que a escola promove

para a concepção plural de letramento, assim os discentes serão contemplados com práticas pedagógicas que atendam as suas necessidades. Neste trabalho, as diversas práticas letradas culminaram em diversas produções escritas dos estudantes.

A pergunta dois focaliza quais as contribuições que a introdução do trabalho com a multimodalidade e com a tecnologia digital pode trazer para a produção escrita dos alunos?

No meu ponto de vista, abrir espaço para que os alunos possam também se valer de outras linguagens os ajuda a aumentar o seu interesse pelas atividades propostas, contribuindo com a produção escrita, o que foi observado nessa proposta didática. Com a multimodalidade, posso explorar diversos recursos, ampliando os limites de percepção do assunto abordado. Acredito também que as propostas multimodais deixaram os estudantes mais embasados para falarem dos assuntos abordados, tendo em vista a discussão promovida pelas imagens e pelos comentários dos moradores.

Conforme Gomes (2015, p. 2), “A leitura e a interpretação de imagens requer conhecimentos sobre seu funcionamento enquanto signo semiótico e das relações entre os diferentes signos que as compõem.” Apesar de reconhecer a complexidade dos estudos da imagem, a maneira incipiente com que foi trabalhada a interpretação das fotografias em sala de aula, foi apropriada ao nível elementar dos estudantes.

A imagem trabalhada nesta pesquisa trouxe maior veracidade ao texto escrito. As imagens comprovavam a denúncia feita por muitos estudantes, serviu como um misto de ancoragem e ilustração. Em alguns momentos foi preciso fazer uma releitura juntamente com os alunos e mostrá-los como a imagem conota outras interpretações e que nos levava sempre a uma mesma pergunta: por que o lixo está ali?

Mesmo diante de algumas razões apontadas como a falta de educação das pessoas, a falta de um posicionamento do poder público, foi possível encaminhar algumas ações. Esses olhares poderiam ganhar mais notoriedade se houvesse mais engajamento de outros órgãos públicos e da própria sociedade, no entanto, nos limitamos a desenvolver esta pesquisa sabendo que não havia estrutura suficiente para desenvolver algumas atividades na escola: não havia computadores suficientes para todos os alunos, tendo em vista que o laboratório possui 20 computadores e a turma 47 alunos; uma minoria não possuía celular e foi convocada para auxiliar nas atividades, além disso, nem todos se sentiam à vontade para fotografar ambientes em público com medo das ações de assaltantes.

A demanda do cotidiano revela a necessidade de trabalharmos nas escolas atividades com recursos multimodais. A produção escrita acaba sendo contemplada com diversos recursos, tendo em vista o conjunto semiótico com o qual os alunos têm contato. Nesta pesquisa, a multimodalidade teve um papel fundamental de promover diversidade à prática pedagógica e à produção textual dos estudantes. O contato com atividades que apresentavam a multimodalidade, pôde promover a transformação em texto escrito e também o embasamento dos assuntos discutidos.

Por fim, chegando à última pergunta, como objetivo investigar como estimular uma discussão na escola envolvendo o contexto social do bairro? Percebo que a visão de língua no foco metalinguístico foi um dos pontos a refletir durante a aplicação da proposta didática, era preciso aproximar os estudantes da realidade do bairro desconstruindo uma prática pedagógica que priorizava conteúdos programáticos. Ademais, a noção de alunos como sujeitos passivos em sala de aula foi outra questão a se refletir. Essas mudanças evidenciaram uma prática que estimulou a discussão entre os alunos e os aproximou da realidade local.

Ao fim da proposta de aplicação, obtivemos 21 memes, 6 entrevistas em áudio, 47 produções de textos escritos, 4 entrevistas em vídeo, 1 jornal impresso, 12 pontos de lixo detectados no bairro através de fotos. Além disso, promovemos dois encontros com a comunidade dentro da escola.

Uma das indagações que fiz durante toda esta pesquisa foi por que aquela instituição de ensino nunca se interessou pelos problemas relativos ao bairro, um exemplo bem claro é o acúmulo de lixo em frente ao prédio da escola. As falas eram unânimes quando se tocava no assunto, todos achavam aquele problema um absurdo, porém as atividades que os alunos desenvolviam em sala de aula, referiam-se a contextos totalmente distantes da realidade dos envolvidos. Considero importante mencionar que percebi que os alunos também trazem interdiscurso, a ideologia do que já foi mencionado por alguém, como falas culpando a prefeitura e cobrando soluções.

Analisar o comportamento escolar foi um dos intuitos da proposta didática. Assim, observo que o distanciamento da escola com a realidade dos estudantes é comum. Um projeto que aconteceu na escola, que talvez se aproximasse da abordagem relativa ao contexto dela, chamava-se Lagoa Viva, o intuito era conscientizar os moradores no sentido de que a lagoa Mundaú deveria ser protegida, envolvendo a

questão do lixo despejado na lagoa e o sustento retirado pelas famílias, era um projeto externo conduzido pela professora Valquíria Vieira que hoje está aposentada.

Não quero tratar esta pesquisa como uma fixação pelo lixo, todavia quando comecei a analisar as fotos que os alunos me traziam, percebi a grande falha que esta escola cometeu, talvez seja necessário repensarmos nosso papel em sala de aula, não só pelo fato de tratar deste problema em específico, mas de distanciar o aluno de sua realidade e não discuti-la, como se ela não fosse importante. Os problemas como violência, tão comuns no bairro, levam o mesmo fim. Concomitante a isso, observei nestes estudos como o social afeta a enunciação dos discentes, o modo de enunciar marcado pelas questões de identidade familiar, classe social etc. Como dizia Possenti (2001, p. 18), “processo de inscrição social do sujeito”.

Outro foco da proposta didática também era apontar dificuldades, mas também promover caminhos para tornar o aprendizado do aluno em consonância com a realidade social. Além disso, promover questionamentos sobre o ensino-aprendizagem, a relação do professor com a sua metodologia.

Para entender como os professores pensam em relação a esse questionamento, resolvi aplicar um questionário com professores do ensino fundamental. Oito professores, todos da série envolvida foram questionados. As perguntas que estavam presentes no questionário foram: que assuntos relativos ao cotidiano dos alunos ou à comunidade você acha importante abordar em sua disciplina? Que assuntos relativos à localidade dos alunos já foi abordado por você este ano? O assunto “lixo” pode ser abordado na sua disciplina? Você já trabalhou esse assunto na sua disciplina?

Para mostrar o resultado coletado reuni as informações no quadro abaixo, o número entre parênteses representa a quantidade de professores:

Quadro 6–Respostas dos professores ao questionário

Perguntas	Respostas
Que assuntos relativos ao cotidiano dos alunos ou à comunidade você acha importante abordar em sua disciplina?	Saúde (alimentação e doenças) (2) Compra de materiais de consumo (1) Urbanização e geografia do bairro (1) Relação com a família(2)

	História do bairro (1) Encenações e representações visuais do cotidiano (1)
Que assuntos especificamente relativos à localidade dos alunos já foi abordado por você este ano?	Urbanização e geografia do bairro (1) Nenhum (7)
O assunto “lixo” pode ser abordado na sua disciplina?	Sim (7) Talvez (1)
Você já trabalhou esse assunto na sua disciplina?	Sim (2) Não (6)

Dentre os dois professores que informaram ter trabalhado o assunto “lixo”, os dois relataram que não trabalharam de maneira específica, apresentaram discussões globais como aquelas trabalhadas em livros didáticos com tabela de decomposição dos materiais e textos motivadores.

Nas primeiras atividades da proposta didática, introduzi o reconhecimento de alguns gêneros textuais e a partir daí percebi que tais conteúdos da disciplina não davam conta dos problemas sociais trazidos pelos alunos através de fotos, vídeos e relatos.

Havia, da minha parte, a sensibilização com as questões linguísticas, porém com muita sensibilidade às situações do contexto. Para a pesquisa, imaginava que alguns assuntos apareceriam e outros não. Organizei-os no quadro abaixo:

Quadro7 – Conteúdos previstos

Conteúdos previstos	Expectativa	Conteúdos não previstos
Lixo Violência	Lagoa	Poluição sonora

Achei proveitoso discutir as questões relativas ao lixo, devido à facilidade de os alunos registrarem em fotos e vídeos, minha intenção foi provocá-los. Da mesma forma, questionei-me se os gêneros constituídos pela multimodalidade apresentavam dificuldade para a compreensão leitora dos alunos. Tirar fotos, gravar vídeos aparentava

ser uma atividade muito comum para os alunos, minha inquietação era saber se eles conseguiam entender que aqueles recursos tinham uma finalidade. A pouca idade dos alunos acaba fazendo com que de certa forma fiquemos apreensivos quanto aos resultados, outrossim muitos desses exercícios são desprezados pelos professores nas séries menores por entenderem erroneamente que tais atividades só funcionam nas turmas de ensino médio.

Segundo CAVALCANTE (2014, p. 27), quando se trata de textos escritos, o objeto de discurso é a representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto. A ideia apresentada nas fotos, através dos referentes, além de trazer à tona a realidade muito corriqueira, relativa a visão que os alunos têm sobre o lixo, traz também essas representações do universo discursivo construído pelo texto. Isso ficou notório quando as imagens foram discutidas em sala de aula. Os referentes foram constatados pelos alunos desde o local em que se estão sendo depositados os dejetos como as circunstâncias em que o lixo aparece e a forma como a comunidade lida com o problema.

O objetivo do segundo momento da proposta didática era mostrar como o assunto lixo poderia ser discutido pela instituição de ensino e como ele afeta a vida cotidiana dos moradores. Outro propósito era descobrir o que os moradores pensam a respeito dos assuntos elencados por eles e relativos ao bairro.

As produções textuais, as gravações das entrevistas, a socialização de todo esse material coletado teve primeiramente uma preparação, aulas que discutiam toda a relação dos problemas citados pelos alunos com o histórico do bairro. O trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola é fomentado pelos temas transversais, preconizados nos PCN, e foi escolhido por estar relacionando a uma urgência social, a sociedade e o meio ambiente.

Como atividade interdisciplinar, o professor de Geografia, ao tomar conhecimento do projeto, resolveu ministrar aula sobre a geografia do bairro e sua relação com a urbanização, tocando nos pontos de crescimento habitacional, assoreamento da lagoa, destino dado ao lixo e montagem de gráficos. Destaque para as menções dos problemas da comunidade feitas pelos alunos.

A BNCC Cita a interdisciplinaridade como fundamental no processo de fortalecimento dos componentes curriculares na abordagem de temas que afetam a vida local e global.

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (BRASIL, 2017, p.12).

Figura 28 – Aula interdisciplinar



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

A foto mostra a aula de Geografia do professor da mesma escola. A importante contribuição do docente mostrou aos alunos algumas fotos do bairro visto de cima. A intenção era demarcar o território que foi aterrado para o crescimento do bairro, além disso, fotos retiradas do Google Maps, com o desenho do bairro fez com que alunos identificassem os locais mais críticos tanto relacionados ao acúmulo de lixo como também à violência.

O uso da imagem esteve presente em muitas atividades dos alunos dessa escola estadual. Sua utilização foi importante para reforçar o entendimento do que foi produzido no projeto que denominamos Jornaurelina.

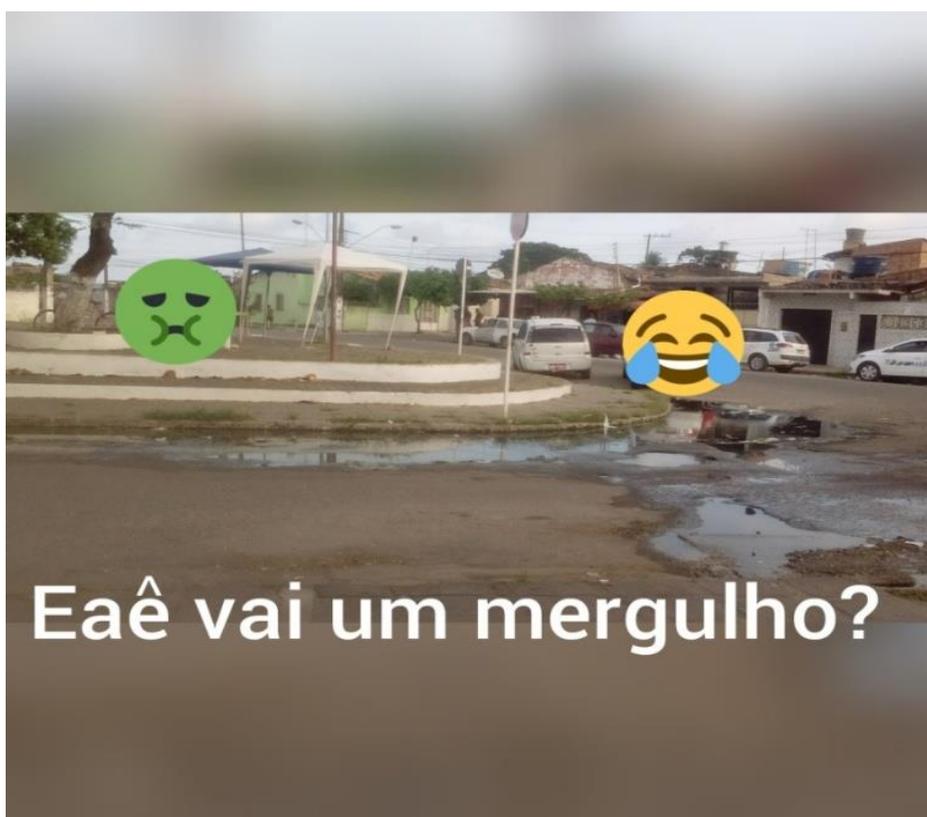
O uso da internet e dos recursos tecnológicos, tem contribuído para a criatividade do discurso multimodal. Conforme (VIEIRA, 2015, p. 81)

Essas mudanças favoreceram o surgimento de um discurso híbrido, construído pela combinação de palavras e de imagens, fruto da criação da

nova geração de designers gráficos, que lidam com letras, palavras e imagens, multiplicando cada vez mais essa linguagem híbrida que tende a se tornar dominante. Como resultado, podemos dizer que a linguagem hegemônica deste século não reside apenas na imagem, nem na palavra, mas no uso híbrido de várias semioses.

Observemos por exemplo uma foto tirada em frente à escola pelo aluno do 6º ano “A”, pelo que se percebe, há noção de texto híbrido, porém desconhecimento do uso didático.

Figura 29 – Meme produzido por alunos



Fonte: Fotografia do Autor, 2017.

Nesta imagem vemos como o aluno percebeu o ambiente em frente à escola. Além da imagem do esgoto a céu aberto, que por sinal tem incomodado bastante os usuários da praça como o mal cheiro, os emoticons (do inglês emotion icons) que significa “ícones de emoção” utilizados pelo estudante representa a hibridização do discurso: uma carinha verde, significando o engodo causado pela situação e uma carinha sorrindo, representando o humor mencionado no texto verbal “vai um mergulho?”. A crítica utilizada pelo aluno é muito bem construída quando agrega várias combinações e cores, uso da linguagem verbal, uso da linguagem visual e recursos de caracterização

completando o efeito desejado. Tudo isso produzido no celular e inserindo várias leituras possíveis na foto.

Em sala de aula, analisando com os alunos a produção do meme acima, os estudantes conseguiram identificar a cor verde como representando o enjoo provocado, além de identificarem que o mergulho está relacionado à comparação com um rio, lago ou até mesmo a extensão da lagoa como citado em aula.

Dessa forma, é possível perceber que os alunos, mesmo numa idade precoce, conseguem manusear os recursos e atribuir sentido com a mesclagem de textos.

Logo, qualquer texto visual pode se transformar em fenômeno semiótico complexo, com implicações ideológicas que não podem ser ignoradas, considerando-se que há a construção de várias camadas de sentido até a realização completa do significado. (VIEIRA, 2015, p. 34)

Na parte final da proposta didática, avalio que a participação dos pais foi de extrema importância. Todo o trabalho com a oralidade, com a escrita, com a multimodalidade, o elo entre pais e a escola promovido pela proposta, a importância do trabalho desenvolvido pelos estudantes, a análise segundo algumas teorias, toda essa relação é entendida como um aliado em prol da educação, numa relação participativa.

A habilidade de uso da leitura e escrita e os aspectos multimodais no contexto social em que as pessoas estavam inseridas mostram que o letramento é uma proposta que se identifica com a escola e também pode ter a sociedade como corresponsável pela construção dessa aprendizagem. As atividades escolarizadas ainda são determinantes no contexto de muitas instituições de ensino e esse processo acaba não legitimando as atividades advindas de fora da escola porque há pouco espaço para a produção desse conhecimento.

Mesmo diante de muitos avanços, no cotidiano escolar a apatia dos estudantes é visível, é possível perceber que ou a escola não apresenta atrativos para os alunos, ou os alunos não recebem incentivos da família, são apenas influenciados pelo meio social em que vivem. Ademais apoiar as escolas no que diz respeito à estrutura, material didático, material humano é de responsabilidade dos municípios, do Estado e da União. Não devemos esquecer que muitas escolas se encontram abandonadas pelo poder público e pelas más gerências pelo Brasil afora. Inclusive a escola analisada sofre com vários

problemas como falta de coordenadores, falta de professores e ambientes inadequados para a aprendizagem.

Diante de tudo isso, é de responsabilidade do poder público, por meio de serviços oferecidos aos cidadãos, maior proximidade possível com a realidade social dos indivíduos, não só propor mudanças que tentam priorizar o atendimento ao estudante: LDB, PCN, PNE e BNCC, mas também propor melhorias sociais para os moradores das comunidades assistidas pelo governo.

A mudança educacional e a participação ativa da comunidade que tanto almejamos esbarra na constituição social dos indivíduos. Por isso, as indagações que fazemos são: quais as condições de aprendizagem? Quem informa esses cidadãos? Que perspectiva resta para os sujeitos envolvidos nas comunidades mais pobres? O estado de vulnerabilidade pode deixar o sujeito mais suscetível à desinformação e ao fracasso, em função de sua cidadania fragilizada.

A ausência dos questionamentos revela uma comunidade sem o pensamento crítico, é bem provável que o comportamento dos pais seja refletido também nos alunos. Não há esforço para intervir em situações que requer ações preventivas da comunidade, muito menos incômodo com os problemas supracitados. A falta de uma política preventiva é comum na sociedade brasileira, as tentativas de resoluções dos problemas sociais apresentados nesse contexto não ultrapassam os muros da escola. Nesse sentido, o dizer e o fazer tornam-se ações pouco relacionadas, pois demanda ajuda de outros setores da sociedade. Portanto, acredito que esses problemas conhecidos no percurso da pesquisa servem para outros estudos.

É de extrema importância promover a postura crítica na escola, pois é lá que os sujeitos se preparam para a vida. Negar o pensamento crítico, intrínseco ao processo de aprendizagem e conhecimento é esconder os horizontes, principalmente dos que mais necessitam: os moradores das periferias. Diante do exposto, proporcionar uma discussão envolvendo o cotidiano do bairro requer que a escola e o corpo docente promovam atividades que englobem o contexto social. É possível fazer isso trazendo elementos sociais para dentro da escola, promovendo uma discussão a respeito das inquietações trazidas pela comunidade e pelos estudantes.

Cabe a escola resolver os desafios que buscam rever ações e conceitos voltados para o ensino de Língua portuguesa. Essas instituições, consideradas agências de

letramento, precisam fazer com que o aluno perceba a função social da língua, trabalhada na sua vida cotidiana e envolvida cada vez mais nas situações comunicativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral trabalhar a cultura digital e outras atividades letradas na sala de aula para ampliar as práticas de letramento de alunos do 6º ano do ensino fundamental. Além disso, desenvolver um jornal digital em um blog coletivo visando um trabalho de produção textual voltado para aspectos multimodais e multiculturais.

O interesse em analisar esta temática surgiu a partir do momento em que comecei a questionar não só a prática pedagógica, mas também a receptividade dos alunos frente às atividades tradicionais que a escola desenvolvia e por meio do contexto em que a instituição estava inserida. Apesar de considerar que boa parte da condução desta pesquisa teve influência do professor, as observações atentas e detalhadas das interações da pesquisa, tiveram o intuito de provocar os estudantes para uma reflexão e tentar perceber até que ponto um jornal digital alimentado pelos alunos, como atividade de letramento, interessava aos membros da comunidade frequentada pelos estudantes.

Nessa perspectiva, a prática docente e o contexto social estiveram em foco, numa tentativa de compreender quais os posicionamentos dos professores, dos alunos e que estímulos a prática docente proporciona. A provocação proposta pelo perfil do Profletras busca, como mostrado neste trabalho, novas estratégias para a docência no ensino básico e o protagonismo dos estudantes.

A pesquisa qualitativa proporcionou ver a etnografia em termos de “observação participante” envolvendo descrições minuciosas de pequenos grupos e de seus padrões sociais e culturais STREET (2014 p. 65). As práticas de letramento que poderiam ser trabalhadas pela escola teriam um viés contextualizado e realístico, distante da imposição abstrata tão comum nas escolas, dando-nos uma noção da importância da dimensão social proporcionada pelas práticas letradas aliadas a multimodalidade.

No que concerne a leitura de imagens recorri aos estudos de Barthes (1977), Kress e Van Leeuwen (2006), Gomes (2015). Através dos procedimentos de geração de registro, como por exemplo fotos e entrevistas, confirmei a suposta interpretação que tinha dos recursos multimodais: eles ajudam a ampliar os recursos do professor e ajudam no aprendizado dos alunos. No que se refere à multimodalidade os estudos foram de Rojo (2012).

Acredito que as aulas foram modificadas através dos trabalhos que envolveram o letramento digital, a saber, fotos, vídeos e o blog. Outrossim, os discentes desenvolveram atividades relacionadas ao letramento crítico. Com a culminância da proposta didática, foi possível observar como os envolvidos, escola, alunos, pais reagiram à constatação do que os alunos apresentaram: a realidade mostrada através de atividades pedagógicas na perspectiva dos multiletramentos.

Com as atividades orais fica a constatação de que a língua falada como objeto de ensino precisa ganhar força nas escolas, precisa ser estudada para que seja proporcionado o seu reconhecimento.

Os gêneros textuais foram trabalhados na sua diversidade, ampliando a noção de função comunicativa, o que representa uma importante ação pedagógica na escola. Além de incentivar a escrita dos estudantes, a proposta dessa pesquisa buscou tornar reais os modelos textuais, através de escolhas contextualizadas. “(...) Necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.” (BRASIL, 1998, p. 23)

Outro ponto importante é considerar que a realidade das escolas ainda depende muito do quadro branco com único recurso tecnológico, é comum relatos de professores que não dispõem do livro didático, não utilizam outro método de exposição, precisando copiar na lousa toda a matéria e fazer com que os alunos rotineiramente tenham apenas uma única forma de absolvição dos conteúdos programáticos. A carreira do professor é focada na teoria e precarizada quanto à estrutura oferecida para o seu trabalho, desvalorização que é percebida até mesmo pelos estudantes.

A verdade é que a multimodalidade inserida na sala de aula não resolverá todos os problemas das escolas em geral, há a necessidade de ações básicas como a alfabetização, os discentes apresentam muitas dificuldades, mesmo em séries avançadas. A promoção de diferentes oportunidades de aprendizagem será uma realidade em muitas escolas quando usada de forma efetiva para a produção de conhecimento em sala de aula. Para isso, deve haver formação e capacitação de professores, há uma lacuna desde o início da inclusão das tecnologias no currículo e em formações descontínuas. Sem uma política descontínua, veremos a dicotomia entre o uso e a proibição de

tecnologias como o celular na escola. O grande desafio ainda continua sendo utilizar a tecnologia para fins pedagógicos nessas instituições.

Ainda inserimos a esse contexto a metodologia do professor e alguns fatores externos, mas é preciso entender que em situações de precarização, a metodologia do professor ganhará um aliado que fará com que o discurso de revolta de muitos profissionais não coloque em xeque apenas os alunos descompromissados, mas também a forma como a escola oferece o ensino a esses jovens: salas superlotadas, ambiente calorento, falta de professores e metodologia tradicional. De qualquer forma, o ensino da língua está centrado na metalinguagem e não no uso, mostrando que capacitação e informação ainda são necessárias à formação dos professores.

A relação escola-comunidade, além de aparecer na proposta didática de multiletramentos desenvolvida com os alunos, provocando uma reflexão sobre temas da realidade local do Vergel do Lago, como a violência e o lixo em vários pontos da comunidade, também, por meio de um trabalho etnográfico, buscou uma aproximação mais específica com os pais dos alunos. A reação dos pais frente às observações dos estudantes mostrou a relação entre língua e fator social. A passividade das pessoas frente aos problemas sofridos pela comunidade pode ter sido configurada como um obstáculo na formação escolar desses indivíduos.

A aplicação da proposta didática possibilitou-nos observar que os alunos passaram a se posicionar de forma mais reflexiva e crítica diante de questões sociais trazidas para o debate em sala de aula, apesar da pouca experiência com argumentação e da inibição frente aos problemas, constatando que as atividades desenvolvidas podem contribuir para que o aluno também desenvolva o seu papel social.

Por fim, acredito que esta pesquisa pode auxiliar outros professores em seus estudos em sala de aula, além disso, deixo para a educação uma espécie de legado, que não só tenta estudar a realidade de uma instituição de ensino, como também propõe melhorias para a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa. Inserir a multimodalidade na sala de aula em diversas práticas pedagógicas é uma forma de produzir conhecimento e fazer com que os alunos solucionem problemas de maneira independente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. de. **Do texto às imagens: as novas fronteiras do letramento visual.** In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs.). *Linguística Aplicada – um caminho com diferentes acessos.* São Paulo: Contexto, p. 173-202, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso.** In: *Estética da criação verbal.* Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Image, Music, text.** London: Fontana Press, 1977. Disponível em: <https://grrrr.org/data/edu/20110509-cascone/Barthes-image_music_text.pdf> Acesso em: 03 abr. 2018.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática: opressão ou liberdade?** São Paulo: Ática, 1985.

BONINI, Adair. **Os gêneros do jornal.** Coleção Linguística. V4. Florianópolis: Insular, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em: 28 maio 2017.

BUZATO. M. E. K. **Letramentos multimodais críticos: contornos e possibilidades.** Revista CROP, v. 12, p. 108-144, 2007.

CAMPEDELLI, S. Y. SOUZA, J. B. **Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação.** São Paulo: Saraiva, 1998.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre Entrevistas: teoria, prática e experiências.** Petrópolis: Vozes, 2010 (2ª ed.). Disponível em:

https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Coerência, referenciação e ensino**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CALLOW, J. **Reading the visual**: an introduction. In: CALLOW, J. (org.). *Image matters – visual texts in the classroom*. Newtown, Austrália: PETA, p. 1-13, 1999.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DOLZ, J.; GAGNON, R. DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldade de aprendizagem**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNHEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCNHEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ECO, Umberto. **“Os códigos visuais”**. In: *A estrutura ausente*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; Mendonça, João Martinho de Ana Lúcia Camargo Ferraz e João Martinho de Mendonça (Orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**; Brasília- DF: ABA, 2014.

FLOCH, J. M. **Sémiotique, marketing et communication**. Paris: P.U.F, 1990.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura.

FRITZEN, Maristela Pereira. LUCENA, Maria Inêz Probst. **O olhar da etnografia em contextos educacionais**: interpretando práticas de linguagem. Blumenau: Edifurb, 2012.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Multimodalidade e leitura de imagens:** a construção de sentidos em textos verbo-visuais. (Relação texto-imagem em posts do Movimento Passe Livre) UFAL – VI Encontro Nacional da ABEHTE, 2015.

_____. **Relações imagem-texto em textos didáticos para EAD:** um exercício de ressignificação. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ABED, 13. ed., 2007. Em Busca de Novos Domínios e Novos Públicos Através da EAD, 2007.

HEBERLE, Viviane. **Multimodalidade e multiletramento:** pelo estudo da linguagem como prática social multissemiótica. In: K. Silva; F. Daniel; S. Marques (Org.). A formação de professores de línguas: Novos olhares Volume II. 1ed. Campinas: Pontes, 2012, v. 2, p. 83-106.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/unesco-identifica-avancos-na-educacao-basica-e-alfabetizacao/21206> Acesso em: 20 jul. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Lisboa, Ed. 70, 2007. Disponível em: <https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2018.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

KRESS, G; VAN LEEUWEN. **Reading images:** the grammar of visual design. London: New York: Routledge, 2006 [1996].

LAROUSSE, Ática : **Dicionário de Língua Portuguesa** – Paris: Larousse / São Paulo: Ática, 2001.

LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em:

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

LINS, Heloísa Andréa de Matos. **Tecnologias, linguagens e letramentos: sociedade, educação e subjetividade**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura no Brasil – ALB, 2015.

LUZ, Leandro T. A. . **ORALIDADE, ESCRITA E LETRAMENTO: REFLEXÕES CONCEITUAIS EM TORNO DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADORA**. Entretextos (UEL), Londrina - PR, v. 5, p. 79-96, 2005. Disponível em: <http://discutindogeneros.blogspot.com/2013/05/oralidade-escrita-e-letramento.html>> Acesso em: 20 jul. 2018.

MARCUSCHI, Beth. **Escrevendo na escola para a vida**. In Rangel, E. O. e Rojo, R. H. (orgs.) Coleção Explorando o ensino - Língua Portuguesa, Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 fev. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcus_chi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf> Acesso em: 17 out. 2017.

_____. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos** in: SIGNORINI, I. (org.) Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. IN: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais. São Paulo: Cortez, 2010a, p. 15-80.

_____. **Oralidade e escrita.** Conferência de abertura do II Encontro Franco-brasileiro de Ensino de Língua. Revista Signótica.V.9 UFRN, Natal, 1995. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396/5262>> Acesso em: 05 jul. 2018.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Prática de formação de professores na educação a distância.** Maceió: EDUFAL, 2008.

NASCIMENTO, E. L. **Gêneros da atividade, gêneros textuais:** repensando a interação em sala de aula. In: _____. (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Clara luz, p. 51-90, 2009.

PERRENOUD, Phillipe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Editora Porto, 1995.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

POSSENTI, S. **Enunciação, autoria, estilo.** Revista da FAEEBA, Salvador, n.15, pp.15-21, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero15.pdf>. Acesso em: 20 mar.2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital:** um tema em gêneros efêmeros.UFMG :In: Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação.** Revista de Antropologia, São Paulo, v. 48, n. 2, jul.- dec. 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Linguística aplicada** : ensino de língua materna / Rosângela Hammes Rodrigues, Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: <http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Linguistica_Aplicada_UFSC.pdf> Acesso em: 20 nov. 2018.

ROJO, Roxane. **A prática da leitura em sala de aula:** praticando os PCNs. São Paulo : Mercado de Letras, 2000.

_____, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____, Roxane. **Modelização didática e planejamento**: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, Angela B. (org.) Formação do professor: perspectivas da linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 313-335.

_____. Roxane H. R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Fernando Roberto Lima dos. **Narrativas digitais, paródias, colagem e remix**: explorando o uso do celular em aulas de língua portuguesa. Dissertação (mestrado profissional em Letras) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Proletras. Maceió, 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Claudemira Maria Rocha. **Novos letramentos no ensino de língua portuguesa**: reflexões sobre a construção identitária de alunos de um nono ano, da professora e da escola. Dissertação (mestrado profissional em Letras) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Proletras. Maceió, 2015.

SILVA, Rubian Antônio da. **O rap e outros gêneros musicais como prática social sob a perspectiva dos multiletramentos em sala de aula do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado profissional em Letras) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Proletras. Maceió, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Brian V Street; tradução Marcos Bagno. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TERZI, S. B. **Transformações do letramento nas práticas locais**. In: Kleiman, A. ; Cavalcanti, M. (Org.). Linguística Aplicada: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

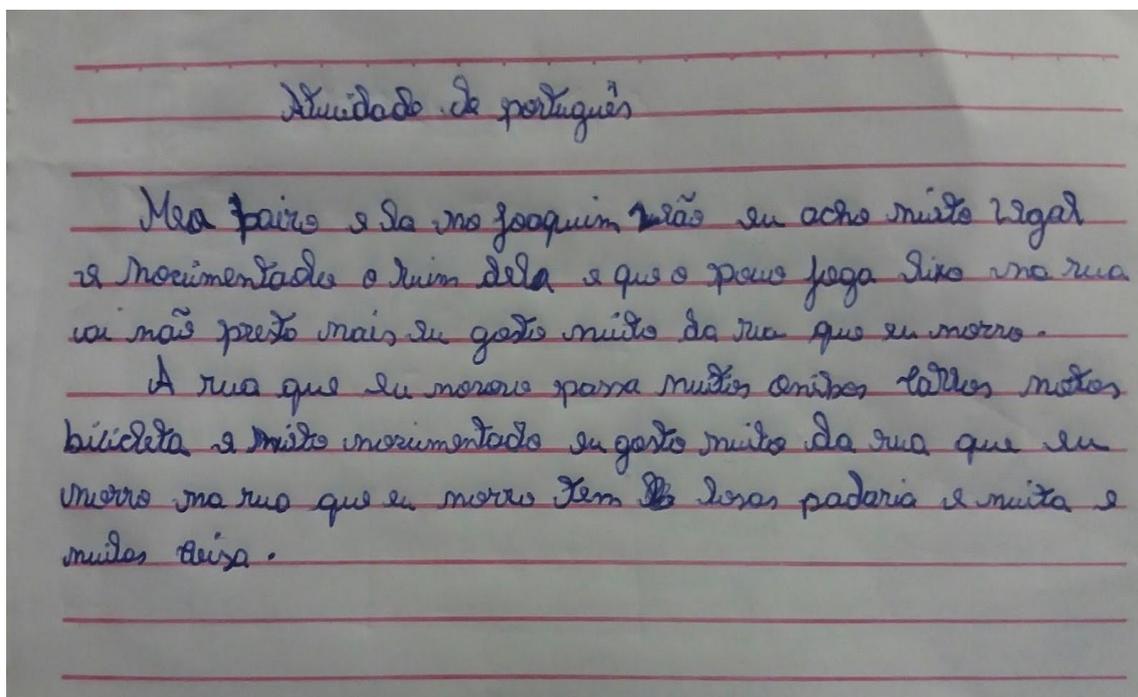
VIEIRA, Josenia. **Introdução à Multimodalidade**: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social/ Josenia Vieira e Carminda Silvestre. – Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

ANEXOS

Pátio da escola estadual



Produções dos alunos





Encontro com os pais



Sala de informática da escola estadual



Blog com as atividades digitais produzidas pelos alunos:

jornaurelina.blogspot.com